

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS- CCSH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE COM
FILHOS ADOLESCENTES: O OLHAR DE MÃES DE
GRUPOS POPULARES**

Dissertação de Mestrado

Sabrina Dal Ongaro Savegnago

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE COM FILHOS
ADOLESCENTES: O OLHAR DE MÃES DE GRUPOS POPULARES**

por

Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof. Dra. Dorian Mônica Arpini

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dal Ongaro Savegnago, Sabrina
Conversando sobre sexualidade com filhos
adolescentes: o olhar de mães de grupos populares /
Sabrina Dal Ongaro Savegnago.-2014.
186 p.; 30cm

Orientador: Dorian Mônica Arpini
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2014

1. adolescente 2. família 3. sexualidade 4.
comunicação 5. educação sexual I. Mônica Arpini, Dorian
II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE COM FILHOS
ADOLESCENTES: O OLHAR DE MÃES DE GRUPOS POPULARES**

elaborada por
Sabrina Dal Ongaro Savegnago

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dorian Mônica Arpini, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Ana Cristina Garcia Dias, Dra. (UFSM)

Silvia Pereira da Cruz Benetti, Dra. (UNISINOS)

Santa Maria, 20 de janeiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o qual me dá força e coragem para enfrentar os desafios encontrados durante minha trajetória.

Aos meus pais Élide e Luiz, por terem me proporcionado as condições sobretudo afetivas para que eu chegasse até aqui, sempre me encorajando a alçar voos cada vez mais distantes, e ao mesmo tempo transmitindo-me a certeza de que sempre poderei tê-los como minha base segura.

À Gleica, pelo carinho e pela parceria e cumplicidade de irmã.

Ao meu noivo Leonardo, pelo amor e pelo apoio durante estes dois anos de mestrado. Obrigada, sobretudo, por desejar compartilhar comigo sonhos, projetos e alegrias.

Aos queridos amigos e colegas de profissão Ana Júlia, Jamille, Juliane e Rodrigo, os quais sempre estiveram presentes afetivamente.

À Adelise, com quem tive o prazer de dividir sete anos de UFSM. Foram sete anos de muita amizade, almoços no RU, mates e conversas, compartilhando angústias e alegrias. Obrigada pela acolhida de sempre.

Às “melhores colegas de mestrado”. Vocês tornaram estes dois anos muito especiais e comprovaram que a vida de mestrandos não precisa se resumir a estudos e produção.

A todos os colegas do Núcleo de Estudos da Infância, Adolescência e Família, aos que seguiram seus rumos fora da UFSM e aos que ainda permanecem. Vocês foram muito importantes em minha trajetória.

À professora Mônica, pelos ensinamentos, trocas e amizade construídos nos últimos cinco anos. Obrigada pelas palavras de encorajamento, pelas importantes orientações e a grande atenção dispensada a esse trabalho.

Ao Centro de Referência de Assistência Social que acolheu de braços abertos a mim e a minha proposta de pesquisa.

Às mães participantes deste estudo, pela sinceridade e espontaneidade com que apresentaram suas ideias e pela disponibilidade em participar dos grupos e entrevistas.

À CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pelo auxílio financeiro durante estes dois anos.

À Universidade Federal de Santa Maria, da qual me despeço após sete anos de trajetória, pela oportunidade de ter tido um estudo gratuito e de qualidade.

O Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo.

*Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas*

*esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.*

Medo que ofusca: luz!

*Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:*

*Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!*

Mário Quintana

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal de Santa Maria

CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE COM FILHOS ADOLESCENTES: O OLHAR DE MÃES DE GRUPOS POPULARES

AUTOR: SABRINA DAL ONGARO SAVEGNAGO
ORIENTADORA: DORIAN MÔNICA ARPINI

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 20 de janeiro de 2014.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo conhecer a percepção de mães de grupos populares acerca do diálogo sobre sexualidade com seus filhos adolescentes. Com este intuito, realizou-se um estudo qualitativo, do qual participaram mães de adolescentes usuárias de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Foram realizadas nove entrevistas e dois grupos focais, com a presença de três a cinco participantes por grupo. Os grupos e as entrevistas foram analisados a partir da Análise de Conteúdo. Os resultados estão apresentados em três artigos. No primeiro deles, busca-se compreender, a partir da percepção das mães participantes, os desafios para o estabelecimento do diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes. Evidencia-se que as mães participantes têm apresentado algumas dificuldades para dialogar sobre sexualidade com os filhos, por isso, poderiam estar transferindo à escola a tarefa de abordar o assunto. Além da escola, as mães apontaram os serviços de saúde pública, a internet e os irmãos como fontes de informações sobre sexualidade utilizada pelos seus filhos. O segundo artigo apresenta tanto a forma como as mães participantes relataram ter vivenciado a questão do diálogo sobre sexualidade na família durante sua própria adolescência, quanto o modo como elas afirmaram tratar essa temática com seus filhos adolescentes. Os resultados deste artigo mostram que a maioria das participantes relatou um passado marcado por silenciamento, tabus e traumas em relação à questão da sexualidade. Muitas delas destacaram suas tentativas para não reproduzir o modelo familiar, ou seja, procurando abordar o tema com seus filhos. O terceiro artigo reflete, a partir do ponto de vista das mães, sobre alguns aspectos referentes ao diálogo sobre sexualidade entre pais e adolescentes. A maioria das participantes referiu ter mais facilidade para conversar com as filhas adolescentes do que com os filhos. Algumas relataram sentimentos de despreparo e vergonha para falar sobre certos assuntos relacionados à sexualidade com os filhos, os quais teriam mais abertura com outros familiares do sexo masculino. Observou-se, a partir dos relatos das participantes, tanto a percepção de que os adolescentes já teriam informações suficientes sobre o assunto quanto a ideia de que eles esperariam esclarecimentos e abertura para o diálogo por parte dos pais. Diante da realidade constatada nestes artigos, pode-se dizer que, apesar da complexidade do tema da sexualidade e das dificuldades enfrentadas pelas mães para abordá-lo com os filhos, a maioria delas pareceu esforçar-se para que este diálogo aconteça, de forma diferente da vivenciada por elas, o que deve ser reconhecido como algo bastante positivo. Por fim, destaca-se a necessidade de políticas públicas que atuem junto às famílias, incentivando o diálogo entre pais e filhos.

Palavras-chave: Adolescente. Família. Sexualidade. Comunicação. Educação Sexual.

ABSTRACT

Master's Thesis
Postgraduation Program in Psychology
Universidade Federal de Santa Maria

TALKING ABOUT SEXUALITY WITH TEENAGERS: THE VIEW OF THE MOTHERS OF POPULAR GROUPS

AUTHOR: SABRINA DAL ONGARO SAVEGNAGO

ADVISOR: DORIAN MÔNICA ARPINI

Place and Date of Defense: Santa Maria, January 20th , 2014.

Abstract

The present study aimed to understand the perception of mothers of popular groups on the dialogue about sexuality with their teenagers. For this purpose, it was performed a qualitative study, involving mothers of teenagers attending a Reference Center for Social Assistance (RCSA) from a country town of Rio Grande do Sul State. Nine interviews and two focal groups were performed, comprising three to five participants each group. Groups and interviews were analyzed using the analysis of content. The results are shown in three articles. In the first, it was aimed to understand the perception of the participating mothers, the challenges to establishing the dialogue about sexuality with their adolescent children. It stands out that the participating mothers presented some difficulties to talk about sexuality with their children, and thus, they could be transferring to the school the task of addressing this issue. Apart from school, these mothers indicated the public health services, internet and siblings would be sources of information about sexuality used by their children. The second paper presented, firstly, how the participating mothers reported having experienced the issue of dialogue about sexuality in family during their own adolescence, and secondly, the way how they deal this topic with their teenagers. The results show that most of the participants reported a past marked by silence, taboo and traumas regarding to sexuality. Many of them highlighted their attempts of not to reproduce the former familiar model, in other words, seeking to address this issue with their children. The third paper reflects, from the point of view of mothers, on some aspects of dialogue about sexuality between parents and teenagers. Most of the participants reported to have more easiness to talk with the teenage daughters than with sons. Some of the mothers reported the feeling of to be unprepared and embarrassed when it is need to talk about certain issues related to sexuality with their children, which would be more comfortable to address this subject with other male relatives. It was observed, from the participant's reports, both, the perception that teenagers already have enough information on this subject, as well as the idea that they would expect clarification and openness to dialogue from their parents. Faced the reality observed in these studies, it is possible to say that, despite the complexity of the issue of sexuality and the difficulties faced by mothers to approach it with their children, most of them seemed to strive to reach this dialogue, differently of what was lived by them in the past, a fact which must be recognized as something highly positive. Finally, it is highlighted the needs for public policies that act along with families, encouraging the dialogue between parents and children.

Keywords: Teenagers. Family. Sexuality. Communication. Sex Education.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevistas.....	199
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Grupos Focais.....	201
Apêndice C - Termo de autorização institucional.....	203
Apêndice D - Termo de Confidencialidade.....	204
Apêndice E - Ficha de Dados Sociodemográficos.....	205
Apêndice F - Eixos norteadores das entrevistas.....	206
Apêndice G - Vinhetas disparadoras dos grupos focais.....	207

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	18
INTRODUÇÃO.....	19
1. Adolescência.....	23
2. Sexualidade.....	27
2.1. Adolescência e sexualidade.....	30
3. Família.....	32
3.1. O papel da família e sua evolução ao longo da história.....	32
3.2. Famílias de grupos populares.....	35
3.3. O papel das mães/mulheres nas famílias de grupos populares.....	37
4. Diálogos sobre sexualidade na família.....	40
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	45
Desenho do estudo.....	45
Participantes.....	47
A instituição.....	50
Procedimentos.....	51
Análise das informações.....	54
Aspectos éticos.....	56
ARTIGO 1.....	59
Resumo.....	61
Abstract.....	63
INTRODUÇÃO.....	65
MÉTODO.....	69
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	96
ARTIGO 2.....	102
Resumo.....	105
Abstract.....	107
INTRODUÇÃO.....	109
MÉTODO.....	114
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	144
ARTIGO 3.....	150
Resumo.....	153
Abstract.....	155
INTRODUÇÃO.....	157
MÉTODO.....	161
RESULTADOS.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	187

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada “Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares”. Para sua apresentação, optou-se pelo formato de artigos científicos, o que é permitido institucionalmente, conforme o Manual de Estrutura de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2012). Entende-se, pois, que, através da publicação da presente dissertação em tal formato, vai-se ao encontro do objetivo do Programa de Pós-Graduação (PPG) de publicar os resultados provenientes do trabalho de dissertação na modalidade de artigo em periódicos científicos.

Considerando tais pontuações, esta dissertação foi organizada em cinco capítulos. O primeiro traz uma introdução, abordando aspectos teóricos que embasam os resultados e a discussão dos dados referentes à temática do diálogo sobre sexualidade com adolescentes. Nesse sentido, a introdução é dividida em quatro subcapítulos, nos quais são abordadas questões relacionadas à adolescência, sexualidade, família e, especificamente, ao diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar. No segundo capítulo, apresentam-se os aspectos metodológicos condizentes à técnica empregada para a coleta e análise dos dados da presente pesquisa. Os três capítulos seguintes trazem estudos oriundos do trabalho de pesquisa sob o formato de artigos, apresentando os resultados e a discussão. O primeiro artigo trata dos desafios para o estabelecimento do diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes, a partir o ponto de vistas das mães. O segundo reflete sobre a forma como as mães participantes relataram ter vivenciado a questão do diálogo sobre sexualidade na família durante sua própria adolescência, além do modo como elas afirmaram tratar essa temática com seus filhos adolescentes. O terceiro artigo apresenta a percepção das participantes sobre os assuntos mais abordados com os adolescentes em relação à sexualidade, as diferenças entre meninos e meninas em relação ao diálogo sobre sexualidade e o que as mães acreditam que os adolescentes esperam dos pais em relação a estas questões.

INTRODUÇÃO

Esta proposta de estudo surgiu a partir da participação anterior em uma pesquisa que envolveu adolescentes do sexo feminino, intitulada “Conversando sobre sexualidade na família: o olhar de meninas de grupos populares” (SAVEGNAGO, 2011). Tal pesquisa teve como foco o estudo do entendimento de adolescentes de grupos populares sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de conversação deste tema no contexto familiar. Dentre os resultados, as participantes destacaram que a sexualidade é um assunto pouco tratado na família e que a maioria dos pais não dá abertura para que este tema seja discutido. A maior parte das meninas participantes afirmou que nunca tiveram um diálogo aberto sobre sexualidade com seus pais, tampouco receberam informações sobre o assunto. As adolescentes demonstraram ter curiosidade e desejo de saber sobre o assunto e afirmaram realizar tentativas para que ele seja tratado na família. Porém, na perspectiva das mesmas, diante destas tentativas, acontecia uma “fuga” por parte dos pais com relação a esse tema. Perante o silêncio dos pais, elas relataram buscar outras fontes de informação e diálogo, sendo os amigos a principal delas. Neste sentido, o estudo aqui proposto pode complementar o panorama do problema, enfocando o tema dos diálogos sobre sexualidade com adolescentes sob a ótica de mães.

A realização deste estudo com mães leva em conta o fato de que, no que se refere ao diálogo sobre sexualidade na família, a mãe é a figura mais referida pelos adolescentes. Estudos já realizados constataram que, quando há algum grau de diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar, este se dá majoritariamente com a mãe (AQUINO *et al.*, 2006; BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007; BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; BOZON; HEILBORN, 2006; BRANDÃO, 2004; GUBERT; MADUREIRA, 2008; PICK; PALOS, 1995; PREDEBON, 2002; SAVEGNAGO, 2011). Apesar das dificuldades e limitações existentes para se abordar a temática da sexualidade, geralmente são as mães que se esforçam para fazê-lo. Por outro lado, os pais podem ter pouca habilidade para o diálogo, muitos possuem um distanciamento relacional dos filhos ou não são disponíveis para negociações familiares (BRANDÃO, 2004).

Este trabalho justifica-se ainda pelo fato de haver poucos estudos nesta área. De acordo com Borges, Latorre e Schor (2007), existem poucas pesquisas brasileiras que enfocam o adolescente e a sexualidade sob a ótica da influência da família. Levantamento realizado nas bases de dados SCIELO e PEPSIC, de maio a setembro de 2012, utilizando-se

os descritores “adolescência”, “família” e “sexualidade”, mostrou que, de 2007 até o momento, a produção nacional referente a este tema continua tímida. A compreensão do papel dos pais de adolescentes no início de sua vida sexual constitui-se um elemento fundamental para expansão do conhecimento e da atuação no campo da saúde sexual e reprodutiva (BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007). Destaca-se que a maioria dos estudos existentes sobre o tema enfoca o ponto de vista dos adolescentes sobre as conversas sobre sexualidade. Poucas pesquisas levam em consideração o olhar dos pais sobre o fenômeno. Neste sentido, Sarti (2004) salienta a importância de questionar como a própria família entende suas dificuldades, suas necessidades, suas aspirações e quais são as alternativas que ela encontra para lidar com seus problemas, principalmente no que se refere aos adolescentes.

A ausência de abertura para o diálogo a respeito do tema da sexualidade pode distanciar pais e filhos e provocar um sentimento de desamparo nos adolescentes, uma vez que esse momento é marcado por dúvidas, angústias e muitas transformações no âmbito da sexualidade. O assunto tem sido tratado na sociedade de modo geral, por vezes até banalizado, o que pode muitas vezes confundir os pais com relação ao saber dos filhos sobre a temática. Evidencia-se que, apesar do fato da sexualidade estar fortemente presente em diferentes contextos, não significa que as dúvidas dos adolescentes com relação ao tema tenham sido resolvidas. Desse modo, os pais não poderiam ser liberados de sua importante tarefa no tratamento do tema (SAVEGNAGO; ARPINI, no prelo).

Neste sentido, este estudo teve como objetivo conhecer a percepção de mães de grupos populares acerca do diálogo sobre sexualidade com seus filhos adolescentes. Para alcançar os objetivos propostos no projeto e compreender de forma mais ampla e profunda a percepção de mães de adolescentes acerca desta temática, foi realizado um estudo qualitativo. Participaram da pesquisa mães de adolescentes usuárias do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) da região Oeste de Santa Maria. Foram realizadas nove entrevistas e dois grupos focais, com a presença de três a cinco participantes por grupo. Os grupos e as entrevistas foram gravados e posteriormente transcritos para análise das informações, a partir da Análise de Conteúdo como proposta por Bardin (1977).

Neste trabalho, as reflexões sobre adolescência e sexualidade terão como base a perspectiva teórica da psicanálise. Optou-se por esta escolha, principalmente por esta teoria ter trazido importantes contribuições acerca destas temáticas. De acordo com Turato (2003), a psicanálise é concebida como uma teoria científico-metodológica que, a partir das concepções freudianas, permite-nos enxergar as dimensões internas do indivíduo, considerando o

inconsciente e esclarecendo os determinantes de sua história. Esta teoria permite a compreensão e interpretação dos sentidos e significados, os quais são fundamentais em investigações qualitativas (TURATO, 2003). Nas reflexões referentes à família e aos grupos populares, serão referenciados autores com perspectivas sociológicas, antropológicas e do campo da Psicologia Social.

A revisão de literatura apresentada a seguir está dividida em quatro capítulos. Primeiramente, será enfocada a temática da adolescência, a partir da utilização de referenciais teóricos da psicanálise. No segundo capítulo, serão discutidas questões referentes à sexualidade, desde uma perspectiva mais geral, até a relação entre sexualidade e adolescência. No terceiro capítulo, será lançado um olhar sobre a família, com destaque às de grupos populares e ao papel que a mãe assume nas famílias pertencentes a estes grupos. E, no quarto capítulo, será discutida especificamente a questão do diálogo sobre sexualidade no contexto familiar, partindo-se da apresentação de alguns estudos já realizados sobre o tema.

1. Adolescência

A adolescência é uma etapa importante para a consolidação da personalidade e constituição da identidade adulta, sendo um período de mudanças e descobertas (ABERASTURY, 1981/2007; KNOBEL, 1981/2007). Puberdade refere-se às manifestações físicas do amadurecimento sexual. Já a palavra adolescência se relaciona com os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência (BLOS, 1962/1998).

O conceito de adolescência é relativamente recente e teve origem no ocidente. Ainda que determinados componentes psicológicos e corporais tenham sempre existido no jovem, independentemente do momento histórico, a sociedade nem sempre reconheceu as características específicas da adolescência. Assim, num processo que se iniciou nas nações e culturas industrializadas, os adultos passaram a considerar as demandas e as características fisiológicas e psicológicas próprias da adolescência e começaram a reconhecê-la como uma etapa distinta do desenvolvimento humano. Desse modo, este período passou a ser estudado mais profundamente e configurou-se num campo de estudo com legitimidade própria. No entanto, ainda hoje existem sociedades nas quais a adolescência não é reconhecida. Este aspecto fica evidente, por exemplo, em locais onde crianças passam diretamente para o mundo adulto, a partir de casamentos realizados aos 13/14 anos de idade (SPRINTHALL; COLLINS, 2003).

A puberdade, que marca a transformação do corpo infantil em um corpo adulto com possibilidade de reprodução, é reconhecida em todas as culturas. Desde a Grécia antiga até as sociedades indígenas do Brasil, essa transição da infância para a vida adulta é seguida de rituais, os quais desempenham o papel de reinscrever simbolicamente o corpo do púbere, o qual não pertence mais ao mundo infantil, a fim de que passe a assumir um lugar no mundo adulto (KEHL, 2004).

Em sociedades não desenvolvidas tecnologicamente, a passagem da condição infantil ao status de adulto é definida com mais nitidez do que nas sociedades industrializadas e, por vezes, ocorre através de dolorosas provas de iniciação. Cada sociedade possui seus próprios modelos de iniciação, a partir dos quais são transmitidos ao adolescente os valores da sociedade onde lhe está reservado um espaço, possibilitando a sua inserção social no mundo dos adultos (DELUZ, 1999). Se a ocorrência de rituais de passagem configura a adolescência, então pode-se pensar que na nossa sociedade ela não está claramente definida, pois não se faz presente um acompanhamento e uma preparação do adolescente para que assuma sua nova posição social (SARTI, 2004). Nesse sentido, o jovem acaba tendo que conquistar sozinho seu espaço e sua independência e, quando abandona a condição de adolescente, descobre isso quase sempre à própria custa (MANNONI, 1999). Assim, sem rituais que instituem esse momento e o legitimem como um estado de transição, o adolescente pode ocupar um lugar de contestação, contrapondo-se ao mundo adulto. Ele é “uma não-mais-criança e um não-adulto e, frequentemente, considerado um problema para o mundo adulto, o ‘aborrecente’” (SARTI, 2004, p. 124).

As modificações psicológicas que acontecem nesta época, as quais estão diretamente relacionadas com as transformações corporais, geram uma nova relação do adolescente com os pais e com o mundo (ABERASTURY, 1981/2007). Neste mesmo sentido, Blos (1962/1998) menciona que o processo de pubescência afeta o adolescente no que se refere a seus interesses, comportamentos e ao desenvolvimento de sua vida afetiva. Quando as mudanças corporais começam a acontecer, o adolescente passa a sofrer o processo de perda da identidade infantil. Diante disso, ele gasta grande parte de sua energia no caminho de busca de uma identidade. No momento em que o adolescente se torna capaz de aceitar suas mudanças corporais e a presença simultânea de aspectos infantis e adultos, começa a nascer a sua nova identidade (ABERASTURY, 1981/2007).

A adolescência pode ser um período doloroso e confuso, marcado por muitas contradições, ambivalências e por atritos com a família e o meio social. Esta situação muitas

vezes é confundida com crises e estados patológicos (ABERASTURY, 1981/2007). Nesse sentido, Knobel (1981/2007) fala da síndrome normal da adolescência, que, em síntese, é marcada pelas seguintes características: busca da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, deslocalização temporal (o pensamento adquire as características de pensamento primário), evolução sexual (indo do autoerotismo até a sexualidade genital adulta), atitude social reivindicatória, contradições excessivas no comportamento, separação progressiva dos pais e frequentes flutuações de humor.

Para o adolescente, a maturação do corpo ainda não significa maturidade. Desse modo, a autonomia tão esperada e idealizada é refreada e postergada. Ou seja, o adolescente precisa suportar a lacuna entre a perda da condição de criança amada e a ainda não conquistada condição de adulto reconhecido e autônomo. Assim, a adolescência na modernidade tem o sentido de uma moratória, período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta (CALLIGARIS, 2000; KEHL, 2004).

O mundo dos adultos pode ser visto pelo adolescente como desejado e, ao mesmo tempo, temido. Ao entrar neste mundo, o adolescente perde definitivamente sua condição de criança. Trata-se de um período crucial na vida do ser humano, sendo um momento decisivo de um processo de amadurecimento que se iniciou no nascimento. Assim, o adolescente deve elaborar três lutos fundamentais para desprender-se do mundo infantil e enfrentar o mundo adulto: “o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância” (ABERASTURY, 1981/2007, p.13).

Tanto as transformações físicas irrefreáveis quanto as exigências do mundo externo podem ser inicialmente sentidas pelo adolescente como uma invasão, o que o leva a reter defensivamente suas conquistas infantis, apesar de existir o prazer e o desejo de obter um novo status. Esta condição pode levar o adolescente a se refugiar em seu mundo interno a fim de relacionar-se com seu passado e, dessa forma, encarar o futuro. Diante da perda da identidade infantil, o adolescente parte em busca de uma nova identidade, que vai se constituindo em um plano consciente e inconsciente. Assim, evita ser como determinados adultos e elege outros como ideais. Tais modificações vão acontecendo lentamente, sendo que as precipitações não favorecem este processo (ABERASTURY, 1981/2007).

Neste sentido, Erikson (1972), em sua teoria psicossocial, também vincula a adolescência com a formação da identidade. Neste período, o indivíduo vivencia o dilema Identidade versus Confusão de identidade, onde existe uma crise a ser resolvida. Este senso de identidade vai surgindo gradativamente e se forma à medida que o adolescente resolve três

questões: a escolha ocupacional, a adoção de valores nos quais acreditar e de acordo com os quais viver e o estabelecimento de uma identidade sexual satisfatória. A construção de uma identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e as direções que deseja seguir pela vida. A identidade pode ser compreendida como uma concepção de si mesmo, composta de crenças, valores e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido (ERIKSON, 1972).

Nesta época da vida, observa-se também um segundo passo para a individuação, sendo que o primeiro passo foi dado em torno do final do segundo ano de vida, momento no qual a criança experimenta um discernimento entre o eu e o não eu. Durante a adolescência, ocorre uma individuação parecida, mas bem mais complexa, que leva a um senso de identidade. Dessa forma, este processo de autodefinição do adolescente é acompanhado por comportamentos de oposição, rebeldia e resistência. Assim, “a individuação adolescente é acompanhada de sentimentos de isolamento, solidão e confusão” (BLOS, 1962/1998, p. 19). Ou seja, ao mesmo tempo em que há um aumento da diferenciação psicológica durante a adolescência, ocorre uma ampliação da instabilidade psíquica (BLOS, 1962/1998).

Este processo de desprendimento definitivo da infância que ocorre com o adolescente tem um impacto muito forte sobre os pais, aspecto apontado por Aberastury (1981/2007): “Ocorre que também os pais vivem os lutos pelos filhos, precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil” (p. 15). Nesse sentido, La Robertie (1999) destaca que, progressivamente, ocorre uma passagem de uma relação pais-criança para uma relação adulto-adulto, embora esta seja distinta das demais relações pelo aspecto da filiação. Desse modo, se há uma crise adolescente, pode haver também uma crise dos pais, e as duas são correlativas.

As mudanças que caracterizam a crise normal da adolescência repercutem diretamente na vida relacional do adolescente, principalmente no que se refere aos pais, ocorrendo, por vezes, confrontos com estes (LEVISKY, 1995). Pode-se presumir que há uma projeção do mundo adulto no adolescente, no sentido que este se constitui num objeto de expectativas familiares. Assim, os pais podem traçar um rumo a partir do qual o adolescente deve seguir. Desse modo, podem configurar-se conflitos em decorrência da resistência do adolescente em corresponder às expectativas dos pais, no sentido de perpetuação da herança familiar (SARTI, 2004).

Os conflitos entre o adolescente e seus pais podem ser ampliados devido às ansiedades provenientes das transformações que os pais também estão sofrendo, por estarem passando

pela meia idade, a qual pode ser uma fase difícil, permeada pela necessidade de redefinições de natureza existencial, que os coloca em questionamento (LEVISKY, 1995). Além disso, os pais podem angustiar-se neste período principalmente em decorrência das evocações conscientes e inconscientes de suas fantasias e de comportamentos presentes em sua própria adolescência (LEVISKY, 1995; LA ROBERTIE, 1999). Dessa forma, por vezes, as dificuldades dos adultos em lidar com as questões do adolescente, principalmente àquelas ligadas à sexualidade, a decisões ou dúvidas existenciais, relacionam-se ao fato de que estas remetem às questões de suas próprias vidas, as quais lhes angustiam (SARTI, 2004).

Além disso, Calligaris (2000) refere que o adolescente é um bom intérprete do desejo do adulto e isso faz com que haja desencontros entre adulto e adolescente. Dessa forma, nos momentos em que este adolescente atua, ele pode estar cumprindo um ideal que corresponde a algum desejo reprimido do adulto. Assim, o adulto nega ser detentor desse desejo, ao mesmo tempo em que o reprime ainda mais no adolescente.

2. Sexualidade

A palavra sexualidade pode ter significados diferentes e referir-se a questões específicas conforme o campo de saber a partir do qual se observa. Sob uma perspectiva biológica, por exemplo, a sexualidade refere-se às funções de diferenciação sexual e de reprodução. Comumente, quando se fala de sexualidade, esta é relacionada aos comportamentos observáveis, à atividade sexual consciente, e suas manifestações funcionais, relacionais e afetivas. Esta concepção é compartilhada pelo discurso do senso comum e pelo discurso médico. No entanto, a partir de Freud, a sexualidade passou a ser compreendida para além desta perspectiva (DESPRATS-PÉQUIGNOT, 1992/1994).

Pode-se dizer que a noção de sexualidade passou por uma transformação ao longo do tempo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996) e teve como divisor de águas a teoria psicanalítica. A partir do século XX, as concepções de Freud assinalam um entendimento totalmente novo acerca da sexualidade (DESPRATS-PÉQUIGNOT, 1992/1994). O trabalho de Freud expôs pela primeira vez uma visão sistemática da sexualidade a partir do ponto de vista psicanalítico, que se contrapôs às concepções produzidas até então (GARCIA, 2001). A psicanálise atribui grande importância à sexualidade na vida psíquica e no desenvolvimento do ser humano (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996).

De acordo com a teoria psicanalítica, a sexualidade não se refere apenas às atividades sexuais e ao prazer relacionado ao funcionamento do aparelho genital. Trata-se de um conceito muito mais amplo, que designa “toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996, p. 476).

Segundo a opinião popular, a sexualidade humana consiste basicamente na busca pela união genital de duas pessoas de sexo oposto, associada a atividades introdutórias ao ato sexual, como beijar, tocar e olhar o corpo alheio. Além disso, de acordo com essa perspectiva, a sexualidade estaria presente a partir da puberdade e estaria a serviço da reprodução (FREUD, 1905/1996; 1940 [1938]/1996). No entanto, a ideia de sexualidade designada como um instinto, ou seja, um comportamento pré-formado, característico da espécie, que possui um objeto (parceiro do sexo oposto) e uma meta (união genital) definidos, não dá conta de explicar o que se observa e se analisa (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996).

Nesse sentido, Em “Esboço de psicanálise” (1940 [1938]/1996), Freud afirma que, devido ao fato de sua teoria ter contrariado todas as opiniões populares a respeito da sexualidade, provocou espanto e oposição em muitas pessoas naquela época. Assim, neste texto, ele expõe de forma sintética os três principais achados da psicanálise no que concerne à sexualidade. O primeiro refere-se à questão de que a vida sexual não se inicia na puberdade, mas já se manifesta claramente logo após o nascimento. O segundo diz respeito à necessidade de se distinguir nitidamente os conceitos de sexual e genital. Desse modo, o conceito de sexual é amplo e abrange muitas atividades que não tem relação com os órgãos genitais. E o terceiro refere-se à ideia de que a vida sexual abarca a função de alcançar prazer das zonas do corpo, função esta que posteriormente pode ser posta a serviço da reprodução (FREUD, 1940 [1938]/1996).

Freud (1905/1996) apresenta a ideia de que a criança possui uma disposição perversa polimorfa. Ou seja, ela possui diversas formas de exercício da sexualidade, dentre as quais podem-se citar a retenção de fezes, a masturbação e o sugar do seio materno (DESPRATS-PÉQUIGNOT, 1992/1994). Freud faz referência ao chuchar como exemplo de manifestação sexual infantil, o qual consiste na repetição rítmica de uma sucção de alguma parte do corpo que esteja ao alcance da criança. Esta sucção feita com a boca ou os lábios não tem nenhum propósito de nutrição. Ao mamar no seio materno ou de alguém substituto, a criança teve os

primeiros contatos com a sensação prazerosa advinda da estimulação oral. Assim, o ato de chuchar é determinado pela procura por um prazer que já foi experimentado e que agora é recordado. Desse modo, inicialmente a satisfação da zona erógena, no caso a boca, associou-se à necessidade de nutrição. Ou seja, a atividade sexual apoia-se primeiramente numa função necessária à manutenção da vida e só depois se torna independente dela (FREUD, 1905/1996).

A sexualidade, para Freud, é por excelência do campo pulsional, não é instintiva e não pode ser compreendida a partir de uma perspectiva psicobiológica (ELIA, 1995). Freud (1915/1996) define pulsão como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (p. 127). Ele refere-se ainda a quatro componentes da pulsão, a saber, pressão, finalidade, objeto e fonte. Pressão consiste na força motora impulsionadora da pulsão. Sua finalidade última consiste sempre na satisfação. Esta satisfação só pode ser alcançada a partir da eliminação do estado de estimulação na fonte da pulsão. Freud considera fonte um processo somático desconhecido, percebido como um desequilíbrio físico-químico localizado em algum órgão. Quanto ao objeto, este é o que há de mais variável na pulsão. Freud o define como a coisa a partir da qual a pulsão pode alcançar sua finalidade. Pode ser, por exemplo, uma parte do próprio corpo do indivíduo. Originalmente não se encontra ligado à pulsão, ou seja, pode-se dizer que não existe um objeto próprio da pulsão. O autor salienta que não há como fugir da pulsão, pois ela não atua como uma força que produz um impacto momentâneo, como seria no caso de um estímulo. Ela é interna e seu impacto é constante (FREUD, 1915/1996).

É a partir da investigação psicanalítica das perturbações mentais que Freud elabora sua concepção acerca da sexualidade. Ele constatou, a partir de sua experiência clínica, que as psiconeuroses baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Ou seja, a energia da pulsão é a única e mais importante fonte de energia presente na neurose, de tal modo que a vida sexual se expressa nestes sintomas de alguma forma (FREUD, 1905/1996).

Nesse sentido, Masotta (1987) traça suposições utilizando a questão da pulsão para explicar por que a sexualidade pode tornar-se intolerável a ponto de produzir efeitos patogênicos, assim como indaga-se sobre o que há no sexo que o tornaria reprimível. Para a psicanálise, a sexualidade é algo que não tem a ver com o Saber cotidiano, pois as concepções freudianas separam o sexo do Saber. Assim, o autor reflete sobre o fato de que a psicanálise

mostra que as pessoas não adoecem por ignorarem as regras biológicas referentes ao sexo, mas sim porque não querem saber acerca do que é inerente à sexualidade. Desse modo “O sujeito não sabe sobre aquilo que está na origem dos sintomas que suporta (está aí o inconsciente), porque nada quer saber sobre o fato de que não pode saber que não existe Saber sobre o sexual” (p. 26). Ou seja, “o que está em jogo no sexo é o Saber sobre o objeto” (p. 26). No entanto, a pulsão não facilita esse saber, já que, como foi destacado anteriormente, o objeto é o que há de mais variável na pulsão, não existindo, assim um objeto que lhe seja próprio. O fato de a sexualidade ser reprimida relaciona-se ao que ela possui de enigmático. Quando se reprime é porque não se quer tomar conhecimento de algo que exige ser reconhecido. E o que exige ser reconhecido é justamente o fato de que não existe um Saber unido ao sexo (MASOTTA, 1987).

2.1. Adolescência e sexualidade

Para a psicanálise, a adolescência constitui a etapa final da fase genital, quarta fase de desenvolvimento psicosexual, a qual foi precedida pelo período de latência (BLOS, 1962/1998). A possibilidade de reprodução vai surgir nesta etapa da organização da sexualidade humana (FREUD, 1905/1996). O aparecimento de caracteres sexuais secundários coloca o adolescente diante da evidência de seu novo status e da perda de seu corpo infantil. Assim, o surgimento da menstruação na menina e do sêmen no menino, duas funções fisiológicas que amadurecem neste período, sinalizam a presença da genitalidade, que lhes impõem o papel que deverão adotar na união com o parceiro e na procriação (ABERASTURY, 1981/2007; KNOBEL, 1981/2007).

Freud (1905/1996) aponta duas transformações decisivas advindas com a chegada da puberdade: a retomada do processo de encontro do objeto e a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais. Assim, “os atos sexuais outrora autônomos, ligados ao prazer e à excitação, convertem-se em atos preparatórios do novo alvo sexual (a descarga dos produtos sexuais), cuja consecução, acompanhada de enorme prazer, põe termo à excitação sexual” (p. 221). Ou seja, a pulsão sexual, que até o momento era predominantemente autoerótica, encontra nesta fase o objeto sexual.

A escolha objetal ocorre em dois tempos. O primeiro tempo ocorre entre os dois e cinco anos de idade, sendo detido pela latência. O segundo acontece na puberdade, determinando a configuração definitiva da vida sexual do indivíduo (FREUD, 1905/1996).

Assim, a primeira infância e a puberdade são considerados dois períodos cruciais no desenvolvimento da sexualidade. Estas fases surgem apoiadas em funções fisiológicas, a saber, a lactância na primeira infância e a maturação genital na puberdade (BLOS, 1962/1998). Conforme abordado anteriormente, Freud, na obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1996), afirma que a sexualidade não é característica exclusiva da puberdade, pois ela se faz presente desde a infância. Assim, de acordo com o autor, o caminho para o encontro do objeto é preparado desde a mais tenra infância. Ou seja, o processo de escolha objetal que é retomado na adolescência acontecerá seguindo, de alguma forma, os vestígios deixados pelas relações iniciais da infância. Dessa forma, Blos (1962/1998) refere-se a um “desenvolvimento sexual bifásico” (p. 19) do indivíduo, já que o avanço rumo à afirmação genital na adolescência é a continuidade de um desenvolvimento que foi temporariamente detido durante a latência.

No momento em que o adolescente aceita a sua genitalidade, ele começa a procura por um parceiro, talvez de forma tímida, mas intensamente. Assim, iniciam-se contatos superficiais, os quais vão ficando cada vez mais profundos e mais íntimos. Observa-se no adolescente uma evolução do autoerotismo ao encontro com o outro. Nessa fase do desenvolvimento, os contatos genitais têm um caráter mais exploratório e preparatório, quando comparados aos que acontecem no início da vida adulta, quando surge a capacidade de assumir um papel paternal (KNOBEL, 1981/2007).

De acordo com Rappaport (1993), na adolescência “a genitalidade é privilegiada e deverá ser reconhecida neste corpo desejável e desejante, pelo olhar de um semelhante e não mais dos pais” (p. 16). Desse modo, os pais podem se sentir rejeitados diante do surgimento da genitalidade e da expressão desta no seu filho adolescente, enfrentando, assim, dificuldades para aceitar o amadurecimento deste (ABERASTURY, 1981/2007).

Levando-se em conta que a adolescência é considerada, juntamente com a primeira infância, um período crucial no desenvolvimento da sexualidade (BLOS, 1962/1998), destaca-se que as modificações físicas e sexuais que acontecem neste momento têm um efeito significativo na forma como o adolescente se percebe e se avalia, além de alterarem radicalmente a forma como ele é visto pelos outros. Assim, é importante que a família se ocupe da tarefa de auxiliar este adolescente a lidar com a confusão de pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais que se faz presente nesta etapa da vida (PRETO, 1995). Dessa forma, a seguir será abordado o tema da família e seu papel preponderante no desenvolvimento do indivíduo.

3. Família

3.1. O papel da família e sua evolução ao longo da história

A família constitui-se em uma realidade onde se articulam relações entre homem e mulher e entre pais e filhos. Os vínculos familiares se realizam mediante relações nas quais o indivíduo entra com a totalidade de sua vivência, de seu temperamento, de suas competências e limitações. Em quase todos os outros ambientes da vida as relações ocorrem de maneira diferente, pois o sujeito se apresenta neles com capacidades e características mais específicas, as quais correspondem a determinadas funções exercidas nestes meios (PETRINI, 2003). Neste sentido, “como na família a expressão de anseios, sentimentos e emoções é mais livre do que no domínio público, a cena doméstica é carregada de tensões” (ROMANELLI, 2002, p. 76). Além disso, é na família que acontecem os eventos fundamentais da vida, quais sejam, o nascimento, a união entre os sexos e a morte (SARTI, 2002).

É a família que inicialmente faz a “inscrição” da criança no mundo, constituindo-se, na maioria das vezes, como o primeiro lugar responsável pela tarefa socializadora do indivíduo (MONTEIRO; CARDOSO, 2001). Assim, a tarefa básica do grupo familiar é a socialização do indivíduo, fornecendo a ele uma identidade, uma posição singular na rede de interações sociais e um embasamento adequado para que ele obtenha uma adaptação satisfatória à realidade (PICHON-RIVIÉRE, 2005). Destaca-se, no entanto, que a socialização do indivíduo não é realizada unicamente pela família. Esta acontece, ao mesmo tempo, a partir de outras vias, como a escola, a igreja, a mídia e, principalmente, os grupos de pares (ROMANELLI, 2002).

Para o adolescente, a família representa um eixo de referências simbólicas, sendo espaço de afetividade e, deste modo, lugar de conflitos. É o lugar onde ocorre a aquisição da linguagem, sendo possível, por meio dessa, organizar, elaborar e dar sentido às experiências vividas. Assim, a família é o filtro a partir do qual se começa a olhar e dar significado ao mundo (SARTI, 2004).

Historicamente, constatam-se mudanças significativas na evolução da família. Percebe-se que quando a sociedade muda, a família também se modifica. A família encontra-se em constante mudança por fazer parte dos dinamismos próprios das relações sociais. Assim, tendo em vista esse cenário de transformações, é preciso compreender os novos

arranjos familiares e as novas características que as relações intergeracionais assumem (PETRINI, 2003).

Ariès (1975/1981) traz em sua obra a evolução da família ao longo da história. Ele aponta que, durante a Idade Média, a família não mantinha um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. E era mais uma realidade moral e social do que sentimental, já que a vida naquela época era vivida em público. Em outras palavras, a vida era coletiva, não havendo espaços de privacidade familiar. Nesse período, a vida social era tão presente que se misturava e se confundia com o ambiente familiar. A família existia como realidade, porém, não era vista como um sentimento ou valor, ou como algo privado e reservado à intimidade e à afetividade (ARIÈS, 1975/1981). Ela cumpria a tarefa de assegurar a transmissão da vida, dos nomes e, principalmente, dos bens (ARIÈS, 1975/1981; ROUDINESCO, 2003).

A partir do surgimento da escola, da vida privada, do desenvolvimento de uma atitude mais igualitária dos pais perante os filhos, da maior permanência das crianças com os genitores e do sentimento de família apreciado por instituições como a Igreja, no início do século XVIII, começou a definir-se a família nuclear burguesa. Neste período, ela deixou de ser apenas uma instituição com a finalidade de transmitir bens e nome, e passou a ter como objetivo a formação moral e espiritual. O cuidado dispensado às crianças passou a gerar sentimentos e afetos novos, um sentimento moderno de família (ARIÈS, 1975/1981). Assim, esta organização familiar dita moderna tornou-se receptáculo de uma lógica afetiva (ROUDINESCO, 2003). A partir da retração da sociabilidade, a família, então, transformou-se em uma organização mais fechada e reservada, na qual seus membros gostavam de ficar, e que era lembrada com prazer. Com a modernidade, a vida profissional e a familiar alteraram a importância das relações sociais, que outrora tomavam conta de toda a vida (ARIÈS, 1975/1981).

Também no que se refere à evolução da família, Roudinesco (1944/2003) destaca três grandes períodos. Em um primeiro momento, a família “tradicional” servia principalmente para garantir a transmissão de um patrimônio. A organização familiar neste período era totalmente submetida à autoridade patriarcal. Os casamentos eram realizados em idade precoce, arranjados pelos pais sem que fosse levada em conta a vida sexual e a afetividade do futuro casal. No segundo período, entre o final do século XVIII e meados do XX, surgiu a família dita “moderna”. Baseada no amor romântico, ela sancionava através do casamento a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais. A divisão do trabalho entre os cônjuges é valorizada e a atribuição da autoridade é dividida entre o Estado e os pais. Em um terceiro

momento, a partir da década de 60, surge a família contemporânea ou pós moderna, na qual unem-se duas pessoas à procura de um relacionamento íntimo ou de realização sexual.

A família atual (pós-moderna) é caracterizada pelo surgimento de novos arranjos. Isso se relaciona principalmente ao número cada vez maior de rupturas do vínculo conjugal e, conseqüentemente, de recasamentos, a partir da legitimação do divórcio no Brasil, em 1977 (WAGNER, 2002). Esses novos arranjos familiares diferem do modelo nuclear - característico da família burguesa -, composto por pai, mãe e filhos de um único casamento (PERES, 2001; WAGNER, 2002).

Além disso, nas últimas décadas, houve um declínio das uniões formais (RIZZINI, 2001) e um aumento considerável no número de uniões conjugais sem vínculos legais, as chamadas uniões consensuais ou “experimentais” (BERQUÓ, 1998; KEHL, 2003). Este fenômeno pode estar associado às conquistas de liberdade sexual e independência financeira, a partir das quais as mulheres passaram a arriscar mais em suas escolhas amorosas. Além disso, com o surgimento e popularização do uso de métodos contraceptivos, e desse modo, a possibilidade de separar a vida sexual da reprodução, o tabu que sustentava o casamento monogâmico deixou de fazer sentido (KEHL, 2003).

De acordo com Kehl (2003), “a sociedade contemporânea, regida acima de tudo por leis de mercado que disseminam imperativos de bem estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos, só reconhece o amor e a realização sexual como fundamentos legítimos das uniões conjugais” (p. 165). Assim, esta mudança na liberdade de escolha oferece ao adulto a possibilidade de realizar inúmeras tentativas para corrigir o próprio destino (KEHL, 2003).

Este cenário de separações, rearranjos e criação de novas formas de convívio a partir da necessidade de se criarem os filhos, os quais provêm de uniões amorosas passageiras, deu origem a um novo tipo de família, a qual Kehl (2003) denomina família tentacular. Desse modo, houve uma “desprivatização” da família, a partir de meados do século XX, não no sentido de que o espaço público voltasse a ter a mesma importância que teve dois séculos antes, mas porque a família contemporânea passou a receber em seu núcleo adultos, crianças e adolescentes pertencentes a outras famílias (KEHL, 2003). Rizzini (2001) também destaca este aspecto, afirmando que um dos efeitos destes rearranjos é a possibilidade de convívio das crianças em outras redes familiares.

Estas mudanças incidiram significativamente na ordem familiar tradicional, principalmente no que se refere à autoridade paterna e à divisão dos papéis familiares, alterando as relações entre homem e mulher e entre pais e filhos (SARTI, 2002). Os papéis

atribuídos a cada sexo, antes fortemente demarcados, hoje não estão mais claramente preestabelecidos (SARTI, 2002) e encontram-se mais suscetíveis a mudanças, mesmo naquelas famílias onde o modelo é nuclear. Tradicionalmente, o pai era responsável pelo provimento do sustento familiar, enquanto cabia à mãe oferecer cuidado e afeto às crianças. A escolha e construção das regras e valores transmitidos aos filhos eram competência dos genitores. Atualmente, estas funções já não são mais tarefa apenas do núcleo tradicional. É comum que outros que não os pais, como tios, avós, babás, ou até mesmo a escola assumam os cuidados das crianças, o que amplia suas possibilidades de identificação (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003).

Outra questão significativa que faz parte das mutações da família é o fato de que os genitores estão sendo mais permissivos. Além disso, eles costumam relatar dificuldades em disciplinar e colocar limites claros para seus filhos (RIZZINI, 2001). Cabe à família a função de educar e cuidar os filhos. No entanto, esta tem demonstrado uma carência de referenciais claros para exercer estas tarefas (MONTEIRO; CARDOSO, 2001). Considerando-se que a família possui a função de socializadora dos filhos, a partir da instituição da regra, ela supõe, apesar de envolver relações do tipo igualitário, o exercício da autoridade (SARTI, 2002). Este exercício torna-se mais difícil à medida que crescem as quebras e recomposições de vínculos conjugais (ROUDINESCO, 2003).

Ao longo da evolução histórica, a família continua assumindo o papel de matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas. É por isso que, apesar das várias formas que assume e das modificações pelas quais passa ao longo do tempo, ela ainda é visualizada como o fundamento da sociedade (PETRINI, 2003).

3.2. Famílias de grupos populares

O modelo nuclear burguês, conforme apontado anteriormente, em que a mãe cuida da casa e das crianças, enquanto o pai trabalha para prover o sustento familiar e os filhos vão para a escola, transformou-se em uma representação social de família (PERES, 2001; MELLO, 2002). Atualmente fala-se que a família não é mais a mesma e que ela está sofrendo uma dissolução. Esta percepção indica que há uma comparação das famílias com um modelo idealizado (FONSECA, 2002; KEHL, 2003). No entanto, esse modelo não se faz presente em todas as classes sociais e em todos os períodos e locais (PERES, 2001; MELLO, 2002) e não se constitui na única possibilidade de organização familiar existente (MELLO, 2002; NEDER,

1994). É considerado pelos autores um fruto da sociedade burguesa do século XIX e teria correspondido ao contexto e às demandas específicos daquela época (FONSECA, 2002; KEHL 2003). Ou seja, quando se fala que a família não é mais a mesma, poderia inferir-se que não é mais a mesma em relação ao modelo nuclear burguês (KEHL, 2003).

Além disso, são comuns afirmações de que as famílias de camadas populares sofrem uma acentuada desorganização. Sabe-se que estas famílias diferem de fato do modelo ideal, no entanto parece não ser adequado falar-se em desorganização em razão do sentido estigmatizante que esta palavra adquiriu. Assim, o esforço do pesquisador deveria ser no sentido entender as possíveis formas de organização familiar (MELLO, 1992). Ou seja, seria necessário pensar a família de forma plural, partindo-se da perspectiva de que não existe um modelo-padrão de configuração, e que tampouco existe “a família regular” (MELLO, 2002; NEDER, 1994).

Nesse sentido, a fim de compreender a estrutura e a dinâmica das famílias de grupos populares brasileiros, seria importante evitar a comparação com um modelo de classe média (FONSECA, 2002). Além disso, destaca-se que “é impossível falar de modelos familiares moralmente superiores, culturalmente mais civilizados ou psicologicamente mais sadios. É ilusório ditar quaisquer ‘regras’ sobre valores e comportamentos em famílias de grupos populares” (FONSECA, 2002, p. 22). Dessa forma, seria necessário lançar-lhes um olhar livre de preconceitos e sem a pretensão de compará-las a padrões prévios, a fim de vê-las como elas são, e não como deveriam ser (MELLO, 2002).

Salienta-se que a mudança na família, no que se refere à retração da sociabilidade, não aconteceu igualmente em todas as classes sociais. Inicialmente, a sociabilidade se retraiu de forma considerável apenas nas classes abastadas. Nas famílias de grupos populares, ainda hoje a vida coletiva é bastante valorizada (ARIÈS, 1975/1981). Chama a atenção nestas a indiferenciação entre o público e o privado. Assim, para estes grupos, a rua torna-se uma extensão da casa. Há uma convivência das crianças com vizinhos, tios, avós e padrinhos, além do convívio com os pais, o que amplia o leque de possibilidades de identificação para as crianças, influenciando na socialização das mesmas (AMAZONAS *et al.*, 2003). Mello constatou (1992), a partir de uma experiência de pesquisa num bairro de periferia de São Paulo, que a privacidade da família era mais exposta e que os acontecimentos da vida privada circulavam rapidamente entre os moradores. Além disso, notou-se que praticamente não existiam muros que separavam as moradias e que as trocas tanto de informações quanto de favores eram constantes entre estas famílias.

No caso das camadas populares brasileiras, as redes de solidariedade e de ajuda mútua, as quais surgem da vivência comum de necessidades vitais minimamente atendidas (MELLO, 1992; 2002), constituem-se em condições de sobrevivência para as famílias (CARVALHO, 2002). Nesse sentido, a família de grupo popular pode ser vista não como um núcleo, mas como uma rede, a qual possui ramificações que abrangem a rede de parentesco mais ampla. Configura-se assim uma trama de obrigações morais que envolve seus membros, possibilitando-lhes o apoio e a sustentação básicos. Em casos de separações conjugais ou de ocorrência de gravidez na adolescência, cujo filho tende a permanecer na casa dos avós, os papéis masculinos e femininos podem passar a ser exercidos pela rede familiar mais ampla. Nestas situações, além dos familiares consanguíneos, a instituição do compadrio assume um papel importante (SARTI, 2005). Destaca-se, entretanto, que o potencial protetor e relacional atribuído às famílias que compõe essa rede de solidariedade só pode ser otimizado se elas próprias recebem proteção e atenção às suas necessidades básicas (CARVALHO, 2002).

3.3. O papel das mães/mulheres nas famílias de grupos populares

A esse cenário de grande mobilidade das configurações familiares associam-se diretamente algumas modificações e conquistas importantes para a mulher, as quais permitiram uma reformulação de seu papel tanto no campo privado quanto na esfera pública (KEHL, 2003; SARTI, 2002). Uma delas foi a possibilidade de controle da reprodução, advinda da descoberta e democratização dos métodos anticoncepcionais. Outro evento que merece destaque é o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, sua emancipação financeira (KEHL, 2003), de forma que a realização profissional hoje faz parte do ideal de vida feminino. Assim, essa busca da mulher pelo seu espaço no mundo do trabalho ocorre tanto pela necessidade de aumento da renda familiar quanto pela sua necessidade de buscar outros ambientes além do lar (AMAZONAS *et al.*, 2003).

No entanto, a liberdade de escolha adquirida pelas mulheres parece ter-lhes imposto um preço, uma vez que são geralmente elas que acabam assumindo os filhos, muitas vezes sozinhas (MELLO, 2002, KEHL, 2008). Analisando-se os arranjos familiares no Brasil, destaca-se que, nas últimas décadas, houve um aumento considerável no número de famílias monoparentais, a maioria delas constituída pela presença da mãe com seus filhos (BERQUÓ, 1998; FERREIRA, 2001; MELLO, 2002; PERES, 2001; RIZZINI, 2001). Segundo dados do IBGE, a proporção de mulheres sem cônjuges e com filhos subiu de 15,06%, em 1992, para

17,4%, em 2009. Observou-se ainda um crescimento significativo no índice de mulheres consideradas as pessoas de referências das famílias ou domicílios, passando de 16,99% em 1981 para 35,17% em 2009. Estudos apontam que antigamente as mulheres chefiavam a família apenas em casos de migração ou falecimento do companheiro (BERQUÓ, 1998; RIZZINI, 2001). Assim, este aumento da proporção de famílias chefiadas por mulheres pode ser consequência de vários fatores. Dentre eles, pode-se destacar a elevação do índice de separações e divórcios; o fato de a expectativa de vida feminina ser maior; o aumento do número de mulheres solteiras com filhos; a maior inserção da mulher no mercado de trabalho; e o surgimento de novas formas de união, como o casamento sem coabitação e a concepção de filhos sem que haja casamento (BERQUÓ, 1998; FERREIRA, 2001).

Nos casos de separações conjugais, tem-se observado ser mais comum que a mãe fique com os filhos e com a responsabilidade do cuidado deles. Além disso, é superior o número de mães solteiras que criam os filhos sem o auxílio de um companheiro (RIZZINI, 2001). Enquanto isso, nota-se uma mobilidade masculina, ou seja, existem homens abandonando seus filhos sem hesitar e partindo rumo a outros lares, junto a novas companheiras. Em outras palavras, pode-se apontar que enquanto os homens circulam, as mulheres conservam-se como terreno onde a família se enraíza (MELLO, 2002). Assim, na atualidade percebe-se, de acordo com Kehl (2008), “o crescimento de uma nova geração de filhos da mãe, com pais ausentes ou desconhecidos” (p. 62).

Dessa forma, nas famílias de grupos populares, as mulheres, em especial a mãe, assumem um papel fundamental na educação e cuidado das crianças e na organização e sustento da casa (AMAZONAS *et al.*, 2003; PERES, 2001; RIZZINI, 2001). Estudos têm apontado a mãe como a principal figura de referência nas famílias pertencentes a estes grupos, sendo vista muitas vezes como aquela que cuida, protege e se preocupa. É comum a mãe ser aquela a quem os filhos recorrem e para junto da qual retornam nos momentos difíceis, como em casos de desemprego e separações conjugais. Considerando-se que a figura materna se constitui num ponto de referência para toda a família, a ela é dirigido um respeito particular, principalmente quando esta se encontra com mais idade, no sentido de retribuição ao que ela fez até o momento em prol da família (SARTI, 2005).

As modificações nos papéis familiares por vezes têm causado uma sobrecarga às mães, as quais podem ser as únicas responsáveis pela sustentação da família, o que pode gerar angústias e preocupações que afetam a relação com os filhos (ARPINI; QUINTANA;

GONÇALVES, 2010). Além disso, elas podem ter dificuldade de equilibrar a dupla jornada composta por emprego e vida doméstica (RIZZINI, 2001).

Pesquisa realizada por Amazonas *et al.* (2003) sobre arranjos familiares de grupos populares constatou que na maioria destas famílias as mulheres assumiam papéis centrais, sendo percebidas como figuras fortes e marcantes. Esta centralidade das mulheres nas famílias de grupos populares não se refere apenas às mães, mas a outras mulheres como avós, tias, dentre outras (AMAZONAS *et al.*, 2003). Desse modo, o envolvimento de uma rede familiar que vai além dos limites das casas muitas vezes proporciona a sobrevivência das famílias chefiadas por mulheres. Nos casos em que os papéis femininos não podem ser desempenhados pela “mãe-esposa-dona-de-casa”, estes são assumidos por outras mulheres da família, pertencentes ou não à unidade doméstica (SARTI, 2005). Segundo Rizzini (2001), muitas crianças têm tido as mães e as avós como as referências mais estáveis em suas vidas. Em contraposição, os homens às vezes mostram-se mais frágeis, o que pode ser notado em casos de drogadição, desemprego ou envolvimento com a polícia (AMAZONAS *et al.*, 2003).

Nas famílias em que a mulher torna-se responsável por sustentar economicamente o lar, podem haver mudanças significativas no jogo de relações de autoridade. Nestes casos, a mulher pode tomar o papel de chefe e autoridade, tradicionalmente assumido pelo homem. Assim, quando este não proporciona o sustento da família, sua autoridade pode sofrer grande abalo. No entanto, a responsabilidade pelo provimento do sustento da família não garante ao homem a respeitabilidade e a obediência dos membros do grupo familiar. A questão da autoridade está relacionada também ao caráter e à moral (SARTI, 2005).

Para alguns autores, pode-se pensar num processo de desmoralização do homem, que acarreta uma perda para a família como um todo, a qual tenderá a procurar uma compensação substituindo a figura masculina de autoridade por outros homens da rede familiar. O problema maior para a mulher nestes casos não é cumprir o papel de provedora, mas sustentar a dimensão do respeito, a qual em geral é conferida pela presença masculina (SARTI, 2005). Assim, “quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um “chefe” masculino. Isso significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem como autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera” (SARTI, 2005, p. 67). No entanto, Romanelli (2002) sugere que a autoridade materna sofre menos abalos do que a paterna, pois a mãe tem a afetividade como suporte e fator mediador nas relações de autoridade com os filhos.

Por outro lado, destaca-se a existência de vários estudos que mostram pais mais participativos e presentes na vida familiar (BUSTAMANTE, 2005; GOMES; RESENDE, 2004; SILVA; PICCININI, 2007; SOUZA; BENETTI, 2008). Nas últimas décadas, surgiu o conceito do “novo pai”, o qual percebe a paternidade como uma oportunidade de expressar sentimentos, participando de maneira ativa no cuidado dos filhos e tendo uma relação igualitária com a parceira (BUSTAMANTE, 2005).

Silva e Piccinini (2007), em estudo com pais de classe média, apontam que os mesmos mostravam-se satisfeitos com a paternidade, acreditando estar desempenhando bem este papel. Destacam ainda que envolvimento paterno vem aumentando, assim como a satisfação com a paternidade, a proximidade em relação aos filhos e o desejo de participação na criação dos filhos, o que é fundamental para o desenvolvimento destes. Estudos realizados com pais pertencentes a camadas populares brasileiras (BUSTAMANTE, 2005; SOUZA; BENETTI, 2008) mostram que o vínculo amoroso entre o casal é um fator que influencia na construção de uma relação saudável entre pai e filhos e contribui significativamente para uma maior participação paterna na vida dos filhos, mesmo em momentos de crise financeira e/ou situações de desemprego. Desse modo, a partir do reconhecimento deste pai mais presente, nota-se que este ainda encontra-se em processo de transformação. Este pai transita ainda entre valores novos e tradicionais, mas mostra-se disposto a reconhecer seus sentimentos e suas ambivalências, na tentativa de exercer uma paternidade ligada ao afeto, ao cuidado e ao diálogo (GOMES; RESENDE, 2004).

4. Diálogos sobre sexualidade na família

Vários estudos sinalizam para o fato de que poucos adolescentes afirmam ter abertura dos pais para conversar assuntos referentes à sexualidade (BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007; BORGES; NICHATA; SHOR, 2006; BRANDÃO, 2004; DUQUE-ARRAZOLA, 1997). Borges, Latorre e Schor (2007) realizaram um estudo com 383 adolescentes, que teve como objetivo analisar os aspectos individuais e familiares relacionados ao início da vida sexual. Os autores verificaram uma baixa proporção de adolescentes que afirmam ter espaço para dialogar com seus pais sobre assuntos relativos a sexo.

Segundo pesquisa realizada por Duque-Arrazola (1997) com adolescentes de grupos populares, estes afirmam não falar sobre sexo com os familiares, mas sim com os amigos. Os rapazes afirmam ter vergonha de conversar sobre estes assuntos com os familiares, os quais

também não procuram falar com eles, nem com as garotas. Já as adolescentes declaram que sentem medo e vergonha de fazer perguntas sobre sexo às mães. Da mesma forma, Borges, Nichiata e Schor (2006) constataram que as pessoas com quem os adolescentes conversam sobre sexo com maior frequência são os amigos.

Bozon e Heilborn (2006) verificaram a partir de sua pesquisa que quanto maior o nível social dos jovens, mais aparece a busca da família como fonte de informação no que diz respeito à vida sexual e reprodutiva. Os autores também constataram que as jovens de grupos populares buscavam mais informações junto às amigas e, em segundo lugar, junto à mãe e à escola.

Segundo Aquino *et al.* (2006), em um estudo que faz parte de uma pesquisa que abrangeu 4634 participantes de 18 a 24 anos, com o objetivo de investigar os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros, os índices de gravidez na adolescência entre as mulheres que afirmaram ter sido providas de informações pelos pais ou pela escola foram mais baixos do que entre aquelas que não receberam estas informações. De acordo com os autores, “O modo como são veiculadas as primeiras informações sobre sexo, gravidez e contracepção situa os indivíduos em diferentes perfis de socialização, com consequências para suas trajetórias reprodutivas” (p. 322).

As conversas sobre sexualidade na família mostram-se ainda pouco explícitas e “tomam formas indiretas, pouco palpáveis, permeadas de reticências, advertências, reprimendas” (BRANDÃO, 2004, p. 80). Raramente as famílias conseguem tratar deste assunto com os filhos de forma direta, direcionada para as vivências dos mesmos. Em geral, os assuntos são abordados indiretamente. Por exemplo, fala-se de maneira genérica da sexualidade, dos métodos anticoncepcionais, da AIDS, como se estes elementos não estivessem próximos das experiências dos filhos. Muitas vezes, estas conversas são apoiadas em fatores externos, como na experiência de outras pessoas, em reportagens, filmes, entre outros. Ou seja, a experiência do adolescente por vezes não é levada em consideração. Tendo em vista esta questão, é comum os pais afirmarem que, apesar das dificuldades, eles conversam com seus filhos muito mais do que conversavam com seus próprios pais quando adolescentes (BRANDÃO, 2004).

Pesquisa realizada por Siqueira, Arpini e Savegnago (2011), que envolveu adolescentes do sexo feminino, teve como foco o estudo do abuso sexual. No entanto, pôde-se perceber, a partir do discurso de algumas participantes, que o tema da sexualidade no contexto familiar era pouco abordado. As meninas apontaram uma ausência de proximidade e de

comunicação na relação entre mães e filhos. Este bloqueio na comunicação dificultaria ainda mais a possibilidade da revelação de uma situação de abuso sexual, visto que a vítima não se sentiria segura para revelar algo tão difícil. As participantes do estudo destacaram, assim, a importância de um espaço para o diálogo no contexto familiar, principalmente no que se refere ao tema da sexualidade. Todo esse panorama leva a pensar que ainda existe um longo caminho a ser trilhado no que se refere à busca por relacionamentos mais íntimos e positivos entre pais e filhos, permeados pela troca e a confiança mútua (BORGES; NICHIATA; SCHOR, 2006).

O momento atual está fortemente marcado pela temática da sexualidade. O adolescente parece estar o tempo todo em contato com uma grande quantidade de estímulos ligados à sexualidade e, com certa facilidade, pode ter acesso a uma ampla variedade de informações relativas a esse assunto (CANO; FERRIANI, 2000; PREDEBON, 2002, VALDÉS, 2005). Dessa forma, diante do contato cada vez maior do adolescente com estímulos e informações referentes a este tema, os pais precisariam estar mais dispostos e preparados para lidar, através de um diálogo aberto, com as dúvidas, curiosidades e inquietações que vão surgindo (PREDEBON, 2002).

Os pais geralmente estão cientes da problemática e reconhecem a importância do diálogo aberto com seus filhos sobre sexo/sexualidade. Porém, podem manifestar grandes dificuldades para abordarem esta temática, por não sentirem-se preparados e aptos para fazê-lo, evitando assim enfrentar o problema (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008; CANO; FERRIANI, 2000; DIAS; GOMES, 1999; PREDEBON, 2002). Além disso, aqueles pais que raramente conversam com seus filhos sobre estes assuntos afirmam não fazê-lo por vergonha, insegurança e falta de motivação (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008). Para além destes aspectos apontados pelos pais, é importante lembrar o que foi anteriormente apontado em relação à sexualidade e como ela se constitui. Pode-se inferir que o que contribui para tornar a sexualidade um tema complexo de ser abordado é justamente o fato de que é difícil um saber sobre ela.

Dessa forma, o que se evidencia é a presença de dois fenômenos ocorrendo simultaneamente: de um lado estão os pais com dificuldades para conversar sobre sexualidade com seus filhos adolescentes, e de outro estão estas adolescentes em contato direto com uma realidade onde o tema sexo está presente de maneira cada vez mais explícita e se impõe como realidade a ser vivenciada (PREDEBON, 2002). Assim, “a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos é marcada, enfim, por uma ambiguidade em que ambas as partes

reconhecem o problema, mas têm dificuldades para enfrentá-lo” (DIAS; GOMES, 1999, p. 82).

Pode-se dizer ainda que há uma espécie de “confusão de línguas” entre pais e filhos, no que se refere às conversas sobre sexualidade, pois, em alguns casos, os pais supõem que os filhos estejam bem informados (DIAS; GOMES, 1999). Em outros, o ponto de vista e as regras dos pais em relação à sexualidade dos filhos não estão claros para estes e tampouco para os próprios pais (BRANDÃO, 2004). Existem ainda adolescentes que relatam mais dificuldade na comunicação sobre sexo/sexualidade com seus pais, do que estes pais afirmam perceber (PICK; PALOS, 1995). Este aspecto é demonstrado por Pick e Palos (1995) a partir de um estudo realizado no México com adolescentes e seus pais, no qual os adolescentes consideraram o nível de comunicação com seus pais sobre sexualidade menor do que o grau de comunicação que os pais afirmaram ter com seus filhos. É possível que estes sejam alguns dos aspectos que tornam o tema adolescência, sexualidade e família um assunto que, apesar de presente em muitos estudos e atual, não se mostra como facilmente apreendido. Talvez justamente porque não se trata de informar sobre, mas de lidar com sua presença e tudo que ela evoca.

Nesse sentido, pode-se compreender porque muitos pais acreditam que os professores estariam mais preparados que eles para tratar do tema da sexualidade com os adolescentes, transmitindo, assim, à escola a tarefa de abordar estes assuntos (CANO; FERRIANI, 2000; VALDÉS, 2005). No entanto, observa-se que nas escolas a sexualidade geralmente é abordada priorizando-se seus aspectos biológicos e tratada como sinônimo de genitalidade, desconsiderando-se, assim, as dimensões afetivas e emocionais (CARDOSO; FIGUEIREDO; PECORARI, 2007; MOURA; PACHECO; DIETRICH; ZANELLA, 2011).

Destaca-se que educação sexual é um processo e, desse modo, precisa iniciar-se desde a infância, momento no qual a sexualidade também tem seu início. O ideal seria que fosse priorizada por toda a família, não apenas pela mãe. Além disso, as escolas e as instituições de saúde devem atuar de forma integrada com a família no que se refere à educação sexual (GUBERT *et al.*, 2009).

Falar sobre sexualidade vai além da simples transmissão de informações, pois demanda que os pais ultrapassem várias barreiras para alcançarem uma proximidade das experiências do filho adolescente e uma sintonia com o momento existencial pelo qual este está passando. Além disso, é um desafio para os pais encontrarem um equilíbrio na

transmissão das mensagens sobre sexo/sexualidade aos filhos, no sentido de que estas não sejam tão restritivas, nem demasiado permissivas (DIAS; GOMES, 1999).

Para os adolescentes, é importante que o tema seja acolhido pela família, no sentido de aceitar a sua presença. Eles necessitam dialogar, conversar, ouvir, expor suas dúvidas, opiniões, críticas e ideias em um ambiente marcado por compreensão, afeto e respeito. Caso contrário, elas poderão gerar ansiedades, angústias e frustrações, colaborando, dessa forma, para que a população adolescente se torne um dos grupos de risco mais vulneráveis aos problemas atuais (TAKIUTI, 1997). Em conformidade com as ideias de Takiuti (1997), Brandão (2004) propõe que um tipo de relacionamento familiar ideal seria aquele baseado nas premissas do diálogo, na negociação e argumentação. Para o autor, não é mais possível educar os filhos atualmente sem levar em consideração o tema da sexualidade.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Desenho do estudo

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no projeto e de compreender de forma mais ampla e profunda a reflexão de mães no que se refere ao diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes, realizou-se um estudo qualitativo. De acordo com Gaskell (2005), a pesquisa qualitativa tem como principal finalidade explorar e compreender o espectro de pontos de vista e as diferentes representações referentes ao tema em questão.

Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais, técnicas estas que se mostram adequadas para investigações qualitativas e atenderam aos objetivos deste estudo. Entende-se que a partir do uso de técnicas diferentes é possível captar os diferentes aspectos envolvidos na constituição do objeto que está sendo pesquisado. Dessa forma, foi utilizada a estratégia metodológica de triangulação dos dados coletados. Ou seja, foram combinados dois métodos distintos (entrevistas e grupos focais), a fim de conferir maior abrangência e profundidade à análise do fenômeno pesquisado. Salienta-se que não se trata de utilizar um método para confirmar o que foi encontrado no outro método. O que se pretende é considerar cada método em sua potencialidade e como fonte fundamental de informações. Assim, ao triangular diferentes métodos torna-se possível compreender o caráter multidimensional da realidade estudada (JOVCHELOVITCH, 2000).

Destaca-se a utilização de métodos qualitativos de coleta de informações, como entrevistas e grupos focais, no âmbito da Psicologia da Saúde. Tais instrumentos permitem uma maior compreensão, contextualização e aprofundamento dos resultados de pesquisas, além de possibilitarem uma maior participação das populações-alvo na definição de fenômenos relacionados às suas realidades. Dessa forma, quando se visa à promoção de saúde, torna-se fundamental a valorização do conhecimento popular acerca do fenômeno estudado (MATOS, 2004).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas, as quais permitiram o acesso aos dados básicos para a compreensão detalhada das crenças, significações, atitudes, valores e comportamentos dos sujeitos no que se refere ao assunto proposto (GASKELL, 2005). A entrevista semiestruturada é chamada por Turato (2003) de entrevista semidirigida, pois este entende que toda entrevista tem uma estrutura. O autor afirma que nesta técnica o entrevistador dá a direção, ou seja, mostra ao entrevistado para

onde a conversa andar, mantendo uma flexibilidade que permita que também o entrevistado possa dar a direção. Na entrevista, a cosmovisão do entrevistado é explorada de forma detalhada, sendo possível uma compreensão em profundidade do fenômeno pesquisado (GASKELL, 2005).

A entrevista semiestruturada também pode ser chamada de entrevista guiada, já que o entrevistado possui liberdade para expor sua opinião acerca do tema explorado, sendo guiado pelo entrevistador. O entrevistador pode ter uma ideia geral sobre o assunto da entrevista, mas seu interesse está no aprofundamento que é dado pelo sujeito entrevistado. A partir de seu conhecimento prévio sobre o tema, o entrevistador formula previamente alguns pontos a serem tratados, o que serve como “guia” para a entrevista (RICHARDSON, 2012).

Os grupos focais complementaram as entrevistas, visto que nestes, devido à interação de seus membros, foi possível esclarecer temáticas surgidas nas entrevistas individuais. O uso da técnica de grupo focal foi apropriado, pois por meio dos grupos as participantes puderam manifestar-se de forma espontânea, estabelecendo uma discussão sobre a temática, apontando criticamente suas opiniões e tendo uma participação ativa. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes para que exponham suas ideias e reajam ao que os outros membros do grupo falam. Trata-se de uma “unidade social mínima em operação” (GASKELL, 2005, p.75). Dessa forma, as ideias e representações que surgem no grupo são mais influenciadas pela natureza social da interação grupal ao invés de se basearem no ponto de vista de individual, como seria em uma entrevista individual (GASKELL, 2005). Além disso, em um grupo, a partir da partilha de experiências, opiniões e sentimentos, produzem-se articulações e *insights* que dificilmente seriam realizados por um único indivíduo (BARBOUR, 2009; GASKELL, 2005; KIND, 2004).

O grupo focal apresenta-se como um ambiente holístico, no qual os participantes consideram as opiniões dos outros na formação de seus pontos de vista e discutem suas próprias experiências e as alheias (GASKELL, 2005). Assim, os resultados alcançados no grupo não são apenas o somatório das ideias e sentimentos individuais de cada membro do grupo, mas devem ser considerados num todo, como o produto do processo grupal (KIND, 2004). Os grupos focais permitem a “expressão de vozes singulares que, ao falar sobre sua experiência e debatê-la em público, podem revelar a diversidade da realidade social e sua relação com essa realidade” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.111). Ou seja, as diferenças entre os discursos produzem *insights* acerca das formas particulares como indivíduos diferentes se colocam no mundo e ao mesmo tempo situam o mundo em seu universo de representações

(JOVCHELOVITCH, 2000).

Participantes

Participaram deste estudo 17 mães de adolescentes, pertencentes a grupos populares de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Destas, nove foram entrevistadas individualmente e oito participaram de grupos focais. Foram realizados dois grupos focais, com a presença de cinco mães no primeiro e três mães no segundo grupo.

Com relação ao número de participantes, o mesmo foi definido em função do critério de saturação, ou seja, quando as informações obtidas passaram a apresentar, no ponto de vista da pesquisadora, certa redundância ou repetição. Assim, a partir do momento em que se percebeu que as novas informações apreendidas não apresentavam elementos novos significativos para a proposta da pesquisa, optou-se por interromper a realização de novas entrevistas e grupos focais (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Abaixo, o quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos levantados das mães participantes das entrevistas, o quadro 2 refere-se às participantes do primeiro grupo focal e o quadro 3 diz respeito aos dados das mães que integraram o segundo grupo.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos das participantes das entrevistas

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M1	38 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Quadrangular praticante.	(M) 18, (M) 12, (F) 5.	Mora com os três filhos. Separou-se do marido há um ano.
M2	32 anos	Dona de casa	Ensino Superior Incompleto	Evangélica não praticante	(F) 17, (F) 16	Com o companheiro, a filha de 16 e um irmão portador de necessidades especiais.
M3	49 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (M) 14, (M) 16, (M) 18, (F) 23, (M) 26.	Com os 4 filhos mais novos e o marido.
M4	45 anos	Dona de casa	Ensino Médio Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (F) 9.	Com os 2 filhos.
M5	34 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Completo	Católica praticante	(M) 20, (F) 18, (F) 17, (F) 14, (M) 12.	Com os 3 filhos mais novos.
M6	47 anos	Reciclagem de materiais	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(F) 27, (M) 24, (M) 23, (M) 19, (F) 16, (F) 10.	Com as 2 filhas mais novas.
M7	47 anos	Oficineira de artesanato	Ensino Médio Incompleto	Católica Praticante	(F) 28, (M) 25, (M) 16.	Com o companheiro e o filho de 16 anos.
M8	33 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Não	(M) 15, (F) 13, (M) 11, (M) 10, (F) 5, (F) 2.	Com o marido e os seis filhos.
M9	33 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(M) 17, (M) 14, (F) 12, (F) 5.	Com o marido e os quatro filhos

Quadro 2 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 1

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M10	47 anos	Dona de casa (desempregada no momento; é diarista).	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(F) 27, (F) 26, (M) 15, (M) 10.	Com o companheiro e os dois filhos mais novos.
M11	38 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não praticante	(F) 20, (M) 19, (F) 15, (M) 1 ano e 10 meses.	Com o companheiro e o bebê.
M12	42 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(M) 20, (F) 18, (M) 15, (M) 13.	Com os quatro filhos.
M13	56 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(F) 34, (M) 32, (F) 27, (F) 22, (F) 20, (F), 17.	Com o marido, as 4 meninas mais novas e o filho de 32.
M14	48 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(M) 28, (M) 22, (F) 21, (M) 19, (F) 16, (M) 11, (M) 9... Não lembrou dos 12 filhos.	Com o companheiro e o menino de 11 anos.

Quadro 3 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 2

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M15	30 anos	Auxiliar de limpeza	Ensino Fundamental Completo	Evangélica praticante	(F) 14, (M) 12, (F) 9, (F) 7, (M) 2	Com o marido e os filhos.
M16	41 anos	Comerciante	Ensino Médio Completo	Evangélica praticante	(F) 13	Com o companheiro e a filha.
M17	36 anos	Dona de casa	Ensino Médio Completo	Católica praticante	(M) 12, (F) 6	Com o marido e os filhos.

A instituição

A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) da cidade de Santa Maria. A escolha do local relaciona-se à identificação de que, dentre os usuários desta instituição, encontravam-se mães de adolescentes oriundas de grupos populares. O CRAS é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social do Município. Trata-se de um serviço que propicia o acesso de um grande número de famílias à rede de proteção social de Assistência Social (BRASIL, 2005).

O CRAS organiza-se de acordo com uma lógica de trabalho em rede, articulando-se a outros serviços no reconhecimento da realidade local e da sua complexidade. Tem como objetivo proporcionar um espaço de convivência, socialização, acolhimento e protagonismo dos usuários, potencializando o alcance das políticas sociais, bem como a manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, visando ao enfrentamento e à superação das vulnerabilidades das populações (BRASIL, 2005; CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007).

O CRAS iniciou seus trabalhos na região Oeste de Santa Maria no ano de 2004, sob administração da Prefeitura Municipal. A partir de 2006, firmou-se um convênio com a Sociedade Assistencial e Educativa Mãe Admirável - SAEMA, entidade sem fins lucrativos, portadora do CEBAS (Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social), para que a mesma assumisse a gestão do serviço. A instituição realiza atendimentos em grupo, como também acompanhamentos familiares, visitas domiciliares, busca ativa, intervenções e palestras em escolas, reuniões em rede. Conta com Grupos de Futebol (promoção e prevenção da saúde), Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos destinado a crianças de quatro a seis anos, Grupos Infantis (terapêuticos), Oficina de violão para crianças e adolescentes; Grupo de Adultos – Arte Terapia (terapêutico e operativo); Grupo Renascer (coordenado por uma psicóloga e uma assistente social); e Oficinas de inclusão Produtiva – crochê, tricô, edredom, pintura, artesanato e costura. Desta forma buscaram-se a promoção e a proteção social.

Procedimentos

Após a autorização da instituição para a realização da pesquisa e da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM, iniciou-se o contato com as prováveis participantes. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: ser mãe de pelo menos um adolescente (do sexo feminino ou masculino), ser usuária do Centro de Referência e Assistência Social Oeste da cidade de Santa Maria e ter disponibilidade e interesse em participar da entrevista ou do grupo focal. Neste estudo, partiu-se da disposição do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que define como adolescente o indivíduo com idade entre doze e dezoito anos incompletos.

Inicialmente, nove mulheres, mães de adolescentes, foram convidadas pelas psicólogas e assistentes sociais do CRAS para participarem de uma reunião na instituição, juntamente com a pesquisadora, no intuito de esclarecer os objetivos da pesquisa e convidá-las para fazer parte do estudo. Destas nove, cinco fizeram-se presentes na reunião e todas aceitaram participar da entrevista. Uma delas se dispôs a fazer a entrevista logo após a reunião, e com as outras mães foram agendados horários na semana seguinte. Destas quatro, uma delas não compareceu na data marcada e por contato telefônico afirmou ter desistido de participar.

Posteriormente, a equipe do CRAS repassou à pesquisadora uma lista com o contato telefônico das mães que foram convidadas a participar da reunião e que haviam justificado que não poderiam comparecer naquela data, mas manifestaram interesse pela proposta. Entrou-se em contato com seis mães, as quais aceitaram participar da entrevista. Foram agendados horários com cada uma dessas mães, sendo que três delas fizeram-se presentes. Assim, até o momento, haviam sido realizadas sete entrevistas. Partiu-se, então, rumo à formação dos grupos focais.

O percurso trilhado para a composição dos grupos focais foi mais difícil quando comparado à obtenção das entrevistas, demandando muitos contatos com as mães e com a instituição, a qual nos forneceu os contatos telefônicos das mulheres. Foram realizadas várias tentativas para a realização dos grupos, muitas das quais não tiveram êxito.

Inicialmente, a pesquisadora foi convidada por uma das psicólogas responsáveis por um grupo de mulheres que acontecia quinzenalmente no CRAS. A psicóloga informou que algumas das mulheres eram mães de adolescentes e que seria possível que algumas delas tivessem interesse em participar. Assim, a pesquisadora se fez presente no início de um desses encontros a fim de explicar a proposta da pesquisa e convidá-las a integrar um grupo

focal. Das cinco mães que estavam presentes, apenas duas eram mães de adolescentes e uma delas manifestou interesse em participar da pesquisa. Essa mãe foi contatada posteriormente via telefone e participou do primeiro grupo focal.

Devido à pouca adesão das mães participantes do grupos de mulheres, a equipe do CRAS repassou à pesquisadora mais uma lista de 35 nomes de mães de adolescentes, as quais poderiam ser convidadas para integrarem a pesquisa. Dos contatos telefônicos que foram possíveis a partir dos números presentes nesta lista, oito mães confirmaram sua participação no grupo focal, mas somente quatro compareceram na data marcada. Assim, o primeiro grupo focal foi composto por cinco mães, uma delas que havia sido convidada durante o grupo de mulheres do CRAS.

No intuito de compor mais um grupo focal, novos nomes de mães foram elencados pela pesquisadora, juntamente com profissionais do CRAS, a partir de prontuários e de fichas referentes ao programa Bolsa-Família de usuários da instituição. Assim, formou-se mais uma lista composta por aproximadamente 65 nomes. Novos contatos telefônicos foram realizados, seis mães confirmaram sua participação no grupo, mas apenas duas compareceram. Desse modo, foi proposto a essas mulheres a realização de entrevistas individuais, considerando que a análise das entrevistas previamente realizada indicava a necessidade de mais algumas entrevistas. As duas mães aceitaram a proposta e as entrevistas foram realizadas naquele dia, totalizando nove entrevistas.

Posteriormente, uma nova tentativa de formação de grupo foi realizada, desta vez oito mães foram convidadas a participar e confirmaram seu interesse, mas apenas uma fez-se presente. Desse modo, a pesquisadora esclareceu a essa mãe a situação, explicando-lhe que infelizmente não seria possível realizar um grupo com apenas uma participante. Ela afirmou que não via problema nisso, pois morava perto do CRAS e disse que gostaria de participar, caso o grupo fosse realizado em outro momento.

A fim de constituir o segundo grupo, além da mãe anteriormente citada outras sete mulheres foram convidadas e aceitaram participar, destas somente três compareceram, constituindo o segundo grupo. No total, foram realizadas tentativas de contato com aproximadamente 100 mães para a realização dos grupos focais, sendo que 30 números telefônicos contatados estavam desligados ou não foram atendidos e 19 números de telefone não pertenciam mais à pessoa a qual lhe era atribuído na ficha do CRAS. Desse modo, a pesquisadora conseguiu entrar em contato direto e explicar a proposta da pesquisa via telefone a 51 mães. 25 delas não aceitaram o convite, seja por trabalharem, por alguma doença pessoal

ou familiar que as impedia, por terem outro compromisso no horário proposto, ou por não manifestarem interesse em participar.

Diante do elevado número de mães convidadas a integrar os grupos focais, destaca-se a grande quantidade daquelas que não compareceram aos encontros. Nesse sentido, analisando-se os motivos que poderiam ter levado à ausência destas mulheres, é possível pensar que a referência ao assunto que seria tratado nos grupos (sexualidade) explicitado durante o contato telefônico, pode ter produzido resistência nas mães, que talvez tenham se sentido intimidadas a falarem sobre um tema delicado e que ainda se constitui um tabu para muitas pessoas. Outro ponto que chama atenção é o grande número de mães que não possuía mais o mesmo número de telefone que tinham quando fizeram contato com o CRAS. Ou seja, seus dados estavam desatualizados em seus registros junto à instituição. Assim, parece que o contato com o CRAS para muitas dessas mães ocorreu de forma passageira, por vezes apenas em função do cadastro para o programa bolsa família, não havendo uma vinculação com o serviço.

Nesta pesquisa foi oportunizada a participação espontânea das mães nos grupos focais, ficando a pesquisadora no papel de motivadora da discussão e moderadora do grupo. O moderador tem a tarefa de manter o grupo em interação, com a finalidade de obter informações referentes ao tema da pesquisa. No caso das entrevistas, a pesquisadora atuou como guia, visando que cada participante falasse livremente sobre suas ideias e percepções em relação à temática proposta.

Ao pesquisador cabe estabelecer o *rapport*, ou seja, assegurar, através de uma postura encorajadora e tranquilizadora, que as participantes sintam-se à vontade para exporem suas opiniões (GASKELL, 2005). Dessa forma, o moderadora/entrevistadora se apresentou e fez uma breve introdução, com o objetivo de tranquilizar e estabelecer o enquadre para a realização do grupo ou da entrevista. Foram explicados claramente às participantes os objetivos do estudo e apresentada a ideia de uma discussão grupal ou de uma entrevista. Depois da leitura e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi solicitado às participantes que se apresentassem, indicando sua idade, escolaridade, ocupação, e a configuração familiar, ou seja, quem morava na casa, número de filhos e idades dos mesmos. Após a permissão das mães para a gravação em áudio, iniciou-se a discussão grupal ou a entrevista. Foram utilizadas como disparadores para a discussão grupal algumas falas de meninas que participaram de uma pesquisa anterior que teve como tema o diálogo sobre sexualidade na família (SAVEGNAGO, 2011). As vinhetas encontram-se no Apêndice G.

Os eixos que nortearam as entrevistas foram os seguintes: 1- Abordagem do tema sexualidade na família; 2- Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente; 3- Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados; 4- Diferenças entre conversar com meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são; 5- Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam; 6- Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos; 7- O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento.

As entrevistas e os grupos focais foram realizados nas dependências do CRAS, em uma sala apropriada, sendo gravados e posteriormente transcritos. As informações foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (1977).

As mães participantes foram bastante receptivas à proposta de pesquisa e pareciam confiantes e seguras para abordar o tema da sexualidade. Destaca-se que algumas mães sentiram-se à vontade a ponto de abordar no grupo questões relacionadas às vivências de abuso sexual, tema que é frequentemente cercado pelo silenciamento.

O grupo possibilitou algumas identificações entre as mães, o que contribuiu para encorajar umas às outras a falar sobre temas delicados, como o abuso sexual. “S: E tu M11, já falou sobre esse tema [abuso sexual] com as tuas filhas? M11: Já. Porque já aconteceu comigo também. M10: Ó, eu não sô a única vítima”. Assim, salienta-se o papel do grupo enquanto espaço para construir sentidos comuns às experiências individuais (CASTRO, 2004). Além disso, destaca-se que tanto a participação nos grupos quanto nas entrevistas pode ter beneficiado as mães, no sentido da disponibilidade de uma escuta atenta, acolhedora e sensível oferecida pela pesquisadora.

Análise das informações

As informações foram analisadas através do método de Análise de Conteúdo Temática, como proposto por Bardin (1977). A Análise de Conteúdo surgiu no início do século XX, influenciada por princípios positivistas e concebida inicialmente a partir de uma perspectiva quantitativa (GOMES, 2012). A partir da década de 70, ocorreram avanços, no sentido da consideração da possibilidade de se analisar conteúdos desde um enfoque qualitativo. Assim, partindo-se de uma perspectiva qualitativa, a análise e a interpretação das informações não têm como intuito contar opiniões ou indivíduos. O objetivo principal é a

exploração do conjunto de opiniões e representações sociais acerca do assunto que se visa pesquisar. Este estudo do material não pretende abarcar a totalidade das falas dos sujeitos da pesquisa, uma vez que a dimensão sociocultural dos pontos de vista e das representações de um grupo que possui características semelhantes geralmente tem muitos pontos em comum, ao mesmo tempo em que se fazem presentes as singularidades próprias da história de vida de cada sujeito. Dessa forma, “ao analisamos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social” (GOMES, 2012, p. 75).

Neste projeto de pesquisa, a Análise de Conteúdo ocorreu em três etapas: 1) pré-análise: consistiu na organização dos dados e na elaboração de indicadores e hipóteses que fundamentaram a interpretação final, a partir de um primeiro contato com o material; 2) exploração do material: nesta etapa os dados brutos do material passaram pela codificação (recorte, enumeração e agregação dos dados em categorias), que permitiu atingir uma representação do conteúdo; e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: aqui os resultados brutos foram tratados de maneira a serem significativos e válidos. Em seguida foram realizadas inferências e interpretações de acordo com o embasamento teórico e os objetivos propostos (BARDIN, 1977).

Para chegar às categorias, as entrevistas foram sendo analisadas primeiro de forma individual, à medida que foram sendo transcritas e, posteriormente, em conjunto. Após esta etapa, os grupos foram também analisados, primeiramente de forma individual e depois procedeu-se a análise da totalidade do material partindo-se para os elementos presentes considerando-se a força discursiva, os sentimentos manifestados, os silêncios ou conflitos em relação à temática.

No primeiro artigo, intitulado “Concepções de mães de adolescentes acerca dos diálogos sobre sexualidade com os filhos”, as categorias discutidas surgiram a partir da abordagem dos eixos norteadores (1) Abordagem do tema sexualidade na família; (2) Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente; (5) Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam; e (6) Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos. O segundo artigo, intitulado “Família, adolescentes e sexualidade: diálogos possíveis?” também contemplou os eixos norteadores (1), (2), (5) e (6). O terceiro artigo, “O que se espera da família quando o tema é sexualidade”, contemplou os eixos (3) Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados; (4) Diferenças entre conversar com

meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são; e (7) O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento.

Aspectos éticos

Durante o processo de elaboração de uma pesquisa em ciências do comportamento, devem-se respeitar os cinco referenciais básicos da bioética: *autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade*, conforme apontam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, revisão da Resolução 196/96).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) refere-se, em linguagem clara e compreensível, à informação e ao esclarecimento dos principais objetivos e procedimentos do trabalho, possibilitando a livre escolha dos sujeitos por participar ou não da pesquisa. Nesse documento, constam os objetivos da pesquisa, o esclarecimento de livre decisão a respeito de sua participação e a garantia à confidencialidade e à privacidade, além da afirmação da possibilidade de o participante se retirar do trabalho a qualquer momento que desejar. A obtenção do TCLE deu-se de forma individual antes do início de cada entrevista e de cada grupo focal, após o esclarecimento dos objetivos e da justificativa da pesquisa. O TCLE foi assinado em duas vias, uma ficando com a pesquisadora e a outra com a participante.

Nos casos em que, durante a entrevista ou grupo focal, participantes relataram ter vivenciado situações de abuso sexual, a pesquisadora procurou assumir uma postura de suporte e acolhida a cada uma das participantes e ao que foi dito pelas mesmas. No caso em que isso ocorreu durante um dos grupos focais, procurou-se evitar a exposição excessiva das duas participantes que relataram situações de abuso. Assim, salientou-se junto às demais participantes do grupo a importância do sigilo destas informações. Além disso, a pesquisadora colocou-se à disposição para conversar individualmente com estas mães, após a realização do grupo, sendo que uma delas acolheu a proposta. Assim, a pesquisadora realizou um acolhimento a essa mãe após o encerramento do grupo e, posteriormente, realizou-se um encaminhamento para atendimento psicológico, pois se identificou uma demanda para tanto.

Buscando manter o anonimato das participantes, seus nomes foram substituídos por códigos (por exemplo, M1, M2, M3...) ao longo do texto. O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o

parecer nº 54850 e o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 05022712.8.0000.5346.

Pretende-se, após a defesa desta dissertação, realizar uma devolução dos resultados às participantes do estudo. Assim, será proposta ao CRAS a realização de um encontro com mães - tanto as participantes da pesquisa quanto outras mães usuárias do CRAS que tiverem interesse - onde serão socializados e discutidos os principais resultados da pesquisa. A discussão e reflexão sobre o tema durante este encontro poderá contar com o auxílio da cartilha “Conversando sobre sexualidade na família” (SAVEGNAGO; ARPINI, 2012), a qual será distribuída às mães presentes. Além disso, será entregue à instituição uma cópia da dissertação.

ARTIGO 1

CONCEPÇÕES DE MÃES DE ADOLESCENTES ACERCA DOS DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE COM OS FILHOS¹

¹ O artigo encontra-se nas normas da *American Psychological Association* (APA), considerando-se que a maioria dos periódicos científicos em Psicologia aceita para publicação manuscritos formatados de acordo com estas normas. Cabe ressaltar que este artigo compreende um número superior de laudas do que o comumente permitido pelos periódicos científicos. Nesse sentido, entende-se que tais questões deverão ser retomadas após a apreciação da presente Banca de Defesa.

CONCEPÇÕES DE MÃES DE ADOLESCENTES ACERCA DOS DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE COM OS FILHOS

Resumo

Este estudo teve como objetivo conhecer a percepção de mães de grupos populares no que se refere aos diálogos sobre sexualidade com seus filhos adolescentes. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Os resultados, após Análise de Conteúdo, evidenciaram que as mães participantes têm apresentado algumas dificuldades para dialogar sobre sexualidade com os filhos. Por isso, poderiam estar transferindo à escola a tarefa de abordar o assunto. Algumas mães sugeriram que a família e a escola deveriam atuar como complementares nesta tarefa. Além da escola, as mães apontaram os serviços de saúde pública, a internet e os irmãos como fontes de informações sobre sexualidade utilizada pelos seus filhos. Destaca-se que as instituições escolares e de saúde têm papel fundamental na educação sexual dos adolescentes, no entanto não poderiam substituir os pais em sua importante tarefa. Estas instituições poderiam atuar como facilitadoras da construção do diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes.

Palavras-chave: adolescente; mães; família; sexualidade; comunicação; educação sexual.

CONCEPTS OF MOTHERS OF TEENAGERS ABOUT THE DIALOGUES ON SEXUALITY WITH THEIR CHILDREN

Abstract

This study aimed to understand the perception of mothers of popular groups about the conversations on sexuality with their children. Semi-structured interviews in focal groups were performed. The results, after the content analysis, showed that the participating mothers have presented some difficulties on dialogue about sexuality with their children. Therefore, these mothers could be transferring to school the task of addressing this subject. Some mothers suggested that family and school should act as complementary in this task. Apart from school, mothers indicated the public health services, internet and siblings are used as sources of information about sexuality by their children. Stands out that school and health institutions play a fundamental role in the sexual education of teenagers, however, not replacing the parents in this important task. These institutions could act as intermediary of a constructive dialogue about sexuality between parents and teenagers.

Keywords: teenagers, mothers, family, sexuality, communication, sex education.

INTRODUÇÃO

A adolescência se constitui em um importante período para a consolidação da personalidade e a constituição da identidade adulta, marcado por diversas transformações e descobertas (Aberastury 1981/2007; Knobel 1981/2007). A puberdade envolve o conjunto de manifestações físicas do amadurecimento sexual (Blos, 1962/1998). De acordo com Freud (1905), a puberdade introduz remanejamentos psíquicos, ou seja, ela “constitui o ponto de partida biológico de um processo psíquico cuja tarefa é integrar as modificações que induz” (Emmanuelli, 2008, p. 17). Assim, a adolescência se relaciona com os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência (Blos, 1962/1998).

A puberdade, que marca a transformação do corpo infantil em um corpo adulto com possibilidade de reprodução, é reconhecida em todas as culturas. Desde a Grécia antiga até as sociedades indígenas do Brasil, essa transição da infância para a vida adulta é seguida de rituais, os quais desempenham o papel de reinscrever simbolicamente o corpo do púbere, o qual não pertence mais ao mundo infantil, a fim de que passe a assumir um lugar no mundo adulto (Kehl, 2004).

Em sociedades não desenvolvidas tecnologicamente, a passagem da condição infantil ao status de adulto é definida com mais nitidez do que nas sociedades industrializadas e, por vezes, ocorre através de dolorosas provas de iniciação. Cada sociedade possui seus próprios modelos de iniciação, a partir dos quais são transmitidos ao adolescente os valores da sociedade onde lhe está reservado um espaço, possibilitando a sua inserção social no mundo dos adultos (Deluz, 1999). Se a ocorrência de rituais de passagem configura a adolescência, então pode-se pensar que na nossa sociedade ela não está claramente definida, pois não se faz presente um acompanhamento e uma preparação do adolescente para que assuma sua nova posição social (Sarti, 2004). De acordo com Emmanuelli (2008), no decorrer da evolução

cultural houve um abandono dos ritos, os quais possuem um valor incontestável com relação ao psiquismo, pois servem como apoio para a tarefa de representação psíquica individual do fenômeno. Assim, sem rituais que instituem esse momento e o legitimem como um estado de transição, o adolescente pode ocupar um lugar de contestação, contrapondo-se ao mundo adulto. Ele é “uma não-mais-criança e um não-adulto e, frequentemente, considerado um problema para o mundo adulto, o ‘aborrecente’” (Sarti, 2004, p. 124).

Nesse sentido, o jovem acaba tendo que conquistar sozinho seu espaço e sua independência e, quando abandona a condição de adolescente, descobre isso quase sempre à própria custa (Mannoni, 1999). Destaca-se que, na sociedade contemporânea, a “construção de si” se constitui em um desafio para o adolescente/jovem, o qual muitas vezes é levado a trilhar de forma solitária o caminho em busca da definição de valores e condutas e a avaliar de forma individualizada as implicações de suas escolhas (Castro & Correa, 2005).

Freud (1905/1996) aponta duas transformações decisivas advindas com a chegada da puberdade: a retomada do processo de encontro do objeto e a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais. Assim, “os atos sexuais outrora autônomos, ligados ao prazer e à excitação, convertem-se em atos preparatórios do novo alvo sexual (a descarga dos produtos sexuais), cuja consecução, acompanhada de enorme prazer, põe termo à excitação sexual” (p. 221). Ou seja, a pulsão sexual, que até o momento era predominantemente autoerótica, encontra nesta fase o objeto sexual.

A escolha objetal ocorre em dois tempos. O primeiro tempo ocorre entre os dois e cinco anos de idade, sendo detido pela latência. O segundo acontece na puberdade, determinando a configuração definitiva da vida sexual do indivíduo (Freud, 1905/1996). Assim, a primeira infância e a puberdade são considerados dois períodos cruciais no desenvolvimento da sexualidade. Estas fases surgem apoiadas em funções fisiológicas, a saber, a lactância na primeira infância e a maturação genital na puberdade (Blos, 1962/1998).

Conforme abordado anteriormente, Freud, na obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1996), afirma que a sexualidade não é característica exclusiva da puberdade, pois ela se faz presente desde a infância. Assim, de acordo com o autor, o caminho para o encontro do objeto é preparado desde a mais tenra infância. Ou seja, o processo de escolha objetal que é retomado na adolescência acontecerá seguindo, de alguma forma, os vestígios deixados pelas relações iniciais da infância. Dessa forma, Blos (1962/1998) refere-se a um “desenvolvimento sexual bifásico” (p. 19) do indivíduo, já que o avanço rumo à afirmação genital na adolescência é a continuidade de um desenvolvimento que foi temporariamente detido durante a latência.

Neste mesmo sentido, Marty e Cardoso (2008) compreendem a adolescência como um processo psíquico organizador da vida do sujeito, que age de forma retroativa, conferindo sentido à sexualidade infantil, além de dar significado ao que está por vir na fase adulta, tanto no que se diz respeito às escolhas objetais quanto no que se refere à possíveis evoluções patológicas.

Na adolescência “cumpre-se o encontro com o outro na alteridade genital, encontro com a sexualidade genital em si mesmo (reconhecer-se homem ou mulher, e não mais menino ou menina) e no outro (no jogo do desejo sexualizado de um encontro genital)” (Marty & Cardoso, 2008, p. 12). No momento em que o adolescente aceita a sua genitalidade, ele começa a procura por um parceiro, talvez de forma tímida, mas intensamente. Assim, iniciam-se contatos superficiais, os quais vão ficando cada vez mais profundos e mais íntimos. Nessa fase do desenvolvimento, os contatos genitais têm um caráter mais exploratório e preparatório, quando comparados aos que acontecem no início da vida adulta, quando surge a capacidade de assumir um papel paternal (Knobel, 1981/2007).

Levando-se em conta que a adolescência é considerada, juntamente com a primeira infância, um período crucial no desenvolvimento da sexualidade (Blos, 1962/1998), destaca-

se que as modificações físicas e sexuais que acontecem neste momento têm um efeito significativo na forma como o adolescente se percebe e se avalia, além de alterarem radicalmente a forma como ele é visto pelos outros (Preto, 1995). Neste sentido, é imprescindível que os pais, ao notarem a entrada dos filhos na adolescência, procurem compreendê-los de modo a fortalecer o laço afetivo entre ambos. Neste momento, é importante que seja proporcionado um ambiente de confiança e de proximidade entre pais e filhos, a fim de que o adolescente não vivencie esse período de forma solitária e desorientada. A família deve ser fonte de apoio e segurança para que o adolescente possa compreender as transformações pelas quais está passando e para que possa enfrentar os conflitos e angústias típicos desta fase, principalmente no que se refere à sexualidade (Preto, 1995; Sousa, Fernandes, & Barroso, 2006).

No entanto, a partir de um estudo realizado com adolescentes de grupos populares sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de conversação deste tema no contexto familiar, destacou-se, a partir do ponto de vista das participantes, que a sexualidade era um assunto pouco tratado na família e que a maioria dos pais não dava abertura para que este tema fosse discutido. A maior parte das meninas afirmou que nunca tiveram um diálogo aberto sobre sexualidade com seus pais, tampouco receberam informações sobre o assunto. As adolescentes demonstraram ter curiosidade e desejo de saber sobre o assunto e afirmaram realizar tentativas para que ele seja tratado na família. Porém, na perspectiva das mesmas, diante destas tentativas, acontecia uma “fuga” por parte dos pais com relação a esse tema. Perante o silêncio dos pais, elas afirmaram buscar outras fontes de informação e diálogo, sendo os amigos a principal delas (Savegnago, 2011; Savegnago & Arpini, *in press.*). De forma semelhante, um estudo realizado com adolescentes de escolas públicas de Aracaju, Sergipe, mostrou que, perante a falta de abertura para o diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar, os adolescentes acabavam procurando outras fontes de informação, como revistas,

livros, jornais, televisão, amigos, dentre outros, a fim de sanar suas dúvidas a respeito do tema (Guimarães, Vieira, & Palmeira, 2003).

Destaca-se que a maioria dos estudos existentes sobre o tema enfoca o ponto de vista dos adolescentes sobre as conversas sobre sexualidade. Poucas pesquisas levam em consideração o olhar dos pais sobre o fenômeno. Neste sentido, Sarti (2004) salienta a importância de questionar como a própria família entende suas dificuldades, suas necessidades, suas aspirações e quais são as alternativas que ela encontra para lidar com seus problemas, principalmente no que se refere aos adolescentes. Desse modo, o estudo aqui proposto visa complementar o panorama do problema, enfocando o tema dos diálogos sobre sexualidade com adolescentes sob a ótica de mães de grupos populares.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa em questão foi realizada em um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. A escolha do local relaciona-se à identificação de que, dentre os usuários desta instituição, encontravam-se mães de adolescentes oriundas de grupos populares. Participaram 17 mães de adolescentes, usuárias do referido CRAS. Destas, nove foram entrevistadas individualmente e oito participaram de grupos focais. Foram realizados dois grupos focais, com a presença de cinco mães no primeiro e três mães no segundo grupo.

Abaixo, o quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos levantados das mães participantes das entrevistas, o quadro 2 refere-se às participantes do primeiro grupo focal e o quadro 3 diz respeito aos dados das mães que integraram o segundo grupo.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos das participantes das entrevistas

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M1	38 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Quadrangular praticante.	(M) 18, (M) 12, (F) 5.	Mora com os três filhos. Separou-se do marido há um ano.
M2	32 anos	Dona de casa	Ensino Superior Incompleto	Evangélica não praticante	(F) 17, (F) 16	Com o companheiro, a filha de 16 e um irmão portador de necessidades especiais.
M3	49 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (M) 14, (M) 16, (M) 18, (F) 23, (M) 26.	Com os 4 filhos mais novos e o marido.
M4	45 anos	Dona de casa	Ensino Médio Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (F) 9.	Com os 2 filhos.
M5	34 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Completo	Católica praticante	(M) 20, (F) 18, (F) 17, (F) 14, (M) 12.	Com os 3 filhos mais novos.
M6	47 anos	Reciclagem de materiais	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(F) 27, (M) 24, (M) 23, (M) 19, (F) 16, (F) 10.	Com as 2 filhas mais novas.
M7	47 anos	Oficineira de artesanato	Ensino Médio Incompleto	Católica Praticante	(F) 28, (M) 25, (M) 16.	Com o companheiro e o filho de 16 anos.
M8	33 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Não	(M) 15, (F) 13, (M) 11, (M) 10, (F) 5, (F) 2.	Com o marido e os seis filhos.
M9	33 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(M) 17, (M) 14, (F) 12, (F) 5.	Com o marido e os quatro filhos

Quadro 2 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 1

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M10	47 anos	Dona de casa (desempregada no momento; é diarista).	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(F) 27, (F) 26, (M) 15, (M) 10.	Com o companheiro e os dois filhos mais novos.
M11	38 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não praticante	(F) 20, (M) 19, (F) 15, (M) 1 ano e 10 meses.	Com o companheiro e o bebê.
M12	42 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(M) 20, (F) 18, (M) 15, (M) 13.	Com os quatro filhos.
M13	56 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(F) 34, (M) 32, (F) 27, (F) 22, (F) 20, (F), 17.	Com o marido, as 4 meninas mais novas e o filho de 32.
M14	48 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(M) 28, (M) 22, (F) 21, (M) 19, (F) 16, (M) 11, (M) 9... Não lembrou dos 12 filhos.	Com o companheiro e o menino de 11 anos.

Quadro 3 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 2

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M15	30 anos	Auxiliar de limpeza	Ensino Fundamental Completo	Evangélica praticante	(F) 14, (M) 12, (F) 9, (F) 7, (M) 2	Com o marido e os filhos.
M16	41 anos	Comerciante	Ensino Médio Completo	Evangélica praticante	(F) 13	Com o companheiro e a filha.
M17	36 anos	Dona de casa	Ensino Médio Completo	Católica praticante	(M) 12, (F) 6	Com o marido e os filhos.

Instrumentos e procedimentos

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no projeto e de compreender de forma mais ampla e profunda a reflexão de mães no que se refere ao diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes, realizou-se um estudo qualitativo. Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais, técnicas estas que se mostram adequadas para investigações qualitativas e atenderam aos objetivos deste estudo. Entende-se que a partir do uso de técnicas diferentes é possível captar os diferentes aspectos envolvidos na constituição do objeto que está sendo pesquisado. Dessa forma, foi utilizada a estratégia metodológica de triangulação dos dados coletados. Ou seja, foram combinados dois métodos distintos (entrevistas e grupos focais), a fim de conferir maior abrangência e profundidade à análise do fenômeno pesquisado (Jovchelovitch, 2000).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas, as quais permitiram o acesso aos dados básicos para a compreensão detalhada das crenças, significações, atitudes, valores e comportamentos dos sujeitos no que se refere ao assunto proposto (Gaskell, 2005). Os grupos focais complementaram as entrevistas, visto que nestes, devido à interação de seus membros, foi possível esclarecer temáticas surgidas nas entrevistas individuais. Destaca-se que, em um grupo, a partir da partilha de experiências, opiniões e sentimentos, produzem-se articulações e *insights* que dificilmente seriam realizados por um único indivíduo (Barbour, 2009; Gaskell, 2005; Kind, 2004).

Após a autorização da instituição para a realização da pesquisa e da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM (parecer nº 54850 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 05022712.8.0000.5346), iniciou-se o contato com as prováveis participantes. A maior parte dos contatos foi feito via telefone pela pesquisadora, a partir de indicações das profissionais do CRAS, e de prontuários e fichas referentes ao programa Bolsa-Família de usuários da instituição e também através da

participação da pesquisadora em um dos grupos de mulheres que acontecia quinzenalmente na instituição, durante o qual foi exposta a proposta de pesquisa e realizado o convite às mães ali presentes. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: ser mãe de pelo menos um adolescente (do sexo feminino ou masculino), ser usuária do CRAS e ter disponibilidade e interesse em participar da entrevista ou do grupo focal. Neste estudo, partiu-se da disposição do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que define como adolescente o indivíduo com idade entre doze e dezoito anos incompletos.

Ao pesquisador cabe estabelecer o *rapport*, ou seja, assegurar, através de uma postura encorajadora e tranquilizadora, que as participantes sintam-se à vontade para exporem suas opiniões (Gaskell, 2005). Dessa forma, o moderadora/entrevistadora se apresentou e fez uma breve introdução, com o objetivo de tranquilizar e estabelecer o enquadre para a realização do grupo ou da entrevista. Foram explicados claramente às participantes os objetivos do estudo e apresentada a ideia de uma discussão grupal ou de uma entrevista. Depois da leitura e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi solicitado às participantes que se apresentassem, indicando sua idade, escolaridade, ocupação, e a configuração familiar, ou seja, quem morava na casa, número de filhos e idades dos mesmos. Após a permissão das mães para a gravação em áudio, iniciou-se a discussão grupal ou a entrevista.

Foram utilizadas como disparadores para a discussão grupal falas de meninas que participaram de uma pesquisa anterior que teve como tema o diálogo sobre sexualidade na família. As vinhetas utilizadas foram as seguintes: **1.** *“Eles acham que a gente não tá preparada pra sabê daquilo. Mas a gente tá preparada. Tá chegando a idade, a gente tem que sabê disso. A gente tá na idade de sabê essas coisas”* (E, 13 anos); **2.** *“A minha mãe me contava: Se tu beijava tu ia engravidá e daí se tu beijava assim, o homem tinha que comprá uma sementinha e pôr no teu umbigo pra ti ter um nenê, porque senão tu era condenada”* (T,

13 anos); **3.** “É, tipo quando a gente quer conversar e tipo, “ah não quero conversá sobre isso”, daí... tipo eu, quero conversar sobre sexualidade com a minha mãe, mas a minha mãe não fala isso comigo” (R, 13 anos); **4.** “O máximo que a mãe me fala é: ‘Se tu for fazê alguma coisa, tu usa camisinha’ (...) A senhora camisinha... [risos]. É, o que eles mais falam... se previni...” (K, 14 anos) (Savegnago, 2011).

Os eixos que nortearam as entrevistas foram os seguintes: 1- Abordagem do tema sexualidade na família; 2- Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente; 3- Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados; 4- Diferenças entre conversar com meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são; 5- Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam; 6- Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos; 7- O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento. As entrevistas e os grupos focais foram realizados nas dependências do CRAS, em uma sala apropriada, sendo gravados e posteriormente transcritos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados através do método de Análise de Conteúdo Temática, como proposto por Bardin (1977). Para chegar às categorias, as entrevistas foram sendo analisadas primeiro de forma individual, à medida que foram sendo transcritas e, posteriormente, em conjunto. Após esta etapa, os grupos foram também analisados, primeiramente de forma individual e depois procedeu-se a análise da totalidade do material partindo-se para os elementos presentes considerando-se a força discursiva, os sentimentos manifestados, os silêncios ou conflitos em relação à temática. Neste trabalho, serão abordadas

as seguintes categorias e subcategorias: (1) desafios para o estabelecimento do diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes; (a) a escola e a educação sexual dos adolescentes; (b) educação sexual e saúde pública; (c) outras fontes de informação e diálogo sobre sexualidade; e (2) quem ocupa o espaço não ocupado pela família?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. *“Essas coisa assim eu sô meio sem prática de falá”*: desafios para o estabelecimento do diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes

Estudos vêm mostrando que, em geral, há um reconhecimento por parte dos pais sobre a importância do diálogo aberto com seus filhos sobre sexo/sexualidade. No entanto, grande parte dos pais manifestam dificuldades para abordarem esta temática com os filhos, pois não se sentem preparados e aptos para fazê-lo, evitando assim enfrentar o problema (Barbosa, Costa, & Vieira, 2008; Cano & Ferriani, 2000; Dias & Gomes, 1999; Predebon, 2002). Algumas mães participantes deste estudo afirmaram sentir-se despreparadas para abordar o tema da sexualidade com os filhos. Além disso, elas manifestaram sentir-se menos preparadas com relação a informações sobre o assunto, quando comparadas a outras pessoas e aos próprios filhos adolescentes. Esta questão pode ser visualizada nas seguintes falas:

M7: Eu disse “Mas eu nem sabia que tinha sabor nas camisinha...” eu disse pra ela. Ela “Ai amiga, como tu é atrasada!” (risos) Eu digo assim ó, não sei se eu sô burra. M3: É, não tem o que falá mesmo. Sei lá... Pois é... (silêncio) (...) Eu não sei nem o que te falá, porque tô meio sem prática (riso). M12: Ele [filho] explica pra mim, ele diz “Bah mãe, a senhora ficô pra trás. A senhora tá perdida no mundo!”.

Assim, diante da sensação de despreparo, pode haver um fechamento ou uma “fuga do tema” por parte mães diante de pedidos realizados pelos filhos por orientações sobre assuntos relacionados à sexualidade. Este aspecto pode ser verificado na fala que segue.

M4: E às vez tu não sabe como lidá... a hora que perguntam às vez tu fica meio perdida. (...) Na minha família não falo muito... porque fala comé... às vez... Quando tamo junto e tem um nenê e a gurua pergunta por onde nasce o nenê. “Por onde? Da barriga nasce o nenê...”. “Tá, mas como?”. Eu disse “Não...” (riso). Aí ela olha pra mim “Aham, nasce por onde?”. “C, a gente faz sexo pra nascê o nenê”, o irmão (V) dela diz. “V, parô!”. “Não, mãe, ela perguntô”. Às vez tu fica perdido. Têm umas coisa que tu tem... Em casa tu tranca pra falá. (...) porque às vez ele me pergunta e eu fico quieta, numas coisa... E eu fico meia perdida... “Tu pergunta pro pai...”.

Além do sentimento de despreparo, o sentimento de vergonha ao falar sobre sexualidade com os filhos também foi apontado por algumas mães participantes. No caso de M14, de acordo com seu relato, esse sentimento teria feito com que ela mantivesse o silêncio em relação ao tema, apesar das solicitações da filha por esclarecimentos.

M14: Eu nunca expliquei porque ela... porque eu tinha receio de falá pra ela e vergonha dela... Com 10 anos já tá me pedindo, já tá me pedindo isso, né, de sexo... Ela foi experimentá, né... já que eu não expliquei pra ela...

Estudo realizado por Gubert, Vieira, Pinheiro, Oliveira e Costa (2009) com mães de adolescentes revelou que elas reconheciam a importância do diálogo sobre sexualidade, mas relataram que o medo e a vergonha por vezes prejudicavam a sua concretização. De acordo com Levisky (1995), a sexualidade pode estar relacionada a algo vergonhoso para os pais, o que pode ser apontado como um legado do período em que eles vivenciaram sua própria adolescência. Desse modo, diante da adolescência dos filhos, os pais podem angustiar-se

principalmente em decorrência das evocações conscientes e inconscientes de suas fantasias e de comportamentos presentes em sua adolescência (Levisky, 1995; La Robertie, 1999).

Neste mesmo sentido, Dias e Gomes (1999) ressaltam que o olhar sobre a sexualidade do filho adolescente possibilitar que os pais redimensionem e resignifiquem suas próprias experiências relacionadas à sexualidade. Os autores destacam ainda que o diálogo com os filhos pode ser incômodo para os pais devido ao fato de que eles podem re-experienciar suas próprias dúvidas e angústias adolescentes relativas à sexualidade.

Para a participante M12, o sentimento de vergonha e a dificuldade encontrada para conversar sobre sexualidade, principalmente com o filho do sexo masculino, parecem estar ligados à sua ideia de que conversar sobre sexualidade seria uma tarefa que não combinaria com a função materna. Esta questão pode ser visualizada em sua fala.

M12: Têm muitas mães que não sei... não querem falá, se sentem com vergonha de falá. Porque não é fácil pra gente chegá e contá pro filho da gente como é que é... Não sei se é vergonha, o que que é... Fica chato, dá um... chegá, explicá... pra filha mulher não é muito, é mas não é muito. Mas pra filho homem é pior, porque os guri saem com cada pergunta e tu tem que respondê. Tô com o meu filho de 15 anos que esses dias me perguntô “Mãe, quando a minha namorada tá menstruada eu não posso mantê relação sexual com ela, né?”. Eu disse “Não”. “Eu quero que a senhora me explique isso aí”. Daí eu tive que sentá e explicá pra ele porque que ela tinha que ficá menstruada, porque que sai aquele sangue... Eu tive que explicá tudo pra ele. Fica chato... das vez a gente diz “Tá, daqui a pouquinho eu venho ali”. Aí ele fica na sala esperando sentado. “Tá mãe, vai vim?”. Aí eu chego até lá pra explicá pra ele. Mas é difícil. Às vez as mãe não é porque não qué, mas acho que elas não conseguem... Travam, e eles ficam perguntando... É difícil pra uma mãe. Eles são criança, e nós somo a mãe deles. Então é bem difícil chegá e dizê o que tá acontecendo...

A partir da fala de M12, nota-se que ela parece esforçar-se para sanar as dúvidas de seu filho a respeito da temática da sexualidade. No entanto, ela salienta o quanto alguns assuntos

relacionados à sexualidade são difíceis de ser tratados. Este aspecto também pode ser percebido nas falas abaixo.

M4: Que sempre têm umas coisa que fala abertamente, têm outras... umas coisa que tranca... E sexo não é fácil de falá. Tem gente que não fala... têm uns que têm vergonha. M15: Só que... é difícil, é difícil a gente abordá isso aí pra eles.

Em relação a esta questão, Predebon (2002) defende a ideia de que um dos motivos pelo qual é difícil falar de forma aberta sobre o tema da sexualidade é o fato de que este assunto ainda é envolto por muitos preconceitos, mitos, tabus e por uma forte carga emocional. Masotta (1987) traça suposições utilizando a questão da pulsão para explicar por que a sexualidade pode tornar-se intolerável a ponto de produzir efeitos patogênicos, assim como indaga-se sobre o que há no sexo que o tornaria reprimível. Para a psicanálise, a sexualidade é algo que não tem a ver com o Saber cotidiano, pois as concepções freudianas separam o sexo do Saber. Assim, o autor reflete sobre o fato de que a psicanálise mostra que as pessoas não adoecem por ignorarem as regras biológicas referentes ao sexo, mas sim porque não querem saber acerca do que é inerente à sexualidade. Desse modo “O sujeito não sabe sobre aquilo que está na origem dos sintomas que suporta (está aí o inconsciente), porque nada quer saber sobre o fato de que não pode saber que não existe Saber sobre o sexual” (p. 26). Ou seja, “o que está em jogo no sexo é o Saber sobre o objeto” (p. 26). No entanto, a pulsão não facilita esse saber, já que, conforme apresentado por Freud (1915/1996), o objeto é o que há de mais variável na pulsão, não existindo, assim um objeto que lhe seja próprio. O fato de a sexualidade ser reprimida relaciona-se ao que ela possui de enigmático. Quando se reprime é porque não se quer tomar conhecimento de algo que exige ser reconhecido. E o que exige ser reconhecido é justamente o fato de que não existe um Saber unido ao sexo (Masotta, 1987).

Outro aspecto que merece ser destacado é que, a partir dos relatos de algumas mães participantes, é possível notar uma relação estreita entre o despreparo e a dificuldade para abordar o tema da sexualidade com os filhos e suas vivências passadas. A maioria das mães relatou um passado marcado por silenciamento e tabus em relação à sexualidade junto a suas famílias durante a infância e adolescência. Este aspecto fica evidente nas falas das participantes M6 e M7:

M6: Bom, eu me criei, como eu te disse, têm coisas que os mais novo sabem que eu não sei. Muitas coisas que dizem eu não sei. Eu não fui criada assim, sabe, solta. Eu me casei com 19 anos. Eu me criei assim sem sabê nada, nem de mãe, nem de pai, nem de irmão, nem de ninguém, entendeu? E até hoje, hoje eu vejo umas gurias de 12, 13 anos falá em sexo, falando em coisa de sexo que eu não sei o que que é. Eu não tenho vergonha de dizê. Eu não sei o que é. M7: A gente só se obrigô a tê essa conversa porque ela [filha de 18 anos] ia casá. Entende? Ela ia casá, aí a gente se achô na obrigação conversá, alertá ela pra tudo, né. (...) E nem fui eu que puxei o assunto. (...) Sentô os três ali pra conversá, assim. Quem puxô o assunto foi ele [seu companheiro], porque eu tinha vergonha, porque eu fui criada assim retraída pela minha mãe, né, daí tinha vergonha. Aí ele disse não, aí ele foi puxando o assunto, foi conversando com ela tranquilo. (...) Não sei se eu não iria ficá com vergonha [de conversar] (...). A gente foi criado assim. A gente foi criado assim. Infelizmente a criação dos pais nossos foi assim, né.

O fato de os pais não terem vivenciado momentos de diálogo sobre sexualidade junto a seus próprios pais é um aspecto por vezes utilizado pelos mesmos para justificar a dificuldade para estabelecer um diálogo aberto com seus filhos adolescentes (Dias & Gomes, 1999; Cano & Ferriani, 2000). Pesquisa realizada por Dias e Gomes (1999) que teve como participantes pais de adolescentes gestantes revelou que as lembranças dos pais acerca de sua própria vivência familiar durante a adolescência poderia ter relação com a maneira com que esses pais estabeleciam (ou não) diálogos sobre sexualidade com suas filhas. O estudo mostrou que os

pais das adolescentes gestantes informaram que não tiveram seus familiares disponíveis para oferecer informações e dialogar sobre sexualidade, desenvolvendo-se enquanto adolescentes em um meio marcado por proibições, repressões e preconceitos. Assim, pode-se pensar que haveria uma compreensão desses pais de que não deveriam reproduzir o modelo de educação sexual recebido em suas famílias, no entanto, o único modelo conhecido e aprendido seria o da imposição de padrões (Dias & Gomes, 1999).

Embora muitas vezes possa ser difícil e conflituoso para os pais, o diálogo com os filhos, sobretudo no período da adolescência, é fundamental e deve ser estimulado, pois é neste período que os filhos mais necessitam e demandam informações e orientações sobre o tema. Caso não obtiverem as informações de que necessitam junto aos pais, os adolescentes podem acabar adquirindo-as a partir de outras fontes, como entre os amigos ou na rua, já que de alguma forma eles precisam obter respostas para suas dúvidas (Almeida & Centa, 2009).

2. Quem ocupa o espaço não ocupado pela família?

A partir do que foi apresentado até então, pôde-se perceber que as mães revelaram algumas dificuldades para abordar o tema da sexualidade com seus filhos adolescentes, e que estas dificuldades muitas vezes têm relação com suas vivências com seus próprios pais no passado. Algumas mães alegaram um despreparo para abordar o tema, que poderia ser resultado, além de experiências pregressas referentes à sexualidade, também das dificuldades que o tema da sexualidade mobiliza. Trata-se de um assunto delicado, que ainda se constitui em um tabu em muitos casos. Diante disso, muitos pais acabam não se ocupando do importante papel que lhes caberia na abordagem da sexualidade com seus filhos. Assim, outras instituições e pessoas acabam ocupando esse espaço, quando não preenchido pelos genitores.

2.1. “Na escola hoje em dia ensinam, né, eu acho uma maravilha isso”: a escola e a educação sexual dos adolescentes

A escola, devido ao papel ocupado como lugar de socialização do adolescente, tem se configurado em um meio muito importante para a educação sexual (Borges, Nichiata, & Schor, 2006; Brêtas & Silva, 2005; Vilelas Janeiro, 2008). As mães participantes deste estudo referiram de forma significativa a escola como um lugar onde seus filhos adquirem informações e recebem orientações sobre sexualidade.

M5: Mas geralmente sobre doença, essas coisas, elas já aprenderam no colégio, né, então elas já sabem. Mas às vezes mesmo eles vêm me contá, até às vezes eu nem sei e eles vêm me contá, né. Que falaram sobre uma doença, sobre isso... sobre camisinha também, tudo elas falam, tudo... Eles tão bem informados. M9: E eu acho que eles têm esclarecimento, né, em relação a isso. E hoje também na escola, também, a escola orienta bastante, né, então eu acho que são bem informados. M17: E a escola hoje em dia ensina bastante também sobre a sexualidade. Porque aqui no X eles têm palestra, eles têm... é aberto, aberto, aberto assim que... eu até fico bã...

Houve um reconhecimento por parte das participantes do papel que a escola assume na educação sexual de seus filhos, o que também pôde ser identificado numa pesquisa realizada por Almeida e Centa (2009), na qual os pais afirmaram que muitas das informações relativas à sexualidade que os adolescentes possuíam haviam sido transmitidas pela escola. Seguindo esta linha de raciocínio, a fala de M2 retrata que não seria tão necessário que os pais se preocupassem em estabelecer esse tipo de conversa com os filhos, uma vez que a escola daria conta disso, o que ela avalia como algo bom. *M2: Sabe que eu cheguei numa conclusão, que não adianta tu te preocupá tanto em falá sobre... claro que hoje em dia tem que conversá. Na*

escola hoje em dia ensinam, né, eu acho uma maravilha isso. Pode-se notar nesta fala certo alívio por parte da mãe ao pensar que estaria desresponsabilizada da tarefa de dialogar a respeito deste assunto com os filhos, já que a escola estaria assumindo este papel.

Como abordado anteriormente, os genitores, por sentirem dificuldades em tratar questões de sexualidade com seus filhos adolescentes, poderiam estar transferindo à escola a tarefa de abordar estes assuntos. Muitos pais parecem acreditar que os professores estariam mais aptos que eles para tratar do tema com os adolescentes. No entanto, vários estudos têm apontado certo despreparo dos professores para a abordagem do tema (Brêtas & Silva, 2005; Cano & Ferriani, 2000; Moura, Pacheco, Dietrich, & Zanella, 2011; Valdés, 2005). Ao tratar-se deste assunto, ainda é comum a ocorrência de dúvidas e a transmissão de mitos e ideias preestabelecidas também por parte dos professores (Macedo, Miranda, Pessoa Junior, & Nobrega 2013). Ainda, por vezes, diante das manifestações da sexualidade por parte de crianças e adolescentes no meio escolar, os professores ignoram, ocultam ou reprimem tais comportamentos, apoiados na ideia de que a sexualidade seria um tema para ser tratado somente pela família (Brasil, 1998).

A abordagem da sexualidade no contexto escolar é uma questão polêmica, considerando-se os tabus que circundam esta temática e a variedade de pontos de vista, crenças e valores dos diversos atores envolvidos, como alunos, pais e professores (Castro, Abramovay, & Silva 2004). Nesse sentido, por vezes pode haver críticas por parte dos pais quanto ao tipo de informação sobre sexualidade transmitida pela escola aos adolescentes e também em relação à forma como se dá essa abordagem. A fala de M1 ilustra tal situação:

M1: Isso as professora tão explicando pra eles, né. Aí ficavam faceiro, tudo curioso, diziam que podiam fazê, que podiam mantê, que não tinha quem atacasse eles, não tinha regra nenhuma, eles não precisavam tê insegurança, eles podiam fazê. Era só colocá o preservativo e mantê relação uns com os outros. Que aquilo ali era brincadeira pra eles, né. Tipo uma brincadeira, porque a

professora tinha explicado tudo sobre o sexo do guri e da guria também né. E eles acharam lindo. Explicô, ensinô, mostrô os preservativo, como é que usava, como é que não usava, como é que colocava, mandô eles arrumá diz que numa banana, tudo né... eles explicam no colégio né. Mas aí ensina eles começá a fazê e rí e achá lindo. Eu acho que eles tinham quem ensiná quem estivesse já de 15, 16, acima... menor não. Sei lá... Tinha que tê idade, tudo, regra, né.

De forma semelhante, Castro, Abramovay e Silva (2004) constataram em sua pesquisa casos de pais que afirmavam que a escola não podia ser um “lugar para ensinar saliências”. Apesar disso, também em concordância de Castro, Abramovay e Silva (2004), a maioria das mães participantes da presente pesquisa pareceu estar de acordo com a forma como é tratada a questão da sexualidade no âmbito escolar. Anteriormente, cultivava-se a ideia de que as famílias eram contrárias à abordagem desse assunto no meio escolar. No entanto, hoje se percebe que a maioria dos pais reivindica a orientação sexual nas escolas, uma vez que reconhecem não só a sua importância para crianças e adolescentes, mas também a dificuldade de conversar de forma aberta sobre o tema na família (Brasil, 1998).

As falas das mães participantes denotam que os assuntos relacionados à sexualidade abordados na escola geralmente referem-se a questões biológicas, voltadas para as questões reprodutivas e preventivas.

M7: Ah, ela disse pra mim daí assim: “Vocês sabem que eu já sei tudo isso que vocês tão me falando?”. Daí a gente: “Mas como tu sabe?”. “O colégio ensina”. (...) Ela tinha 16 anos. Ela tava no segundo ano do segundo grau já. Quase terminando o segundo ano. E daí ela noivô né. (...) E daí a gente quis sentá, vamo conversá com ela. Daí ela olhô pro F. [companheiro da mãe] e disse: “Tio, você e a mãe não precisam falá essas coisas. Eu já sei tudo o que tu tá falando”. Daí a gente disse: “Mas como, minha filha? Com quem que tu aprendeu?”. “Com os livros”. Daí ela mostrô pra nós os livros de biologia e tava tuudo nos livros. A gente já vem de uma vida assim que é só trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho. Eu trabalhava de empregada doméstica o dia inteiro. M16: E o colégio tá ensinando tudo. Mesmo o colégio que a minha filha estuda, se ela for

lá pedí preservativo o colégio vai dá. Eu sei que vai dá preservativo no colégio, eu conversei lá, que tem o Soe pra atendê as mães das crianças, né.

Na fala de M7, destaca-se a ocorrência de diálogo sobre sexualidade com a filha somente aos 16 anos, o qual teve como motivação principal o fato de que a adolescente se casaria em breve. Um aspecto que chama atenção na fala desta mãe é que ela parece ter se utilizado do trabalho e da falta de tempo como justificativa para a sua falta de diálogo com a filha sobre questões que envolvem a sexualidade. Neste caso, parece que a escola, para esta mãe, preencheu um espaço que ela não teria conseguido ocupar. No entanto, a abordagem do tema realizada na escola parece ter sido restrita às questões biológicas e reprodutivas, presentes nos livros de biologia, como teria relatado a filha de M7. A fala de M16 sugere que a atuação da escola parece ter sido superficial, limitando-se à distribuição de preservativos.

Em concordância com esta percepção, vários estudos têm constatado que, nas escolas, a sexualidade geralmente é abordada priorizando-se seus aspectos biológicos e tratada como sinônimo de genitalidade, desconsiderando-se, assim, suas dimensões afetivas e emocionais (Borges, Nichiata, & Schor; Brêtas & Silva, 2005; Cardoso, Figueiredo, & Pecorari, 2007; Moura *et al.*, 2011, Oliveira, 2012). Pesquisa realizada por Macedo *et al.* (2013) junto a adolescentes mostrou que a abordagem da temática da sexualidade era feita de forma superficial na escola, restringindo-se à ênfase ao uso da camisinha e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Macedo *et al.*, 2013).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados” (Brasil, 1997, p. 28). A orientação sexual é entendida, a partir dos PCN’s, como um dos temas transversais a serem abordados na escola, ou seja, deveria permear toda a prática educativa e ser contemplada

pelas diversas áreas do conhecimento, não se restringindo a uma disciplina específica. No entanto, o que comumente tem se observado é que a tarefa de abordar este tema junto aos alunos recai geralmente sobre os professores das ciências biológicas. Isso pode estar relacionado ao fato de que a sexualidade ainda estaria associada unicamente às questões reprodutivas, levando à ideia de que a educação sexual inclui apenas a abordagem de conteúdos relacionados à anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, AIDS e contracepção, deixando-se de lado as questões subjetivas e afetivas do adolescente. Em relação a este aspecto, Brêtas e Silva (2005) e Oliveira (2012) afirmam que a redução da sexualidade apenas ao seu aspecto reprodutivo não é um fato recente e poderia ser apontada como uma consequência da negação do sexo como fonte de prazer.

Diante destes desafios, Castro, Abramovay e Silva (2004) sugerem a colaboração de especialistas na realização de trabalhos de esclarecimento e formação sistemática de professores. O desenvolvimento destas atividades poderia, dentre outros benefícios, colaborar no sentido de oferecer maior segurança aos professores na abordagem do tema da sexualidade diante das questões que possam vir a ser levantadas pelos alunos.

Apesar da importante atuação da escola na temática da sexualidade como educadora sexual e da importância conferida pelas mães a esta instituição no que concerne a estas questões, salienta-se que esta não deveria substituir os diálogos e orientações sobre sexualidade no âmbito familiar. Tal ideia esteve presente na fala de algumas mães: *M13: Eu não acho assim. Eu acho que tem que sê de dentro, né, da mãe, da gente, né. M14: Dentro de casa tem que sê em primeiro lugar... pra depois a escola e tem o mundo também.*

Nesse sentido, Oliveira (2012) destaca que os pais são os principais educadores sexuais das crianças e adolescentes. A responsabilidade inicial e fundamental da educação afetiva e sexual corresponde aos pais, por serem estes os primeiros educadores da criança e

por ser a família o local mais adequado para a criação de um clima que dificilmente pode ser alcançado em outros contextos (Rico, 2006).

Desse modo, embora algumas mães tenham considerado que a atuação da escola poderia substituir a abordagem do tema pela família, se fizeram presentes relatos que consideram que a família e a escola deveriam atuar como complementares no que se refere aos diálogos sobre sexualidade com os adolescentes.

M5: Eu, na minha opinião, não acho que seja suficiente, mas eu acho que se os pais não apoiarem, não ajudarem também, só a escola, né, não é... Das vezes eles podem até ouvir e achá que não é... Eu acho que se os pais participá junto com a escola, eu acho que é bem melhor, né. M9: (...) depende muito do orientador. Na escola eles falam sobre certos temas assim rapidinho, até passam um filminho, alguma coisa, né. Que acredito que eles dão essa orientação, mas há muita informação errada que chega aos ouvidos deles, sabe. (...) Então eu acho que tu tem, a escola faz a parte dela e em casa tu faz a tua, esclarece, né. Acredito que seja isso, né. Tu tem que esclarecê o que muitas vezes o professor não tem tempo de esclarecê ou passa a informação de repente corrido. M10: Eu tento acompanhá o dia a dia dele, e na sala de aula, que eu sei que a escola já... é pra isso já, pra ensiná muitas coisas que não se ensina em casa. (...) Eles tão orientado hoje, sim, eles são bem orientado por nós hoje em casa e são depois na escola.

De forma semelhante, um estudo realizado em Lisboa com adolescentes, pais e professores mostrou que a maioria dos genitores participantes acreditava que a escola era a instituição destinada à educação sexual dos filhos, a qual deveria ser complementada no âmbito familiar. Em concordância com o exposto, professores e adolescentes compartilhavam da ideia de que a família e a escola deveriam atuar como complementares na educação sexual dos adolescentes. Além disso, a maioria dos pais participantes do estudo demonstrou aprovação em relação à implementação de programas de educação sexual nas escolas (Vilelas

Janeiro, 2008). Assim, o autor afirma que “se à família cabe um relacionamento mais íntimo e profundo, à escola caberá um relacionamento mais planejado e sistemático” (p. 383).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a sexualidade deveria ser abordada em primeiro lugar no meio privado das relações familiares. Desse modo, explícita ou implicitamente, podem ser comunicados os valores que cada família assume como seus e espera que a criança ou o adolescente adote. Por outro lado, é tarefa da escola a abordagem dos diferentes pontos de vista, valores e crenças presentes na sociedade, a fim de ajudar o aluno a estabelecer referências para si através da reflexão. A escola desenvolve suas ações a partir de um processo formal e sistemático que acontece no interior da instituição, o qual demanda um planejamento das atividades, que são desempenhadas pelos profissionais da educação. Assim, deve-se ter em conta que o papel desempenhado pela instituição escolar, chamado de Orientação Sexual, não substitui nem disputa com a função familiar, mas lhe é complementar (Brasil, 1997).

Considerando-se esta complementaridade necessária entre família e escola no que se refere às orientações sobre sexualidade ao adolescente, cabe à escola informar os familiares dos estudantes a respeito da inclusão da orientação sexual na proposta curricular, explicitando os princípios norteadores deste trabalho. O apoio dos pais ao trabalho desenvolvido na escola junto a seus filhos pode ser uma importante parceria para o sucesso da orientação sexual nesta instituição. Destaca-se que em nenhuma circunstância cabe à escola emitir julgamento quanto às orientações que cada família oferece a seus filhos. A função da escola é ser um espaço onde os diversos valores, ideias e crenças sobre sexualidade possam ser expressos e refletidos. Além disso, compete à escola abordar a questão do respeito às diferenças, partindo de sua própria atitude de respeito às possíveis diferenças manifestadas pelas famílias. Como exceção estariam as situações em que tenha havido violação dos direitos de crianças e/ou adolescentes.

Nestas situações específicas, a escola deveria agir no intuito de assegurar a integridade de seus alunos (Brasil, 1997).

2.2. “*Tem tudo também nos posto de saúde, te dão preservativo, te dão anticoncepcional, te dão tudo*”: educação sexual e saúde pública

A saúde pública também parece estar assumindo um papel importante para essas mães, uma vez que, conforme seus relatos, elas recorrem muitas vezes às Unidades Básicas de Saúde ou às equipes da Estratégia de Saúde da Família, a fim de que os profissionais da saúde prestem esclarecimentos sobre sexualidade aos seus filhos adolescentes. Isto parece ocorrer tanto em relação aos meninos quanto em relação às meninas. As mães esperam esclarecimentos por parte dos profissionais principalmente sobre prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez, além de buscarem preservativos e anticoncepcionais.

M8: [O filho R] não que ir no médico conversá sobre sexo, nada, sabe... Fica furioso quando eu falo. Furioso, furioso. Segunda passada eu fui lá, marquei no posto, tu acha que ele foi? Fez um pé-de-guerra e não foi. Não adianta eu insisti porque ele não vai, não vai. Porque se eu ele não ouve, vai ter que ir no médico pra ele vê né como é a verdade, qual é as doença que pega se tu não te cuida, que nem eu disse pra ele, né. M7: Tem tudo também nos posto de saúde, te dão preservativo, te dão anticoncepcional, te dão tudo, né. M15: A minha filha, eu levei ela no médico, ela não teve relação ainda.

De acordo com Santos (2011), a partir de uma pesquisa realizada com profissionais de equipes da Estratégia de Saúde da Família da cidade de Santa Maria/RS, muitos pais encaminhavam seus filhos à unidade de saúde, para que tais assuntos fossem esclarecidos e discutidos com a equipe. Estes profissionais apontaram que isso ocorria devido às

dificuldades das famílias em abordar assuntos relacionados à sexualidade com os filhos adolescentes.

No entanto, em alguns casos, estes esclarecimentos podem ter para as mães um caráter complementar ao que elas já teriam transmitido. Esta ideia se faz presente na fala de M16:

Então ela sabe tudo, ela tem namorado. Até o namorado dela é bem maior que eu. Tem namorado, eu trouxe no médico, pedi pro médico explicá, orientá ela. Porque não adianta proibí, amanhã depois ela vai transá, né. (...) Mas isso foi interessante, que eu trouxe ela no médico e o médico explicô tudo isso pra ela também. Que eu fui junto. Ele explicô tudo que eu já tinha explicado, que eu sabia até de cor. Mas é bom repetir, repetir pra ela. Porque a gente... como tu falô, um filho tu cria, mas uma Aids? Uma doença venérea?

Em relação a esse aspecto, Santos e Ressel (2013) e Tôrres, Nascimento e Alchieri (2013) questionam se, quando o adolescente busca um serviço de saúde, ele recebe a atenção ideal e se estes serviços encontram-se bem preparados para acolhê-lo. Os autores afirmam que a forma como o adolescente é acolhido no serviço pode cativá-lo ou afastá-lo imediatamente. Muitos adolescentes que buscam um serviço de saúde, antes de chegar enfrentam vários tabus e dúvidas, o que pode ser intensificado quando esta busca é por esclarecimentos sobre assuntos relacionados à sexualidade. Nesse sentido, os autores entendem ser imprescindível que o profissional de saúde tenha para com este adolescente uma atitude de cordialidade, acolhida, compreensão, respeito à sua singularidade e isenta de julgamentos.

O estudo de Santos e Ressel (2013) mostrou que na prática, percebe-se que a procura dos adolescentes pelo serviço de saúde ocorre geralmente pelos seguintes motivos: teste de gravidez, consulta pré-natal, busca por anticoncepcionais e preservativos masculinos. Os autores destacaram ainda que uma situação que frequentemente traz dificuldade para o profissional de saúde é ter que lidar com o início da vida sexual do adolescente. Para tanto, os

profissionais precisam demonstrar tranquilidade e segurança ao prestar o atendimento e não recriminá-lo por suas escolhas (Santos & Ressel, 2013).

Ao trabalhar questões sobre sexualidade, o profissional da saúde deveria levar em conta as particularidades de cada família e agir de forma a apoiá-la, protegê-la e fortalecê-la. Seria fundamental que a família e o profissional da saúde compartilhassem conhecimentos e ações com o objetivo de orientar os adolescentes para exercerem sua sexualidade com responsabilidade, dignidade e prazer. De acordo com Almeida e Centa (2009) o profissional da enfermagem é um dos profissionais que se encontra habilitado para desenvolver ações de educação em saúde e, portanto, pode atuar no planejamento e na implementação de ações que favoreçam a saúde do adolescente e também que apoiem sua família.

Salienta-se que a orientação sobre a saúde sexual do adolescente não é uma tarefa exclusiva da enfermagem, cabendo também aos demais profissionais desempenhar esse papel. No entanto, quem mais parece estar se ocupando desta função tem sido o profissional da enfermagem. Isto fica evidente nas produções científicas sobre orientação sexual ao adolescente, as quais são em grande parte provenientes desta área.

Estudos mostram que um baixo percentual de adolescentes afirma ter participado de atividades educativas voltadas para a sexualidade desenvolvidas por alguma unidade de saúde (Borges, Nichiata, & Schor, 2006; Tôrres, Nascimento, & Alchieri, 2013). Além disso, os adolescentes participantes do estudo de Tôrres, Nascimento e Alchieri (2013) relataram que, apesar de sentirem-se bem acolhidos nas unidades de saúde, não costumavam procurar essas instituições para conversar sobre sexualidade ou buscar atendimento voltado para questões sexuais.

Tendo em vista essa baixa procura dos adolescentes por atendimentos nas unidades de saúde, é importante considerar que estudos mostram que, em geral, os profissionais desta área não possuem conhecimento sobre programas voltados para o adolescente, como o PROSAD –

Programa de Saúde do Adolescente, tampouco desenvolvem ações específicas destinadas a esse público, no sentido da promoção e prevenção à saúde (Santos, 2011; Tôres, Nascimento, & Alchieri, 2013).

O PROSAD, proposto pelo Ministério da Saúde, foi criado no intuito de apresentar normas e critérios para o atendimento específico do público adolescente, e deveria ser desenvolvido em conjunto com a Estratégia de Saúde da Família (Santos, 2011). No entanto, apesar da criação de programas pelo governo, que propõe um melhor e maior atendimento ao adolescente, há uma escassez de capacitação aos profissionais, a fim de que possam tomar como base estes programas para que sejam efetivamente planejadas e implementadas ações voltadas à saúde do adolescente (Santos, 2011; Tôres, Nascimento, & Alchieri, 2013). Nesse sentido, há ainda um longo caminho a ser percorrido no que se refere ao trabalho desenvolvido pelas unidades de saúde, no sentido da promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente (Borges, Nichiata, & Schor, 2006; Tôres, Nascimento, & Alchieri, 2013).

2.3. Outras fontes de informação e diálogo sobre sexualidade

Além da escola e dos serviços de saúde pública, algumas mães apontaram também a internet como uma fonte de informações sobre sexualidade utilizada pelos seus filhos adolescentes.

M10: Internet tem muita coisa (...). Ele fala também com os colegas dele da escola, colegas dele...

Ele fala com os amigos dele no Orkut. Agora nem é mais no Orkut, é no Facebook. Ele fala com os amigos no Facebook também. É muito da informática, né, tá sempre acessando a internet. E o celular dele já tem internet. Eu creio que ele sabe muita coisa, mas ele não conversa comigo, ele não fala pra mim. Fica meio assim “Ah, é minha mãe, não vô falá, né. Ah, não vô falá pra ela”. Ele é recatado. M13: Eu sempre tô falando... Quando a gente tá conversando, eu sempre falo, né, pra

elas. Elas ficam na delas, ficam quietas. Não fazem nenhum tipo de pergunta, nada. Mas também nem precisa tá falando, né, elas têm celular, elas tem internet, elas tem computador...

A participante M13 pareceu sugerir que o diálogo com as filhas seria desnecessário pelo fato das adolescentes terem acesso à internet. No entanto, destaca-se que esta não poderia ser tida como suficiente e não substituiria o diálogo necessário entre pais e filhos sobre sexualidade.

Nos estudos realizados por Castro, Abramovay e Silva (2004) e Tôrres, Nascimento e Alchieri (2013), a internet também se destacou como um meio de acesso à informação sobre sexualidade para o adolescente. A internet começou a se popularizar no final dos anos 90 e nos últimos anos vem se incorporando cada vez mais ao cotidiano dos adolescentes. O adolescente, marcado pela curiosidade perante novas descobertas, característica desse período, encontra na internet um lugar ilimitado, sem fronteiras ou barreiras culturais, onde pode encontrar informações sobre uma infinidade de assuntos. O acesso pode ocorrer tanto através de computadores quanto via telefones celulares ou aparelhos mais sofisticados. Apesar de nem sempre possuírem computadores conectados à internet em suas casas, devido às condições socioeconômicas, muitos adolescentes têm acesso à internet via celular ou através das *lan houses* e da escola. Dessa forma, diante do surgimento de novas tecnologias e de sua popularização, encontramos-nos diante de uma revolução, que se caracteriza por novos padrões de comunicação e de relações sociais, além de novas formas de aprendizado e de manifestação da sexualidade. Assim, o adolescente pode iniciar seu conhecimento sexual e seus relacionamentos a partir de informações adquiridas livremente de pessoas de todos os tipos e idades, porém cuja identidade real às vezes não lhe é conhecida (Eisenstein, 2013).

As mães trouxeram à tona também o papel assumido pelos irmãos no diálogo sobre sexualidade com os adolescentes, em especial nos casos em que elas sentem não ter abertura para este tipo de experiência com seus filhos.

M6: A minha gurria de 16, quem conversa com ela mesmo é a outra mais velha. (...) A minha gurria conversa com ela. Se eu vô conversá conversá com ela, ela tem vergonha de mim. Ela é muito acanhada. Ela tem vergonha de mim, de se abrí comigo, de conversá comigo, sabe. (...) É acanhada, acanhada, acanhada... Até comigo, sabe, é muito fechada, quietinha. M7: Eu acho que eu nunca dei uma brecha, entendeu? A gente foi criada retraída. Eu acho que eu nunca dei uma brecha. E o W. às vez eu até tento conversá alguma coisa e ele diz assim: “Ah mãe, tu é mulher, tu é minha mãe”. (risos). E daí agora quando o pai dele tá viajando, ele vai lá no irmão dele, eu acho. “Mãe, eu vô passá no G”. “O que tu vai fazê lá?”. Daí G.: “Ah mãe, ele tá com uma gurria aí... tá conversando aí...”. Às vez ele me esconde também... (risos).

Para algumas mães, as irmãs foram mencionadas como pessoas com quem elas puderam contar durante sua própria adolescência, diante do silenciamento dos pais em relação ao tema da sexualidade. *M1: A mãe nem conversô nada sobre isso com nós. A gente foi vendo das gurria mais velha, das irmã mais velha passando pras outras mais nova. O que tava acontecendo com as mais velha iam passando pra nós que eram as mais nova.*

Nota-se assim o papel significativo que os irmãos podem assumir na vida do adolescente. Nas famílias contemporâneas, percebe-se uma tendência ao surgimento de novos tipos de alianças, dentre elas a fraterna (Pereira & Arpini, 2012). Por vezes, os vínculos entre irmãos são mais sólidos e estáveis do que as alianças com os adultos. Isto se observa comumente em famílias nas quais as relações dos adultos se rompem e recompõe várias vezes ao longo da vida das crianças e adolescentes. Nestes casos, as relações horizontais constituem-se em referências sólidas e como fontes de afeto e cumplicidade. Desse modo, há

casos nos quais a função fraterna atua como complementar à função paterna no que concerne à constituição do sujeito (Kehl, 2003).

Tendo em vista o que foi apresentado, destaca-se que nas estratégias de educação voltadas para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, é preciso considerar sua rede de relações e abarcar, além os pais, as mães e os outros membros da família, professores, profissionais de saúde e outros adolescentes como fontes de informação e diálogo (Borges, Nichiata, & Schor, 2006). Salienta-se que todas as instituições que atendem o adolescente como: unidades básicas de saúde, escolas, associações, entre outras, devem incluir a família em suas ações para que ela seja apoiada, protegida e orientada no sentido de proporcionar melhores condições para que exerça a tarefa de educar os filhos sobre sexualidade (Almeida & Centa, 2009).

Além disso, tanto os profissionais de saúde quanto os professores necessitariam ser capacitados a ir, em suas intervenções, para além do modelo biológico, e iniciar discussões e incitar reflexões acerca da sexualidade enquanto uma dimensão socialmente construída, contemplando as perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, evitando, contudo, o reducionismo biológico, no intuito de estar mais próximo do adolescente e alcançar com maior êxito a promoção de sua saúde integral (Borges, Nichiata, & Schor, 2006).

As instituições escolares, as unidades de saúde e as famílias deveriam atuar de forma integrada no que se refere à educação sexual do adolescente (Gubert *et al.*, 2009; Guimarães, Vieira, & Palmeira, 2003). Este trabalho educativo integrado deveria acontecer no sentido de que os adolescentes tomassem conhecimento não apenas dos métodos contraceptivos, mas para pudessem refletir e discutir acerca das questões biopsicossociais relacionadas com a temática da sexualidade (Guimarães, Vieira e Palmeira, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o sentimento de despreparo e as dificuldades relatados por algumas mães no que se refere ao estabelecimento de diálogos sobre sexualidade com os filhos adolescentes, coloca-se a seguinte questão: como os pais poderiam lidar com os desafios que dificultam o desenvolvimento desta importante tarefa? Assim, enfatiza-se a importância de que pais e mães busquem informações a respeito do tema e orientações sobre como abordá-lo com os filhos adolescentes. Estas informações poderiam ser adquiridas através da participação dos pais em palestras, algumas das quais oferecidas por escolas ou unidades básicas de saúde, ou ainda através de livros e programas de televisão, conforme as próprias participantes sugeriram.

Desse modo, perante a evidente dificuldade existente para que haja diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes, salienta-se a importância de programas de educação sexual voltados, não apenas para os adolescentes, mas, em especial, para pais e mães. Estes programas deveriam focalizar crenças, mitos e tabus em relação à sexualidade, além de incentivar o diálogo sobre o assunto no meio familiar, oferecendo aos pais estratégias para melhor lidar com as demandas dos adolescentes referentes a essa temática. Assim, os pais poderiam minimizar suas angústias com relação à adolescência dos filhos, principalmente no que se refere à manifestação de sua sexualidade. Enquanto os filhos, por sua vez, poderiam ver os pais como um suporte emocional ao qual fosse possível recorrer diante das dificuldades, dúvidas e angústias que viessem a enfrentar.

Salienta-se também a importância de capacitar não só os pais, mas os profissionais de saúde e educação, uma vez que estas instituições acolhem muitos adolescentes e podem atuar como complementares ao papel desempenhado pelos pais, além de facilitadoras da construção do diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes. Destaca-se que as instituições

escolares e de saúde têm papel fundamental na educação sexual dos adolescentes, no entanto não poderiam substituir os pais em sua tarefa.

Há famílias diversas, desse modo, a questão dos diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos não tem um padrão único. Foi possível constatar a partir da realização deste estudo que assim como há mães que relatam dificuldades no estabelecimento deste tipo de diálogo, há mães que afirmam ter facilidade nesse sentido. Além disso, é importante considerar o contexto no qual foi realizada esta pesquisa. O intuito deste estudo não foi generalizar os resultados aqui apresentados, mas apresentar de forma ampla e profunda as concepções das mães de adolescentes participantes do estudo, pertencentes a um contexto específico, a respeito dos diálogos sobre sexualidade com seus filhos.

Por fim, destaca-se a importância da triangulação de métodos na realização desta pesquisa. Uma vez que, ao realizarem-se grupos focais e entrevistas semiestruturadas, foi possível apreender de forma mais profunda a realidade estudada, do que se fosse utilizado apenas um instrumento.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (2007). O adolescente e a liberdade. (S. M. G. Ballve, Trans.). In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (pp. 13-23). Porto Alegre, Brasil: Artmed. (Original published in 1981)
- Almeida, A. C. C. H., & Centa, M. L. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a Enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(1), 71-76.
- Barbosa, S. M., Costa, P. N. P. e Vieira, N. F. C. (2008). Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 16(6), 1-7.

- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. (M. F. Duarte, Trans.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa, Portugal: Editora 70.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. (W. Dutra, Trans.). São Paulo, Brasil: Martins Fontes. (Original published in 1962)
- Borges, A. L. V., Nichiata, L. Y. I., & Schor, N. (2006). Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 14(3), 422-427.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Brasília.
- Brasil. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais: Orientação Sexual* (pp. 285-336). Ministério da Educação. Brasília: MEC.
- Brêtas, J. R. S., & Silva, C. V. (2005). Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 18(3), 326-333.
- Cano, M. A. T., & Ferriani, M. G. C. (2000). A família frente à sexualidade dos adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 13(1), 38-46.
- Cardoso, L. R. D., Figueiredo, T. F. B., & Pecorari, E. P. D. N. (2007). Escolas do ensino fundamental estão desenvolvendo programa de orientação sexual? *Psicologia Argumento*, 25(51), 385-391.
- Castro, L. R., & Correa, J. (2005). Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In L. R. Castro, & J. Correa. (Eds.), *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais* (pp. 9-26). Rio de Janeiro, Brasil: NAU Editora; FAPERJ.

- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- Deluz, A. (1999). O campo da história e da antropologia. In A. Deluz *et al.* (Eds.), *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos* (pp. 130-139). Rio de Janeiro, Brasil: Companhia de Freud.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106.
- Emmanuelli, M. (2008). A clínica da adolescência. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Eds.), *Destinos da adolescência* (pp. 17-38). Rio de Janeiro, Brasil: 7 Letras.
- Eisenstein, E. (2013). Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. *Adolescência & Saúde*, 1(supl. 1), 61-71.
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Original published in 1915)
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Original published in 1905)
- Gaskell, G. (2005). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Gubert, F. A., Vieira, N. F. C., Pinheiro, P. N. C., Oliveira, E. N., & Costa, A. G. M. (2009). Cuidado de enfermagem na promoção do diálogo mãe e filha adolescente: estudo descritivo. *Online brazilian journal of nursing*, 8(3).
- Guimarães, A. M. D. N., Vieira, M. J., & Palmeira, J. A. (2003). Informações dos

- adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 11(3), 293-298.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Kehl, M. R. (2003). Em defesa da família tentacular. In G. C. Groeninga, & R. C. Pereira (Eds.), *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia* (pp. 163-176). Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 89-114). São Paulo, Brasil: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em revista*, 10(15), 124-136.
- Knobel, M. (2007). O adolescente e a liberdade. (S. M. G. Ballve, Trans.). In A. Aberastury, & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (pp. 24-62). Porto Alegre, Brasil: Artmed. (Original published in 1981)
- Levisky, D. L. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- La Robertie, L. (1999). O adolescente e a família. In A. Deluz *et al.* (Ed.), *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos* (pp. 58-60). Rio de Janeiro, Brasil: Companhia de Freud.
- Macedo, S. R. H., Miranda, F. A. N., Pessoa Junior, J. M., & Nobrega, V. K. M. (2013). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(1), 103-109.
- Mannoni (1999). Apresentação. In A. Deluz *et al.* (Ed.), *A crise de adolescência: debates*

entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos (pp. 9-13). Rio de Janeiro, Brasil: Companhia de Freud.

Marty, F., & Cardoso, M. R. (2008). Adolescência: um percurso franco-brasileiro. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Eds.), *Destinos da adolescência* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: 7 Letras.

Masotta, O. (1987). *O comprovante da falta: lições de introdução à psicanálise*. (M. A. B. Cintra, Trans.). Campinas, Brasil: Papirus.

Moura, A. F. M., Pacheco, A. P., Dietrich, C. F., & Zanella, A. V. (2011). Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. *Psicologia Argumento*, 29(67), 437-446.

Oliveira, D. L. (2012). Sexo e saúde na escola: isso não é coisa de médico? In D. E. E. Meyer *et al.* (Eds.), *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens* (pp. 103-112). Porto Alegre, Brasil. Editora Mediação.

Pereira, C. R. R., Arpini, D. M. (2012). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), 275-285.

Predebon, J. C. (2002). Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In A. Wagner (Ed.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 159-171). Petrópolis, Brasil: Vozes.

Preto, N. G. (1995). Transformações do sistema familiar na adolescência (M. A. V. Veronese, Trans.). In B. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Rico, N. G. (2006). *Hablemos de sexo con nuestros hijos*. Barcelona, Espanha: Styria.

Santos, B. R. (2011). *Estratégia de saúde da família e o atendimento aos adolescentes*. Master's thesis, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil.

- Santos, C. C., & Ressel, L. B. (2013). O adolescente no serviço de saúde. *Adolescência & Saúde*, 10(1), 53-55.
- Sarti, C. A. (2004). O jovem na família: o outro necessário. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 115-129). São Paulo, Brasil: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Savegnago, S. D. O. (2011). *Conversando sobre sexualidade na família: o olhar de meninas de grupos populares*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil.
- Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (*in press.*). Conversando sobre sexualidade da família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*.
- Sousa, L. B., Fernandes, J. F. P., & Barroso, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19(4), 408-13.
- Tôrres, T. R. F., Nascimento, E. G. C., Alchieri, J. C. (2013). O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Adolescência & Saúde*, 1(supl. 1), 16-26.
- Valdés, T. (2005). Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In M. L. Heilborn, L. F. D. Duarte, C. Peixoto, & M. L. de Barros (Eds.), *Sexualidade, família e ethos religioso* (pp. 315-342). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond.
- Vilelas Janeiro J. M. S. (2008). Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 29(3), 382-390.

ARTIGO 2

FAMÍLIA, ADOLESCENTES E SEXUALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS?²

² O artigo encontra-se nas normas da *American Psychological Association* (APA), considerando-se que a maioria dos periódicos científicos em Psicologia aceita para publicação manuscritos formatados de acordo com estas normas.

FAMÍLIA, ADOLESCENTES E SEXUALIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS?

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir a respeito do diálogo sobre sexualidade, a partir do olhar de mães de adolescentes, apresentando tanto a forma como as participantes relataram ter vivenciado essa questão durante sua própria adolescência, quanto o modo como elas afirmaram tratar essa temática com seus filhos adolescentes. Foram realizados grupos focais e entrevistas semiestruturadas. Os resultados, após Análise de Conteúdo, indicam que a maioria das participantes relatou um passado marcado por silenciamento, tabus e traumas em relação à questão da sexualidade. Muitas delas destacaram suas tentativas para não reproduzir o modelo familiar, ou seja, rompendo com o silêncio em relação ao tema e procurando abordá-lo com seus filhos. Salienta-se assim que, apesar de por vezes não sentirem-se preparadas para abordar o tema da sexualidade com os filhos, a maioria das mães pareceu esforçar-se para conduzir isso de uma forma diferente da realizada por seus próprios pais.

Palavras-chave: adolescente; mães; família; sexualidade; comunicação; educação sexual.

FAMILY, TEENAGERS AND SEXUALITY: POSSIBLE DIALOGUES?

Abstract

This article aims to reflect about the dialogue of sexuality, from the point of view of teenager's mothers, featuring how the participants reported having their own experience on this issue during their adolescence, as well as how they say they cope with this subject with their teenagers. Focal groups and semi-structured interviews were performed. The results, after the analysis of content, indicated that the majority of the participants reported a past marked by silence, taboos and trauma on the issue of sexuality. Many of them highlighted their attempts of not to reproduce this familiar model, in other words, breaking the silence in relation to this subject, seeking to approach the theme with their children. It is emphasized, in this way, that although sometimes these mothers do not feel prepared to address the topic of sexuality with their children, most of them seemed to strive to lead it in a different way that the one conducted by their own parents.

Keywords: teenagers, mothers, family, sexuality, communication, sex education.

INTRODUÇÃO

A família constitui-se em uma realidade onde se articulam relações entre homem e mulher e entre pais e filhos. Os vínculos familiares se realizam mediante relações nas quais o indivíduo entra com a totalidade de sua vivência, de seu temperamento, de suas competências e limitações. Em quase todos os outros ambientes da vida as relações ocorrem de maneira diferente, pois o sujeito se apresenta neles com capacidades e características mais específicas, as quais correspondem a determinadas funções exercidas nestes meios (Petrini, 2003). Neste sentido, “como na família a expressão de anseios, sentimentos e emoções é mais livre do que no domínio público, a cena doméstica é carregada de tensões” (Romanelli, 2002, p. 76). Além disso, é na família que acontecem os eventos fundamentais da vida, quais sejam, o nascimento, a união entre os sexos e a morte (Sarti, 2002).

A família inicialmente faz a “inscrição” da criança no mundo, constituindo-se, na maioria das vezes, como o primeiro lugar responsável pela tarefa socializadora do indivíduo (Monteiro & Cardoso, 2001). Assim, a tarefa básica do grupo familiar é a socialização do indivíduo, fornecendo a ele uma identidade, uma posição singular na rede de interações sociais e um embasamento adequado para que ele obtenha uma adaptação satisfatória à realidade (Pichon-Riviére, 2005). Destaca-se, no entanto, que a socialização do indivíduo não é realizada unicamente pela família. Esta acontece, ao mesmo tempo, a partir de outras vias, como a escola, a igreja, a mídia e, principalmente, os grupos de pares (Romanelli, 2002).

Para o adolescente, a família representa um eixo de referências simbólicas, sendo espaço de afetividade e, deste modo, também lugar de conflitos. É o espaço onde ocorre a aquisição da linguagem, sendo possível, por meio dessa, organizar, elaborar e dar sentido às experiências vividas. Assim, a família é o filtro a partir do qual se começa a olhar e dar significado ao mundo (Sarti, 2004).

Historicamente, constatam-se mudanças significativas na evolução da família. Percebe-se que quando a sociedade muda, a família também se modifica. A instituição familiar encontra-se em constante mudança por fazer parte dos dinamismos próprios das relações sociais. Assim, tendo em vista esse cenário de transformações, é preciso compreender os novos arranjos familiares e as novas características que as relações intergeracionais assumem (Petrini, 2003).

Ao longo da evolução histórica, a família continua assumindo o papel de matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas. É por isso que, apesar das várias formas que assume e das modificações pelas quais passa ao longo do tempo, ela ainda é visualizada como o fundamento da sociedade (Petrini, 2003).

Assim, utilizando-se de autores clássicos que abordam as transformações ocorridas na família e na intimidade a partir de uma perspectiva histórica, como Ariès, Elias e Foucault, pretende-se, na sequência, apresentar algumas das transformações ocorridas na família, em paralelo com as modificações na forma como a sexualidade veio sendo tratada no espaço familiar, em relação à infância e à adolescência. Desse modo, serão abordados dois momentos importantes em relação a estas questões. O primeiro momento foi característico da sociedade medieval, enquanto o segundo corresponde à emergência da sociedade industrializada burguesa.

Ariès (1975/1981) traz em sua obra a evolução da família ao longo da história. O autor aponta que, durante a Idade Média, a família não mantinha um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. E era mais uma realidade moral e social do que sentimental, já que a vida naquela época era vivida em público. Em outras palavras, a vida era coletiva, não havendo espaços de privacidade familiar. Nesse período, a vida social era tão presente que se misturava e se confundia com o ambiente familiar. A família existia como realidade, porém, não era vista como um sentimento ou valor, ou como algo privado e reservado à intimidade e

à afetividade (Ariès, 1975/1981). Ela cumpria a tarefa de assegurar a transmissão da vida, dos nomes e, principalmente, dos bens (Ariès, 1975/1981; Roudinesco, 2003).

Além da falta de um “sentimento de família”, destaca-se ausência do “sentimento de infância” nos últimos anos do século XVI e início do XVII. Neste período, a infância era ignorada, considerada um período de passagem que seria rapidamente ultrapassado. Além disso, durante Idade Média a adolescência não ocupava lugar definido, sendo confundida com a infância até o século XVIII (Ariès, 1975/1981).

As crianças conviviam desde cedo na mesma esfera social dos adultos, apesar de submissos e socialmente dependentes (Elias, 1934/1994). Ariès (1975/1981) relata que não havia reservas diante das crianças com relação a questões sexuais e o hábito de se realizar brincadeiras envolvendo crianças em torno de temas sexuais era tido como algo natural. Acreditava-se que a criança fosse alheia e indiferente à sexualidade. Desse modo, tinha-se a ideia de que gestos e insinuações que poderiam remeter à sexualidade não teriam consequência sobre a criança, pois, ao relacionarem-se com a mesma, perderiam sua especificidade sexual e assim se tornariam neutros. Além disso, ainda não existia o sentimento de que as referências a assuntos sexuais pudessem prejudicar a inocência infantil (Ariès, 1975/1981).

Segundo Elias (1934/1994), durante o período medieval havia maior liberdade para se falar sobre questões relacionadas à sexualidade. Era mínimo o segredo sobre o assunto entre os próprios adultos e, em consequência, entre eles e as crianças. Essa abertura era naturalizada e se considerava que as crianças sabiam de tudo a esse respeito (Elias, 1934/1994).

No tocante a estes aspectos, Foucault (1988/2012), em sua obra *História da sexualidade I: a vontade de saber*, afirma:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava certa franqueza. As práticas não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam” (p. 9).

A partir do surgimento da escola, da vida privada, do desenvolvimento de uma atitude mais igualitária dos pais perante os filhos, da maior permanência das crianças com os genitores e do sentimento de família apreciado por instituições como a Igreja, no início do século XVIII, começou a definir-se a família nuclear burguesa. Neste período, ela deixou de ser apenas uma instituição com a finalidade de transmitir bens e nome, e passou a ter como objetivo a formação moral e espiritual. O cuidado dispensado às crianças passou a gerar sentimentos e afetos novos, um sentimento moderno de família (Ariès, 1975/1981). Assim, esta organização familiar dita moderna começou a tornar-se receptáculo de uma lógica afetiva (Roudinesco, 2003). A partir da retração da sociabilidade, a família, então, transformou-se em uma organização mais fechada e reservada, na qual seus membros gostavam de ficar, e que era lembrada com prazer. Com a modernidade, a vida profissional e a familiar alteraram a importância das relações sociais, que outrora tomavam conta de toda a vida (Ariès, 1975/1981).

Destaca-se que a partir do desenvolvimento da sociedade industrializada-burguesa, a orientação rumo à privacidade não se deu apenas em relação à instituição familiar. Houve também uma “privatização” das questões que envolvem a sexualidade. Ou seja, houve um maior ocultamento da sexualidade e segregação da mesma da vida social, além de um controle dos impulsos (Elias, 1934/1994).

Com o progresso da civilização, as questões sexuais começaram a ser cada vez mais ocultadas dos olhos infantis, cercadas por medo, vergonha e por uma “conspiração do silêncio”. Neste momento, tornou-se tão natural não falar sobre sexualidade como era falar na Idade Média. A sexualidade passou a ser transferida para trás da cena social e isolada naquele que passou a ser considerado seu único território legítimo, o da família nuclear. Desse modo, aos poucos, a família nuclear se transformou no principal instrumento para o controle dos impulsos e do comportamento dos jovens. Esta tarefa não dependia tanto dos pais, até o momento em que se alcançou esse grau de privacidade e de isolamento da sexualidade da vida pública. Quando a família ainda estava mais voltada para o exterior, várias pessoas que cuidavam das crianças podiam desempenhar esse papel (Elias, 1934/1994).

Desse modo, Elias (1934/199) salienta que, diante da rigorosa “conspiração do silêncio” que teve seu auge durante o século XIX, e das restrições sociais à fala sobre questões sexuais, construiu-se um espesso muro de sigilo ao redor do adolescente, dificultando o esclarecimento sexual. O autor afirma que a derrubada desse muro seria necessária algum dia. Nesse sentido, pode-se questionar em que condição se encontra esse muro em nossa sociedade contemporânea.

De forma geral, a temática da sexualidade tem sido abordada na sociedade atual, muitas vezes até banalizada, o que pode confundir os genitores em relação ao saber os filhos acerca do tema. No entanto, salienta-se que mesmo que a sexualidade esteja intensamente presente em diversos contextos, esta presença parece ainda não ter resolvido as dúvidas dos adolescentes em relação ao assunto. Desse modo, os pais não poderiam ser desresponsabilizados de sua importante tarefa na abordagem do tema (Savegnago & Arpini, *in press.*). De forma semelhante, Heilborn (2012) aponta para a necessidade de se avaliar o atual cenário social que, ao mesmo tempo em que estimula o exercício da sexualidade como um

caminho para a autonomia, muitas vezes interdita o diálogo aberto sobre a temática (Heilborn, 2012).

Neste sentido, este artigo tem como objetivo refletir a respeito do diálogo sobre sexualidade com adolescentes, a partir do olhar de mães pertencentes a grupos populares de periferia urbana de uma cidade do interior do RS. Pretende-se apresentar tanto a forma como as mães participantes relataram ter vivenciado essa questão durante sua própria adolescência, quanto o modo como elas afirmaram tratar essa temática com seus filhos adolescentes.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa em questão foi realizada em um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. A escolha do local relaciona-se à identificação de que, dentre os usuários desta instituição, encontravam-se mães de adolescentes oriundas de grupos populares. Participaram 17 mães de adolescentes, usuárias do referido CRAS. Destas, nove foram entrevistadas individualmente e oito participaram de grupos focais. Foram realizados dois grupos focais, com a presença de cinco mães no primeiro e três mães no segundo grupo.

Abaixo, o quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos levantados das mães participantes das entrevistas, o quadro 2 refere-se às participantes do primeiro grupo focal e o quadro 3 diz respeito aos dados das mães que integraram o segundo grupo.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos das participantes das entrevistas

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M1	38 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Quadrangular praticante.	(M) 18, (M) 12, (F) 5.	Mora com os três filhos. Separou-se do marido há um ano.
M2	32 anos	Dona de casa	Ensino Superior Incompleto	Evangélica não praticante	(F) 17, (F) 16	Com o companheiro, a filha de 16 e um irmão portador de necessidades especiais.
M3	49 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (M) 14, (M) 16, (M) 18, (F) 23, (M) 26.	Com os 4 filhos mais novos e o marido.
M4	45 anos	Dona de casa	Ensino Médio Incompleto	Católica praticante	(M) 13, (F) 9.	Com os 2 filhos.
M5	34 anos	Doméstica	Ensino Fundamental Completo	Católica praticante	(M) 20, (F) 18, (F) 17, (F) 14, (M) 12.	Com os 3 filhos mais novos.
M6	47 anos	Reciclagem de materiais	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(F) 27, (M) 24, (M) 23, (M) 19, (F) 16, (F) 10.	Com as 2 filhas mais novas.
M7	47 anos	Oficineira de artesanato	Ensino Médio Incompleto	Católica Praticante	(F) 28, (M) 25, (M) 16.	Com o companheiro e o filho de 16 anos.
M8	33 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Não	(M) 15, (F) 13, (M) 11, (M) 10, (F) 5, (F) 2.	Com o marido e os seis filhos.
M9	33 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(M) 17, (M) 14, (F) 12, (F) 5.	Com o marido e os quatro filhos

Quadro 2 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 1

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M10	47 anos	Dona de casa (desempregada no momento; é diarista).	Ensino Fundamental Incompleto	Evangélica Praticante	(F) 27, (F) 26, (M) 15, (M) 10.	Com o companheiro e os dois filhos mais novos.
M11	38 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não praticante	(F) 20, (M) 19, (F) 15, (M) 1 ano e 10 meses.	Com o companheiro e o bebê.
M12	42 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(M) 20, (F) 18, (M) 15, (M) 13.	Com os quatro filhos.
M13	56 anos	Diarista	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Não Praticante	(F) 34, (M) 32, (F) 27, (F) 22, (F) 20, (F) 17.	Com o marido, as 4 meninas mais novas e o filho de 32.
M14	48 anos	Dona de casa	Ensino Fundamental Incompleto	Católica Praticante	(M) 28, (M) 22, (F) 21, (M) 19, (F) 16, (M) 11, (M) 9... Não lembrou dos 12 filhos.	Com o companheiro e o menino de 11 anos.

Quadro 3 - Dados sociodemográficos das participantes do grupo focal 2

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Religião	Filhos (sexo e idade)	Com quem mora?
M15	30 anos	Auxiliar de limpeza	Ensino Fundamental Completo	Evangélica praticante	(F) 14, (M) 12, (F) 9, (F) 7, (M) 2	Com o marido e os filhos.
M16	41 anos	Comerciante	Ensino Médio Completo	Evangélica praticante	(F) 13	Com o companheiro e a filha.
M17	36 anos	Dona de casa	Ensino Médio Completo	Católica praticante	(M) 12, (F) 6	Com o marido e os filhos.

Instrumentos e procedimentos

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no projeto e de compreender de forma mais ampla e profunda a reflexão de mães no que se refere ao diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes, realizou-se um estudo qualitativo. Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais, técnicas estas que se mostram adequadas para investigações qualitativas e atenderam aos objetivos deste estudo. Entende-se que a partir do uso de técnicas diferentes é possível captar os diversos aspectos envolvidos na constituição do objeto que está sendo pesquisado. Dessa forma, foi utilizada a estratégia metodológica de triangulação dos dados coletados. Ou seja, foram combinados dois métodos distintos (entrevistas e grupos focais), a fim de conferir maior abrangência e profundidade à análise do fenômeno pesquisado (Jovchelovitch, 2000).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas, as quais permitiram o acesso aos dados básicos para a compreensão detalhada das crenças, significações, atitudes, valores e comportamentos dos sujeitos no que se refere ao assunto proposto (Gaskell, 2005). Os grupos focais complementaram as entrevistas, visto que nestes, devido à interação de seus membros, foi possível esclarecer temáticas surgidas nas entrevistas individuais. Destaca-se que, em um grupo, a partir da partilha de experiências, opiniões e sentimentos, produzem-se articulações e *insights* que dificilmente seriam realizados por um único indivíduo (Barbour, 2009; Gaskell, 2005; Kind, 2004).

Após a autorização da instituição para a realização da pesquisa e da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM (parecer nº 54850 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 05022712.8.0000.5346), iniciou-se o contato com as prováveis participantes. A maior parte dos contatos foi feito via telefone pela pesquisadora, a partir de indicações das profissionais do CRAS, e de prontuários e fichas

referentes ao programa Bolsa-Família de usuários da instituição e também através da participação da pesquisadora em um dos grupos de mulheres que acontecia quinzenalmente na instituição, durante o qual foi exposta a proposta de pesquisa e realizado o convite às mães ali presentes. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: ser mãe de pelo menos um adolescente (do sexo feminino ou masculino), ser usuária do CRAS e ter disponibilidade e interesse em participar da entrevista ou do grupo focal. Neste estudo, partiu-se da disposição do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que define como adolescente o indivíduo com idade entre doze e dezoito anos incompletos.

Ao pesquisador cabe estabelecer o *rappport*, ou seja, assegurar, através de uma postura encorajadora e tranquilizadora, que as participantes sintam-se à vontade para exporem suas opiniões (Gaskell, 2005). Dessa forma, o moderadora/entrevistadora se apresentou e fez uma breve introdução, com o objetivo de tranquilizar e estabelecer o enquadre para a realização do grupo ou da entrevista. Foram explicados claramente às participantes os objetivos do estudo e apresentada a ideia de uma discussão grupal ou de uma entrevista. Depois da leitura e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi solicitado às participantes que se apresentassem, indicando sua idade, escolaridade, ocupação, e a configuração familiar, ou seja, quem morava na casa, número de filhos e idades dos mesmos. Após a permissão das mães para a gravação em áudio, iniciou-se a discussão grupal ou a entrevista.

Foram utilizadas como disparadores para a discussão grupal falas de meninas que participaram de uma pesquisa anterior da autora que teve como tema o diálogo sobre sexualidade na família. As vinhetas utilizadas foram as seguintes: **1.** *“Eles acham que a gente não tá preparada pra sabê daquilo. Mas a gente tá preparada. Tá chegando a idade, a gente tem que sabê disso. A gente tá na idade de sabê essas coisas”* (E, 13 anos); **2.** *“A minha mãe me contava: Se tu beijava tu ia engravidá e daí se tu beijava assim, o homem tinha que*

comprá uma sementinha e pôr no teu umbigo pra ti ter um nenê, porque senão tu era condenada” (T, 13 anos); **3.** *“É, tipo quando a gente quer conversar e tipo, “ah não quero conversá sobre isso”, daí... tipo eu, quero conversar sobre sexualidade com a minha mãe, mas a minha mãe não fala isso comigo”* (R, 13 anos); **4.** *“O máximo que a mãe me fala é: ‘Se tu for fazê alguma coisa, tu usa camisinha’ (...) A senhora camisinha... [risos]. É, o que eles mais falam... se previni...”* (K, 14 anos) (Savegnago, 2011).

Os eixos que nortearam as entrevistas foram os seguintes: 1- Abordagem do tema sexualidade na família; 2- Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente; 3- Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados; 4- Diferenças entre conversar com meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são; 5- Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam; 6- Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos; 7- O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento. As entrevistas e os grupos focais foram realizados nas dependências do CRAS, em uma sala apropriada, sendo gravados e posteriormente transcritos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados através do método de Análise de Conteúdo Temática, como proposto por Bardin (1977). Para chegar às categorias, as entrevistas foram sendo analisadas primeiro de forma individual, à medida que foram sendo transcritas e, posteriormente, em conjunto. Após esta etapa, os grupos foram também analisados, primeiramente de forma individual e depois procedeu-se a análise da totalidade do material partindo-se para os elementos presentes considerando-se a força discursiva, os sentimentos

manifestados, os silêncios ou conflitos em relação à temática. Neste artigo, serão apresentadas e discutidas as seguintes categorias e subcategorias: (1) o passado que se faz presente; (a) a vivência da primeira menstruação; (b) a transmissão de mitos e histórias envolvendo a sexualidade; (c) a experiência da gravidez na adolescência; (d) as marcas do abuso sexual; e (2) da ausência de diálogo à tentativa de rompimento com o silêncio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. “*Eu me lembro como se fosse hoje (...) nunca foi falado sobre isso*”: o passado que se faz presente

A partir das falas das mães participantes do estudo, destaca-se que a forma como estas tratam as questões relacionadas à sexualidade com seus filhos encontra-se atravessada pela sua própria história. Nesse sentido, ao serem indagadas acerca dos diálogos sobre sexualidade com seus filhos adolescentes, todas elas trouxeram à tona elementos de sua própria adolescência e de sua história familiar. As vivências das mães durante a infância e a adolescência parecem ter sido cruciais e determinantes na forma como elas lidam hoje com seus filhos e filhas adolescentes. A maioria delas narra um passado marcado por silenciamento, tabus e traumas em relação à questão da sexualidade. Estas mães fazem um contraponto bastante forte entre o passado (suas vivências com seus próprios pais) e o presente (suas experiências junto a seus filhos adolescentes).

M12: Hoje eles têm liberdade pra falá, eles têm liberdade pra agí. E a gente no nosso tempo não tinha liberdade de falá nada, nem podia perguntá. Agora eles podem perguntá. M10: Aquele era o tempo do não. Não pode falá nada, não pode usá isso, não pode saí, não pode ir em amigo, não pode... ah não, é o tempo, é a época do não. Era tudo proibido. Era tudo feio. Era feio falá. A

gente tinha que se calá. (...) Capaz, a minha mãe nunca falô nada. Nesses anos todos eu nunca vi.

Dos anos 60, 70... tudo atrasado... eu descobri por mim mesma.

Fica evidente nas falas das mães a existência de dois momentos bem distintos. Um vivenciado por elas durante sua infância e adolescência, denominado por algumas delas de “tempo antigo”, e outro vivido por seus filhos atualmente. Destaca-se que esse “tempo antigo” não é cronológico, mas sim geracional, pois as mães participantes são adultas jovens, ou seja, passaram pela adolescência há poucos anos. Em concordância com estes aspectos apresentados pelas participantes, estudos apontam que nos dias atuais o panorama vem se modificando no que se refere aos diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos (Castro, Abramovay, & Silva, 2004; Vilelas Janeiro, 2008). Apesar de ainda haver pouco diálogo em muitas famílias, observa-se um aumento da qualidade e da frequência destas interações, comparado a algumas décadas atrás, o que, segundo Castro, Abramovay e Silva (2004), pode relacionar-se com a preocupação dos pais em relação à gravidez na adolescência, às DST's e AIDS.

M4: Quem é do tempo antigo não fala [sobre sexualidade]. Se falá perto, é vergonha. M3: O teu tempo já é que nem o dos guri. Que nem o dos guri já foi mais... como é que eu vô dizê? Não vô dizê que o teu pai te educô errado ou coisa assim, né. Mas no meu tempo qualquer coisinha o meu pai batia, botava de castigo. A gente dizia “Basta um olhar do pai, né” e hoje não adianta o olhar (riso). Hoje não adianta o olhar, né, que daí vem o deboche. É ruim de educá também (riso). M13: A gente passava da porta... a mãe só olhava. Quando chegava visita, a gente não chegava perto. Só depois que a visita fosse embora.

M3 refere-se ao “tempo antigo” como um momento em que, apesar dos tabus e do silenciamento em relação à sexualidade, parecia ser mais fácil educar os filhos. Essa facilidade é atribuída ao fato de que não pareciam ser necessárias tantas palavras. Por vezes,

apenas um olhar intimidador produzia sobre os filhos o efeito desejado pelos pais. No entanto, poderia-se pensar que para M3 parece ser difícil educar nos tempos atuais, pois hoje os pais são convocados a utilizar-se mais do diálogo na educação dos filhos. No entanto, quando se trata de falar sobre sexualidade, as palavras podem “faltar”, principalmente pelo que esse tema pode mobilizar no sujeito.

O silêncio e a desinformação referentes ao tema da sexualidade também ficam evidentes no relato de M1 abaixo. Ela aponta que esta situação não foi vivenciada apenas por ela, mas era comum também às suas irmãs. Ou seja, ela não destoava no grupo em que estava inserida.

M1: A gente não teve adolescência. Agora de uns tempos pra cá que eu vejo falá sobre isso. Mas nesses tempo não existia, não ouvia falá. (...) A gente era totalmente num mundo... num mundo perdido! Sem informação nenhuma, sem sabê de nada, nada, nada, a gente não sabia de nada. A mãe não explicava. Isso a pessoa explicava que o dia que começasse a namorá tinha que casá e deu. Daí sê dona de casa. Deu, terminô. (...) Foi isso que aconteceu com todas, nem foi só comigo. Todas as minhas irmã... A gente não teve adolescência nenhuma. Eu não sei o que é essa adolescência. Essa coisa eu não sei. Não sei. Não sei te explicá, porque eu não tive. (...) A gente não teve infância quase, porque botaram a gente na lavoura trabalhá cedo. E não teve estudo, não teve infância, não teve estudo, não teve juventude. Era só na lavoura. Isso não era juventude, adolescência, sei lá... Sei lá o que que era isso, né. Totalmente diferente de agora. Agora não, Deus o livre levá as criança pro serviço, quando é 12 anos botá trabalhá. E nós não. Nós a mãe tirava do colégio pra ir trabalhá.

Chama atenção a afirmação dessa mãe de que “não teve adolescência”. De fato, o conceito de adolescência é recente, tendo surgindo no Ocidente em torno do final do século XVIII (Ariès, 1975/1981) e sendo reconhecido e consolidado a partir do século XX (Sprinthall & Collins, 2003). De acordo com Ariès (1975/1981), durante a Idade Média não

havia lugar para a adolescência. Desse modo, até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância e a passagem entre a infância e a idade adulta ocorria sem transição nesta sociedade. Sprinthall e Collins (2003) afirmam que ainda que determinados componentes psicológicos e corporais tenham sempre existido no jovem, independentemente do momento histórico, a sociedade nem sempre reconheceu as características específicas da adolescência. Assim, em um processo que se iniciou nas nações e culturas industrializadas, os adultos passaram a considerar as demandas e as características fisiológicas e psicológicas próprias da adolescência e começaram a reconhecê-la como uma etapa distinta do desenvolvimento humano. Desse modo, este período passou a ser estudado mais profundamente e configurou-se em um campo de estudo com legitimidade própria. No entanto, ainda hoje existem sociedades nas quais a adolescência não é reconhecida. Este aspecto fica evidente, por exemplo, em locais onde crianças passam diretamente para o mundo adulto, a partir de casamentos realizados aos 13/14 anos de idade (Sprinthall & Collins, 2003). Desse modo, considerando a realidade apresentada pela fala de M1, se poderia pensar que este conceito não se propagou do mesmo modo e ao mesmo tempo em todos os grupos sociais.

Destaca-se, segundo os relatos das mães, que a questão da sexualidade estava presente no interior de suas famílias, no entanto era velada, não era trazida à tona. Os trechos a seguir ilustram tal constatação.

M9: Pra ti tê uma ideia, assim... a minha mãe, ela nunca falô sobre... jamais dentro de casa foi tocado nesse assunto. Lógico que é um assunto que existe, mas muito bem escondido, né. Hã... Sobre sexo, menstruação, nada, nada, nada que tu possa imaginá que se relacionasse a isto era tocado. É bem complexo... isso me trouxe muitos problemas. M15: O meu pai quando apareceu... Quando começô a aparecê a camisinha, ele trabalhava num jornal. Nós morava em São Paulo. E daí no encarte vinha né uma camisinha de brinde grudada. E eu me lembro como se fosse hoje, né,

a minha mãe fez um show dentro de casa pra escondê aquela camisinha da gente. Que ela achava que aquilo não era conversa pra nós. E a gente cansô de perguntá o que era aquilo dentro do jornal. E ela dizia “Não é nada. Não é da conta de vocês”. (...) Nunca foi falado sobre isso e também a gente não tinha... Não se achava com liberdade de chegá e perguntá pra ela.

Considerando o processo de “silenciamento” das questões relativas à sexualidade, imposto às crianças, especialmente em meados do século XX (Elias, 1934/1994), Sarat (2008) realizou entrevistas com pessoas com idades acima dos 60 anos, ou seja, pertencentes a uma geração que experienciou essa conspiração do silêncio que se fazia em relação à sexualidade. O estudo constatou que o alto nível de vergonha, recato e moralidade presente na época em que estas pessoas vivenciaram a infância e a adolescência, não permitia que o tema da sexualidade fosse tratado abertamente. A média de idade das participantes do presente estudo foi de 41 anos. Chama atenção, portanto, que a conspiração do silêncio em torno da sexualidade não se trata um fenômeno antigo, pois muitas destas mães passaram pela adolescência há poucas décadas atrás.

1.1. “Onde é que eu me machuquei?”: a vivência da primeira menstruação

A primeira menstruação, a qual deve se constituir em um evento natural na vida de toda adolescente, ocorreu de forma traumática para a maioria das mães participantes deste estudo, segundo o relato das mesmas. Foram muitas as narrativas de histórias envolvendo a primeira menstruação, as quais foram acompanhadas de emoção e riqueza de detalhes, o que pode sinalizar para o quão marcantes foram estas experiências para essas mulheres. Esta questão encontra-se evidenciada na fala a seguir.

M9: Assim, quando veio a minha menstruação, eu não sabia o que que era. Eu tava tomando banho num açude e daí a gente tava brincando com um vidrinho de xampu, que uma jogava pra outra, e daí quando olhei assim eu disse “Nossa, eu acho que me machuquei”. E a menina veio e me explicô, né, me explicô “Não, é tal coisa... é assim...”. Eu acho que se ela [a mãe] tivesse me falado talvez eu tivesse... Porque os sinais vêm, talvez eu tivesse me protegido, talvez não tivesse passado por isso. Porque eu fiquei muito constrangida, né. Imagina, num grupo de amigas ali, né. Pra mim, que o assunto era desconhecido, nossa, um horror! Eu chorava, chorava, não conseguia pará de chorá de vergonha. Me escondi dela, me escondi por meses. Ela ficô sabendo eu acho que bastante tempo depois. Tinha uma vergonha imensa de tocá sobre certos assuntos com ela... (...) E eu acho que até que é um assunto que... não tem uma dimensão... como é que eu vô te falá? A vergonha que eu passei, o constrangimento em falá sobre estas coisas, entende, poderia ter sido evitado.

A partir deste relato, destaca-se a desinformação desta mãe a respeito da menstruação, o que fez com que um evento que deveria ser natural e esperado, fosse recebido com estranheza e sofrimento. Assim, sentimentos como vergonha, constrangimento, medo e tristeza acompanharam a experiência da primeira menstruação da maioria das mães participantes deste estudo, o que pode ser visualizado no seguinte depoimento:

M12: Quando veio a minha menstruação eu fiquei apavorada. Chorei, chorei, chorei, apavorada... Onde é que eu me machuquei? Nós tava com a minha tia. “Tia, eu me machuquei”. “Aonde?”. “Eu me machuquei, a minha calcinha tá puro sangue. Eu me machuquei não sei aonde”. Aí a tia me explicô, que a mulher quando chegava uma certa idade menstruava... Ela disse “Tu não sabia?”. Eu disse “Eu não”. “Mas agora a gente usa o modes assim até passar...”. Ela foi lá e comprô, me explicô como é que usava. Aí passô... Mas antes, mas olha, eu chorei, nem saia de casa chorando...

A primeira menstruação, também chamada de menarca, é um acontecimento muito importante na vida de toda adolescente, pois representa a passagem da infância para o *status* de mulher e denota que a menina adquiriu a maturidade biológica que a torna fisicamente

capaz de exercer a maternidade. Desse modo, a menina pode vivenciar sentimentos de angústia por ter que lidar com um acontecimento novo que sinaliza para a presença de sua sexualidade. Ao mesmo tempo, sentimentos de alívio e orgulho também podem se fazer presentes, pelo fato da menstruação ser um dos sinais que marca o ingresso da menina no “mundo feminino” e a aquisição de um novo status, não mais de criança, mas de mulher (Seron & Milani, 2011). No caso das mães participantes, a primeira menstruação parece ter sido vivenciada como um evento negativo e inesperado. O fato de a menarca significar que a menina encontra-se fisicamente capaz de reproduzir-se, além de apontar para a presença da sexualidade na adolescente, poderia ser considerado um dos fatores que teria influenciado no silenciamento dos pais para com este assunto. Assim, ao não falar sobre a menstruação, em um primeiro momento poderíamos pensar que se estaria negando o seu aparecimento e, conseqüentemente, a presença da sexualidade e, assim, em um segundo momento, negando-se a possibilidade do seu exercício.

M11: Eles nunca me explicaram sobre a menstruação. Nem negócio de homem, namorado... que eu namorava, né, também não. Eu me lembro, eu tava cortando lenha, acocada, eu olho aquela sangueira... “Meu Deus, será que eu me cortei?”. Eu corri pra dentro e falei com uma tia minha. E a minha tia me disse “Não, tu tá vendo que tu tá moça? Tá vindo as coisa pra ti, assim, assim, assado”. Daí a minha tia me explicô, né. Porque a mãe nunca falô nada comigo. M13: Foi uma tristeza... todo mês era uma tristeza... (...). Não sabia o que que era... (...) Aí depooois a minha madrinha falô, né. Aí ela falô tudo direitinho.

Salienta-se aqui o papel assumido por tias, amigas ou irmãs diante destas situações, uma vez que, conforme as participantes afirmaram, suas mães não abordavam este tema com elas. Desse modo, muitas vezes elas encontravam esclarecimento com pessoas próximas que já tivessem passado pela experiência.

1.2. “A minha mãe falava assim que o que trazia os bebês era a cegonha”: a transmissão de mitos e histórias envolvendo a sexualidade

De acordo com as mães participantes do estudo, era muito comum, durante sua infância e adolescência, a narrativa de histórias e “mentiras” relacionadas à sexualidade por parte dos pais. A principal delas era a transmissão da crença de que “beijar engravida”.

M2: Minha mãe, quando a gente era criança, eu lembro que a minha mãe dizia que se a gente sentasse quando tivesse um casal deitado na cama, a gente não podia sentá na cama. Ou então, beijá na boca engravidava. Eu fui criada assim. Eu não sou tão velha, tenho 33 anos. Mas a minha mãe, ela tinha cabeça de mais velha. M11: Nós perguntava pra ela [mãe] de onde que vinha o nenê. E ela falava “tem que dá beijo no teu pai pra mim tê nenê”. E eu acreditava. M12: Eu tinha medo depois de beijá... M10: Imagina... ficá grávida com um beijo... [risos]. Eu era muito infantil... Ai... no tempo da minha avó, da minha mãe... Imagina, que inocente, né.

Chama a atenção no relato de M2 que ela afirma “não ser tão velha”, pois tem apenas 33 anos. Ou seja, num primeiro momento, se poderia pensar que as situações relatadas por essas mães aconteceram há muito tempo atrás, “num tempo antigo”, como elas mesmas trazem. No entanto, destaca-se que a maioria das mães vivenciou estas situações há poucas décadas. Assim, poderia-se afirmar que o tabu que envolve a sexualidade no âmbito familiar ainda se faz presente de forma intensa na pós-modernidade.

O mito relatado de que ao sentar em um local onde um homem estivesse sentado traria o risco de gravidez também esteve presente no passado de algumas mães, o que pode ser visualizado na fala de M17.

Ele [pai] disse que se pegasse nas mãos ou sentasse... tanto que se num ônibus tivesse um homem sentado, a gente até uma idade... depois não, depois a gente foi aprendê na escola que era tudo

mentira isso. Mas tanto assim que se um homem levantasse, fosse visitá ele mesmo, a gente sentava em cima de uma pedra e não sentava onde o homem tava sentado enquanto não esfriasse a cadeira, porque achava que ia engravidá e pegá barriga.

Destaca-se ainda a desinformação de M12 a respeito da sexualidade, que aos 16 anos partia rumo ao casamento praticamente sem conhecimento sobre o assunto, sendo que as informações que tinha adquirido até então estavam equivocadas:

Uma vez, quando eu tava noiva já, eu falei pra mãe que eu tava grávida. “Tá grávida?”. “Tô, beijei, tô grávida”. Depois ela me explicô que não era assim. Não, pra mim eu já tava grávida (...). Não, daí antes de casá foi a minha sogra que me explicô. (...) 16, bem jovenzinha. (...) Eu acho que faltava uns dois mês pro meu casamento, mas eu não beijava... ãham... Daí quando eu beijei ele, daí eu achei que tava grávida e falei pro meu pai. Daí o meu pai disse “Vamo apressá o casamento então”. (...) Daí a minha sogra me pediu se eu tinha mantido relação sexual com ele. E eu disse: “O que que é isso?”. Daí ela me explicô. E eu “Não, eu só beijei ele”. Daí ela me explicô tudo... Daí explicô que depois de casada eu tinha que dormí com ele... Me explicô tudo direitinho, né. Eu disse: “Nossa, mas tem que fazê tudo isso?”. “Ah, tem”. Daí casei, ele tinha 21 anos e eu tinha 16.

De acordo com as mães, a utilização da história de que “a cegonha traz os bebês” também se fazia presente de forma significativa no discurso de seus pais, a fim de explicar o nascimento dos bebês, de modo que não fosse necessário mencionar as questões sexuais envolvidas neste fenômeno. Desse modo, destaca-se o importante “lugar” que os mitos e histórias ocuparam, uma vez que, através deles, foi possível evitar falar sobre questões referentes à sexualidade e postergar a informação, reforçando a crença na inocência da infância e da adolescência.

M10: Assim, eu me lembro, essa história... essa terceira aqui [referindo-se à vinheta]. Essa é parecida com algo que eu vivi no meu passado. Naquele tempo que diziam pra gente que era a cegonha que trazia o bebê. Coisa bem antiga... E quando passava um helicóptero em cima da minha casa, a gente ficava feliz da vida. Daí diziam também que era avião que trazia. Então ficava pedindo pro avião trazê bebê... M9: Nós fomos criados de uma maneira... tu pode até rir pelo que eu vô falá, mas a minha mãe falava assim que o que trazia os bebês era a cegonha [risos]. (...) Eu acho importante que se fale sobre tudo. Eu acho. Acho importante, sim. Tu imagina tu... Tu vai dizê que não existia, mas existia, S., tu pode tê certeza. Os pais usavam que quem... “A barriga da mãe tá crescendo... que que houve?”. “Ah, é a cegonha que vai trazê o bebê. A mãe vai ficá doente, vai pro hospital e daí a cegonha vai levá no bico lá o bebê e vai largá no hospital” [risos]. “Vai largá lá...”. E como é que a mãe vai trazê pra casa o filhinho da cegonha? Né? Como? Como é que funciona? Sabe, essa confusão mental?

No tocante a estes aspectos, Elias (1934/1994) refere-se a uma obra sobre educação para meninas, do educador Von Raumer, que data de 1857, na qual o autor dá instruções aos pais sobre como responder a questionamentos de natureza sexual realizados pelas filhas. Inicialmente, ele destaca que este tipo de assunto não deveria ser comentado na presença de crianças. Mas, quando questionados sobre a origem dos bebês, por exemplo, os pais deveriam falar-lhes de anjos e cegonhas.

Destaca-se a importância atribuída por essas mães quanto ao fato de que não se deveria transmitir ensinamentos equivocados, os quais por vezes causaram-lhes medo, confusão e angústia. Uma mãe, quando questionada se ela acreditava que hoje ainda se fala sobre cegonha, afirmou:

M9: Não, não se fala, né, porque é vergonhoso, né, é vergonhoso a cegonha... (risos). Eles nem sabem o que é cegonha, né. Eu acredito que hoje as crianças nem sabem o que é cegonha. Eu acho que lá na terceira, quarta série, quando tão estudando, daí vê aquele que fala dos animais, daí sim eu acho que eles vê. Tal animal, com bico grande, não é aquele que traz os bebês... (risos).

Na opinião das mães, este tipo de atitude por parte dos pais além de ser algo “vergonhoso”, é antigo e ultrapassado. No entanto, salienta-se que este é um discurso ainda presente no contexto atual. Estudo realizado pela autora com adolescentes do sexo feminino evidenciou que a narrativa de histórias, como a da cegonha, por exemplo, era comum nas famílias das meninas, se configurando em uma estratégia utilizada pelos pais diante da curiosidade das adolescentes a fim de esclarecer os fatos. A transmissão de informações errôneas, como a de que o beijo leva à gravidez, também foi apontada pelas adolescentes como sendo utilizada pelos pais. Segundo as adolescentes, isso poderia ser entendido como uma forma de amedrontá-las e, assim, deter e/ou postergar o exercício da sexualidade, ao menos temporariamente (Savegnago & Arpini, *in press.*).

1.3. “*Eu acho que aconteceu isso comigo por falta de conversa*”: a experiência da gravidez na adolescência

Apesar dos tabus e do silêncio vivenciado pelas mães participantes junto a suas famílias durante sua própria adolescência, muitas delas engravidaram durante este período ou logo após o término da adolescência. Das 17 participantes, quatro tiveram seu primeiro filho na adolescência (entre os 12 e os 17 anos) e sete delas engravidaram entre os 18 e os 20 anos de idade. Isto mostra que a questão sexualidade/sexo, apesar de silenciada no contexto familiar, se fazia presente na vida de cada uma delas. Assim, pode-se constatar que o silêncio em relação ao tema não foi suficiente para barrar o exercício da sexualidade. Ao contrário, muitas mães atribuíram justamente à falta de informação e diálogo familiar a ocorrência de sua gravidez durante a adolescência, como mostram as falas a seguir.

M15: Eu acho que isso é importante, né. Porque que nem assim ó, eu engravidei da M, eu não tinha noção do que era sexo. E eu hoje... Esses dias eu tava falando com ela, eu teria namorado da mesma forma, mas eu não teria tido ela com 15 anos. M5: Ah... era bem diferente. Tanto é que... que eu acho que aconteceu isso [gravidez] comigo por falta de conversa. Porque eu simplesmente fui fazendo as coisas, as coisas foram acontecendo e ninguém... Eu não tinha com quem conversá, ninguém me falava nada, né. Ninguém me dizia: “Olha, não é assim minha filha, não é assim. A vida não é assim... Botá um filho no mundo é...” Aquilo pra mim na época era uma coisa normal, sei lá. Mas hoje em dia eu vejo que botá um filho no mundo não é bem assim, né. É uma responsabilidade muito grande, muito grande eu acho. (...) Eu nunca tive alguém que falasse sobre essas coisas em casa. Era bem aquela coisa de antigo: “Não pode, não deve...”.

A participante M15 afirmou que se tivesse recebido orientações na família sobre o assunto, as acontecimentos teriam tomado um curso totalmente diferente do ocorrido, ou seja, ela talvez não tivesse engravidado tão cedo. M5 apontou a falta de uma orientação sobre sexualidade a partir da qual poderia ter conduzido sua adolescência. Visto que não tinha espaço para diálogo sobre o tema junto a seus pais, essa mãe teve que se haver com a tarefa de descobrir e entender esse fenômeno de forma solitária.

M2: A minha mãe não era muito de conversá sobre isso com a gente, né. A minha família era evangélica, e a mãe era bem daquele jeito antigo, né. Então ela não era muito de conversá. Eu sou assim... o que eu aprendi, eu aprendi vivendo, né. Eu fui muito maluquinha, a ovelha negra da família, digamos assim. Então, eu vivi. (...) Eu engravidei da minha guria mais velha com 15 anos. Então por essa parte, por eu ter começado muito cedo a minha vida sexual, por eu ter começado muito cedo a responsabilidade com filhos, larguei os estudos, né, larguei tudo de lado pra podê trabalhá, cuidá delas, essas coisas.

O relato a seguir mostra uma experiência difícil relatada por uma das mães participantes, a qual refere ter tido uma gravidez indesejada. A mãe coloca que, apesar de já

ter passado pela adolescência, ela não tinha informações suficientes e importantes sobre gravidez e contracepção, afirmando não ter recebido orientações sobre este assunto por parte de seus pais.

M7: Eu engravidei com 18 anos pra 19. Não foi planejada, eu namorava e aconteceu. (...) Mas, assim, eu engravidei e não contei, fiquei pra... Engravidei e fui ficando dentro de casa... entendeu? Aí um dia eu tô escovando, que a casa era de tábuas e eu escovava aqueles taboão, sabe... eu lavando a casa, escovando... A mãe olhô: “Filha, tu tá barriguda?”. E eu disse assim: “Eu não, mãe”. Ela disse: “Vem cá, levanta e vem aqui!”. Aí eu cheguei perto dela e ela levô a mão aqui embaixo da minha barriga e disse: “Tá sim, e isso aí é de três meses. Tá bem dura a tua barriga embaixo”. E eu disse: “Faz quatro meses que eu não menstruo”. E ela disse: “Tá, tá com três mês passado, fechando os quatro”. Chamô meu pai. Hummm... “Vagabunda, sem vergonha”, isso e aquilo... Aí eu fui morá junto. (...) E daí foi... A mãe ficou até bem tranquila... Mas quem extrapolô mais, quem berrô foi o meu pai. A mãe não. Pelo jeito que ela era assim com nós, né, eu acho que ela mesmo... senti assim... “Não instruí minha filha...”. (...) a gente não sabia nada da vida. Imagina eu, com 18 pra 19 anos, eu já era pra sabê que existia um anticoncepcional. Eu não sabia nada. A gente sabia que engravidava, mas a gente não sabia que na primeira, segunda, terceira vez... Tinha sido a terceira vez que a gente tinha saído. Numa dessas ali que eu engravidei. Mas eu pensava que demorava teempo assim, né, que transando demorava tempo pra ti engravidá. E na terceira vez já engravidei, né, tu vê...

Estudos têm mostrado que adolescentes que possuem um espaço para diálogo sobre sexualidade com seus pais tem menor probabilidade de iniciar a vida sexual precocemente e de engravidar durante adolescência (Aquino, Almeida, Araújo & Menezes, 2006; Bozon & Heilborn, 2006; Pick & Palos, 1995; Sousa, Fernandes, & Barroso, 2006; Valdés, 2005). No entanto, considerando-se que a gravidez na adolescência se constitui em um fenômeno complexo, suas causas podem não estar relacionadas exclusivamente à desinformação sobre questões sexuais.

Dadoorian (2003) ressalta que a gravidez durante este período pode estar ligada ao desejo da adolescente de ter um filho a fim de testar sua feminilidade a partir da comprovação de seu potencial reprodutivo. Além disso, por vezes as adolescentes têm conhecimento dos riscos e das formas de evitar a gravidez, mas não põe em prática isso e geralmente não sabem explicar o que as leva a agir dessa maneira (Tavares, 1996). A história familiar de gravidez na adolescência também tem sido descrita na literatura como um dos fatores associados à ocorrência de gravidez em adolescentes. Outro argumento utilizado na compreensão deste fenômeno é a ideia de que, para muitas adolescentes de grupos populares, a maternidade pode tornar-se o papel social mais importante por elas desempenhado e se constituir em um projeto de vida. Considerando-se as precárias condições de vida da juventude pobre brasileira, a relação com a maternidade poderia ser considerada uma ruptura com esse destino, já que esta poderia lhes conferir um reconhecimento social (Uziel & Santana, 2008). Apesar de encontrar-se implícita em muitos casos, a questão da associação entre gravidez e projeto de vida não fica explícita no discurso das mães participantes desta pesquisa que engravidaram na adolescência, as quais atribuem as causas desse acontecimento principalmente à falta de diálogo e orientações sobre sexualidade no âmbito familiar.

1.4. “Muitas vezes acontecem as coisas, aconteceu comigo quando eu era criança”: as marcas do abuso sexual

Os relatos das mães participantes apresentados até então sinalizaram para o silêncio familiar em relação ao tema da sexualidade. Para além desta questão, destacou-se, de forma mais específica, o silêncio em relação à questão do abuso sexual, o qual foi vivenciado por algumas participantes do estudo. Assim, pode-se considerar que, se falar de sexualidade já é difícil, esta dificuldade pode ser ampliada quando se refere a um exercício da sexualidade que

ultrapassou as regras sociais. A problemática do abuso sexual se fez presente de forma intensa tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas. Quatro das mães participantes afirmaram ter sido vítimas de abuso sexual (ou tentativa) durante a infância e/ou adolescência.

M4: Quando eu era criança tentaram me estuprá. E eu não... pra mim homem era como... não chegava perto. Fui namorá com 30 ano. Pra mim conversá era... Eu tinha o meu problema. Não me estupraram, mas tu fica com aquilo. M10: Então eu acho assim, eu como... a minha infância eu... passei por... eu passei... [Começou a chorar]. Hoje acontece muito e nesse tempo acontecia também. Eu fui abusada. Então eu fui... não por meus familiares, mas eu lembro que ele me assediava sempre... Eu sô uma mãe que preserva muito a infância. Isso marca a pessoa pro resto da vida, S... pro resto da vida... Eu tô falando porque tá só nós aqui mulheres. É a coisa mais triste isso aí. Eu não tive a minha mãe. Perdi minha mãe com quatro anos e meio

Pode-se pensar que, a partir da vivência de abuso sexual, esta mãe busca “preservar a infância”, ou seja, manter a inocência da criança, considerando que a sua própria infância não teria sido preservada a partir do momento em que foi exposta a uma situação de abuso sexual. Além disso, M4 e M10 trazem a situação do abuso sexual como uma “marca” que permanece na vítima. No tocante a este aspecto, Arpini, Siqueira e Savegnago (2012) afirmam que o abuso sexual se constitui em um trauma, uma vez que excede a capacidade da criança ou adolescente dar sentido ao ocorrido. A vivência do abuso, que por si só é traumática, quando somada à falta de proteção e ao descrédito por parte dos familiares pode intensificar o sentimento de desamparo vivenciado pela vítima. As autoras também destacam que o silêncio possui um papel central na perpetuação da situação abusiva. Assim, a elaboração do trauma só pode dar-se a partir da revelação, a qual abre caminho para a inserção da criança ou adolescente na rede de atendimento, onde será possível a realização de um trabalho terapêutico.

Estudo desenvolvido por Rodrigues, Brino e Williams (2006), com adolescentes com e sem histórico de violência sexual, constatou que todas as meninas que haviam sido vítimas de abuso sexual tinham dificuldades de conversar sobre sexo com seus genitores. Além disso, as adolescentes afirmaram não sentir-se à vontade para dialogar sobre assuntos íntimos com a mãe, como namoro e sexualidade, preferindo não tocar nesse assunto em casa. Estas meninas tiveram receio de revelar a situação abusiva, devido ao distanciamento afetivo que possuíam em relação aos pais. Em contraponto a isso, todas as adolescentes não vítimas relataram ter abertura para expor seus medos, dúvidas e opiniões no ambiente familiar. Dessa forma, destaca-se que, para o adolescente, quanto maior a possibilidade de diálogo e proximidade afetiva com os pais, maiores seriam as chances de enfrentamento de uma situação abusiva. O trecho a seguir relaciona-se com tais aspectos:

M9: A violência, né, violência... violência sexual contra crianças (...) muitas vezes acontecem as coisas, aconteceu comigo quando eu era criança, sabe. Uma coisa assim que por medo, por não ter orientação e por medo da atitude, da reação dos pais, que não é falado, né, não é falado... Então a criança omite e cria sérios problemas pro resto da vida.

Pesquisa realizada por Siqueira, Arpini e Savegnago (2011), que envolveu adolescentes do sexo feminino, teve como foco o estudo do abuso sexual. No entanto, pôde-se perceber, a partir do discurso de algumas participantes, que o tema da sexualidade no contexto familiar foi referido como pouco abordado. As meninas apontaram uma ausência de proximidade e de comunicação na relação entre mães e filhos. Este bloqueio na comunicação poderia dificultar ainda mais a possibilidade da revelação de uma situação de abuso sexual, visto que a vítima não se sentiria segura para revelar algo tão difícil. As participantes do estudo destacaram, assim, a importância de um espaço para o diálogo no contexto familiar, principalmente no que se refere ao tema da sexualidade. Também, poder-se-ia pensar que

parte das dificuldades que as adolescentes indicam estar presente no contexto familiar referente à falta de diálogo sobre este assunto estaria relacionada à complexidade do tema em questão, uma vez que se falar de sexualidade já é difícil, mais difícil ainda é falar sobre um exercício da sexualidade que ultrapassou as regras sociais (Arpini, Siqueira, & Savegnago, 2012). Todo esse panorama leva a pensar que ainda existe um longo caminho a ser trilhado no que se refere à busca por relacionamentos mais íntimos e positivos entre pais e filhos, permeados pela troca e a confiança mútua (Borges, Nichiata, & Schor, 2006).

2. “Tenho que conversá e dizê muita coisa pra eles, porque pra mim fez muita falta isso aí”: da ausência de diálogo à tentativa de rompimento do silêncio

A partir das vivências familiares difíceis durante a infância e a adolescência no que se refere à sexualidade, conforme apontado na seção anterior, muitas das mães participantes deste estudo destacaram suas tentativas para não reproduzir o modelo familiar, ou seja, rompendo o silêncio em relação ao tema e procurando abordá-lo com seus filhos. Os trechos a seguir ilustram tal constatação.

M1: Eu acho que já que eu não tive isso aí, como a mãe não explicô, não disse nada, eu acho que pra eles eu tenho que explicá e tenho que conversá e dizê muita coisa pra eles, porque pra mim fez muita falta isso aí. Faz muita falta. M5: Porque como faltô pra mim, né... daí eu acho que é muito importante. (...). É, só que assim ó, tudo por falta de informação. Eu comecei a tomá pílula por minha conta. Só que aquela pílula me dava muito enjoio, eu ficava muito tonta. E eu não sabia que quando uma pílula não dá certo pra gente, a gente vai no médico e procura outra, né, pra tomar. Daí simplesmente eu parei de tomá. E daí foi quando eu engravidei. Na minha vida tudo aconteceu por falta de informação. Por isso que eu falo, explico as coisa.

Algumas mães, como M5, acreditam que a falta de informação e diálogo sobre sexualidade trouxe-lhes prejuízos. Essa mãe, por exemplo, atribui a gravidez indesejada durante a adolescência à falta de orientação sobre sexualidade, principalmente acerca do uso correto da pílula anticoncepcional. Destaca-se assim o interesse demonstrado através da fala de M5 e de outras mães participantes no sentido de orientar os filhos em relação a assuntos referentes à sexualidade que foram pouco abordados quando elas próprias vivenciaram a adolescência. A fala da participante M8 também demonstra tal aspecto.

A M [filha] acha muito importante, assim, que eu previni ela bem, assim ó “M, chega em tal idade, tu vai tê a tua idade, tu vai menstruá, tu vai tê teu o período de menstruá. Tu vai tê que te cuidá, porque daí tu tá mocinha. Tu vai tê que aprendê te cuidá, usá o absorvente direitinho...”, eu dizia pra ela tudo assim, sabe. “Te lavá, tomá banho toda hora...”, eu dizia pra ela, “pra ti não ficá cherando, não ficá fedendo, porque é um sangue podre...”, eu dizia pra ela essas coisas, sabe. Sempre expliquei assim, sabe, pra ela as coisa certinho. Mas ela é muito caprichosa. Tanto assim pro corpo quanto pra casa.

Fica evidente nesta fala a importância dada pela mãe dá para que a filha fosse bem esclarecida quanto às questões que envolvem a menstruação, a fim de que a menina pudesse lidar com esse acontecimento de forma tranquila. Isso se contrapõe à forma como a ocorrência da menstruação, em especial a menarca, foi experienciada pela maioria das mães participantes da pesquisa, como foi destacado anteriormente. Em concordância com esse aspecto, Brandão (2004) destaca ser comum os genitores afirmarem que, apesar das dificuldades enfrentadas, costumam dialogar sobre sexualidade com seus filhos muito mais do que, quando adolescentes, conversavam com seus próprios pais.

Conforme mencionado anteriormente, uma parte significativa das participantes desta pesquisa relatou ter sido vítima de abuso sexual. A ocorrência destas situações parece ter tido

um forte impacto para essas mães e parece tê-las estimulado a procurar dialogar frequentemente sobre o tema com seus filhos, uma vez que elas temeriam que eles também viessem a ser vítimas desta forma de violência. Esta questão fica evidente nas falas que seguem.

M9: Olha, o assunto que mais me preocupa é em relação a uma coisa que a gente têm visto muito, que tem acontecido dentro de igrejas, dentro das escolas, dentro de casa... A violência, né, violência... violência sexual contra crianças. Esse é o assunto que mais me preocupa, é o que mais eu friso. “(...) Se o tio vem querê te dá um abraço, querê te pôr no colo, tu não aceita. Se o tio qué conversá comigo, então senta do meu lado e vamo conversá, né. Sempre na presença da avó ou de alguém, nunca só. Convidá pra ir no bar, não vai”. (...). Pra que elas não cresçam com medo de falá também, né. Que elas não cresçam com medo... M4: Eu falo franco com eles. É melhor tu falá franco do que... Aí eu falo assim com o meu filho... eu digo “Filho, o cuzinho é só pra cagá. Porque não é pros outros fazê aquilo... estuprá, né. Meu filho, isso aí é só pra... tu é menino. Não é...”. Porque tem guri que qué fazê no outro, né. Aí tu tem que explicá.

Destaca-se que a preocupação em abordar o tema do abuso sexual com os filhos não esteve presente apenas entre as mães que passaram por situações envolvendo esta questão. O temor de que os filhos venham a ser vítimas de violência sexual também ficou evidente nas falas de participantes que não teriam vivenciado o fenômeno, mas que o consideram bastante corriqueiro, o que pode ser observado no seguinte relato.

M2: O meu grande medo era isso, né, de eu saí pra trabalhá e alguém abusá elas. (...). Hoje em dia tem muita gente que se preocupa tanto, mais com as meninas, porque as meninas podem... porque ouve-se mais denúncias de estupro, de abuso sexual com meninas. Mas os meninos também sofrem isso. É pouco, é menos, mas tu também tem que conversá com o teu filho sobre isso. Não interessa se ele é homem, mas tu tem que conversá com ele. Pega um provalcido, um sem vergonha... Eles sabem que o pintinho deles é pra fazê xixi e o ânus deles é pra fazê cocô... é o que

eles sabem. Só que se tu não explicá pra ele que não é pra deixá alguém pegá e tocá nele e coisa... ele não vai sabê... ele vai... né. E tipo, tu tem que conversá com eles sobre isso, têm que conversá sobre sexualidade com os teus filhos.

O abuso sexual tem se constituído em uma forma de violência bastante presente em nossa sociedade, em muitas situações não seja revelado. O fato de o medo do abuso sexual ter se destacado nas falas de muitas mães participantes da pesquisa, talvez possa ser explicado pela frequência com que esse fenômeno tem acontecido nos diferentes contextos sociais. Contudo, estudos têm indicado que este grupo social no qual as participantes deste estudo se incluem apresenta-se mais vulnerável a esse tipo de situação (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, & Martinelli, 2002; Arpini, Siqueira, & Savegnago, 2012; Faleiros, 1998; Siqueira, Arpini, & Savegnago, 2011).

Apesar da maioria das mães reprovarem a forma como seus pais conduziram as questões relacionadas à sexualidade durante sua infância e adolescência e esforçarem-se para mudar essa realidade, algumas delas trouxeram relatos que parecem sinalizar uma repetição desse modelo passado de educação/orientação. Este aspecto pode ser percebido na fala abaixo.

M3: Olha, eu trato pra eles como a minha mãe tratô nós, né. Nós somo em cinco irmão, né... Então a minha mãe nunca falô isso pra gente. Eu tenho mais irmãos, e nenhum dos meus irmãos falava isso com eles. A gente traz eles como a gente foi trazido, né. Não precisava tá... não precisa tá falando nada (riso). (...) Pra mim foi bom, né, porque não precisô ninguém me falá nada e mesmo que... falasse ou não falasse, né, eu não ia seguí esse troço...

Nesse mesmo sentido, a entrevistada M7 afirma que acreditava que o diálogo sobre sexualidade com os filhos fosse desnecessário, uma vez que isto não se fez presente na sua adolescência. *Que eu por mim, eu achei que nem tinha que falá nada, que ia acontecê que*

nem aconteceu comigo, que a minha mãe nunca falou nada. E o F [companheiro]: “Não, nós temos que sentá pra conversá com a tua filha. Conversá isso, isso e isso”.

Desse modo, por vezes, pode ocorrer que os pais tenham uma compreensão de que não deveriam reproduzir o modelo de educação sexual recebido em suas famílias. No entanto podem acabar repetindo o que vivenciaram junto a seus pais, por ser esse o único modelo relacional e educacional conhecido e aprendido (Dias & Gomes, 1999).

Nesse sentido, lançando-se um olhar para a totalidade das falas das mães participantes, nota-se que não houve um padrão único de atitudes em relação ao diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes. Assim, no intuito de uma melhor compreensão desta questão, destaca-se aqui o conceito de geração apresentado por Moreira (2003). Segundo a autora,

“O conceito de geração comporta um aspecto relacional, ou seja, uma geração produz a outra. E esse movimento entre as gerações é dialético, no sentido de que, para afirmar-se, uma geração nega a antecedente e, ao mesmo tempo a perpetua. E, ainda, se examinarmos cada geração, internamente, veremos que, por não ser monolítica, ela comporta ações e reações; invenções e permanências em um movimento contínuo e dialético” (Moreira, 2003, p. 114).

De acordo com a autora, pode-se afirmar que uma geração é revolucionária quando ela contesta a anterior. Por outro lado, uma geração reacionária é aquela que se opõe à mudança, esforçando-se para preservar os valores estabelecidos. Considerando que as gerações são multifacetadas, Moreira (2003) afirma que, no movimento que cada geração realiza, podem ser encontrados traços que a tornam revolucionária e outros que, por outro lado, fazem dela uma geração reacionária. Partindo-se desta perspectiva, poderia-se afirmar que a geração das mães participantes deste estudo possui tanto traços revolucionários quanto reacionários no que se refere à questão do diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes. Uma vez que pôde-se observar nos relatos das mesmas tanto a negação quanto a perpetuação do modelo

transmitido pela geração anterior, já que houve mães que afirmaram repetir o que vivenciaram no passado junto a seus pais, assim como aquelas que relataram que procuram agir de forma diferente com seus filhos no que se refere à abordagem de questões que envolvem a sexualidade.

Apesar de algumas mães terem relatado certo silenciamento em relação à sexualidade junto a seus filhos, a maioria das participantes demonstrou esforçar-se para que este diálogo aconteça, o que pode ser considerado um dado bastante positivo. As falas a seguir ilustram tal constatação.

M1: Eu falo com eles, eu converso com eles, explico pra eles, entende, eu e os meus guris, no caso, eu explico pra eles, tento conversá, digo que não precisa tê medo sobre falá comigo... tudas as coisas tem que fala pra mim, passá pra mim antes, eu digo pra eles assim né.

M5: Eu falo de sexo, de sexualidade com todos. Tanto com os meninos quanto com as meninas. Se elas não vem... e geralmente é as mais velha... os mais velho, eles sempre vem a mim. Qualquer probleminha que eles têm, eles vêm, me procuram e aí eu dô a minha opinião, falo, né. E... mas se eu vê que não vêm a mim e eu vê que tá acontecendo alguma coisa, eu procuro eles e falo. E daí eles falam... a gente tem essa abertura, sabe. Lá em casa tem isso aí. A gente tem abertura pra falá sobre tudo. E eu não tenho vergonha de falá com eles.

A curiosidade manifestada por crianças e adolescentes em torno da sexualidade é uma questão bastante significativa para a subjetividade, uma vez que tem relação com o conhecimento das origens de cada um e com a vontade de saber. Desse modo, a satisfação dessas curiosidades pode colaborar para que o desejo de saber seja estimulado ao longo da vida. Em contrapartida, a falta de resposta às curiosidades pode causar ansiedade, tensão e, ocasionalmente, bloqueio da capacidade investigativa (Brasil, 1998). A participante M16 fala da importância de satisfazer as curiosidades dos adolescentes, referindo que ela e as outras mães participantes do grupo também teriam vivenciado isso quando jovens.

M16: Mas eu olho pelo lado de cobrá... até a curiosidade das adolescentes, porque a gente foi curiosa também, que essa menina tá expressando aqui que ela queria matá a curiosidade. Não aprofundá o assunto, mas tirá a dúvida, né (...). Eu acho que a gente deve matá a curiosidade dos filhos. Como a gente vê na televisão, tu não aprofunda, se ela pergunta “Mãe, como é tal coisa?”, tu explica aquilo. Se ela ficô satisfeita com a explicação, tu deixa quieto. Deixa ela vir com outra pergunta, né. E não aprofunda também “Ah isso, ah aquilo, ah aquele outro”. Mata aquela curiosidade. Porque isso seguido aparece na televisão, né, quando as criança começam a perguntá. Mata a curiosidade. Se ela se sentiu satisfeita, espera vir outra curiosidade pra matá. Não aprofunda mais, porque às vez tu te enrola mais ainda do que tu... do que tu poderia (...) Aos pouquinhos tu vai falando...

Destaca-se também nesta fala a forma como a mãe relatou conduzir o diálogo sobre sexualidade com os filhos. Para ela, é a curiosidade da criança ou adolescente que serve de marcador para que esse assunto seja abordado. Assim, à medida que as dúvidas vão surgindo, ela procura esclarecê-las de forma correspondente ao que foi solicitado, procurando não aprofundar-se tanto no assunto, evitando falar além do que foi perguntado, principalmente quando se trata de crianças. De forma semelhante, o relato da participante M9 também evidencia que as conversas sobre sexualidade com os filhos devem evoluir conforme a idade e o interesse manifestado pelos mesmos.

M9: Com a M [filha], também, eu já... por ela tá ficando mocinha, sabe, tá com 12 anos, né, tá na puberdade, né, aí eu chamo ela, já converso, já falo “ô, tem que fazê assim”, né. Aquela... eu acredito que aquela coisa que talvez a tua mãe tenha feito contigo, tipo não... sobre a menstruação que antigamente não falavam, né, não podia, era feio, Deus o livre, né. “Olha, tem que fica... olha tá entrando na puberdade, daqui a pouco... né, tem que cuidá pra não tê problemas...”. Eu converso com os meus sobre isso, sobre tudo. Como as coisas são, como elas são feitas. Não é aquele negócio da cegonha que traz, né. Claro que tem que tê um jeito, um meio, né. Há um tempo atrás,

quando a B tinha 7 anos, eu expliquei assim... porque o pai dela teve outra família, eu me separei dele e ele teve uma outra família com a outra, uma menina com dois filhos, ela tinha um bebê e a menina tava grávida, né. E daí eu chamei e expliquei como é que... tá, mas como? “Olha, funciona de tal forma... O homem planta a sementinha e começam a namorá”, aquela coisa toda, né. Conversei dessa forma. Ela tinha sete anos na época, né. Só que hoje ela já tá com 12. Então o assunto já pode ser mais...

Em concordância com estes aspectos, mães participantes de uma pesquisa realizada por Gubert, Vieira, Pinheiro, Oliveira e Costa (2009) afirmaram que a comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade deveria ocorrer desde a infância até a adolescência. Desse modo, os autores salientam que a educação sexual deve ser gradativa e constante, considerando-se as particularidades de cada adolescente.

Levisky (1995) afirma que dialogar com os filhos não é uma tarefa fácil. Trata-se de uma atitude que demanda sensibilidade, paciência, tolerância, além de saber ouvir e falar sem ter a certeza de que se está sendo escutado. De acordo com o autor, a tentativa de estabelecimento de diálogo com o adolescente pode ser uma questão delicada para os pais, uma vez que a transmissão de valores e posições afetivas pode ser confundida, pelo adolescente, com cobranças ou pressões. Ou ainda é possível que a demonstração de interesse dos pais pelas atividades e ideias do adolescente seja percebida por este como uma invasão de privacidade.

Apesar dos possíveis desafios a serem enfrentados pelos pais, destaca-se a importância do desenvolvimento do diálogo sobre sexualidade no espaço familiar, uma vez que é nesta instituição que os adolescentes deveriam formar valores que permanecem ao longo da vida, determinando a forma como a sexualidade será tratada. “É no convívio com os pais e demais familiares que se marca o padrão cultural da sexualidade. A partir daí, o comportamento

feminino e o masculino são delineados em uma construção pertinente aos valores do seu grupo social” (Ressel, Junges, Sehnem, & Sanfelice, 2011, p. 249).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das falas das mães participantes, pôde-se notar que o silêncio em relação ao tema da sexualidade no espaço familiar se fez presente na infância e adolescência da maioria delas. Estas mães apontaram traumas e tabus como efeitos negativos da falta de diálogo e respeito do tema.

Destaca-se que dialogar sobre sexualidade não se constitui em uma tarefa fácil. No entanto, os relatos de algumas participantes podem ser considerados bons exemplos de superação, uma vez que, apesar da dificuldade inegável para se falar sobre este tema com os filhos e da vivência de um passado marcado por tabus e silêncio em relação ao tema, estas mães conseguiram abrir-se para esta questão, buscando conduzir isso de forma diferente da vivenciada junto a seus pais e, assim, fazer a diferença na vida de seus filhos. Nesse sentido, destaca-se a importância do desejo de mudança presente nos relatos destas jovens mães.

Os aspectos apontados neste artigo são característicos de um determinado grupo social – popular – e de um universo específico de mães. Desse modo, destaca-se a importância de que se desenvolvam estudos com essa proposta em outros grupos/ contextos sociais, como os de classe média e alta, a fim de se complementar o panorama sobre a questão.

REFERÊNCIAS

Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002).

Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília, Brasil: UNESCO.

- Aquino, E. M. L., Almeida, M. da C., Araújo, M. J., & Menezes, G. (2006). Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, M. Bozon, & D. R. Knauth (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 309-360). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond e Fiocruz.
- Ariès, Philippe. (1981). *História Social da Criança e da Família*. (D. Flaksman, Trans.). Rio de Janeiro, Brasil: Editora LTC. (Original published in 1975)
- Arpini, D. M., Siqueira, A. C., & Savegnago, S. D. O. (2012). Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. *Psicologia Teoria e Prática*, 14(2), 88-101.
- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. (M. F. Duarte, Trans.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa, Portugal: Editora 70.
- Borges, A. L. V., Nichiata, L. Y. I., & Schor, N. (2006). Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 14(3), 422-427.
- Bozon, M., & Heilborn, M. L. (2006). Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, M. Bozon, & D. R. Knauth (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 155-206). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond e Fiocruz.
- Brandão, E. R. (2004). Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In M. L. Heilborn (Ed.), *Família e sexualidade* (pp. 63-86). Rio de Janeiro, Brasil: Editora FGV.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Brasília.
- Brasil. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais: Orientação Sexual* (pp. 285-336). Ministério da Educação. Brasília: MEC.

- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(1), 84-91.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. (R. Jungmann, Trans.) Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editor. (Original published in 1934)
- Faleiros, V. P. (1998). A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário. In M. F. P. Leal, & M. A. César (Eds.), *Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes* (pp. 7-18). Brasília, Brasil: CECRIA.
- Foucault, M. (2012). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro, Brasil: Edições Graal. (Original published in 1988)
- Gaskell, G. (2005). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Gubert, F. A., Vieira, N. F. C., Pinheiro, P. N. C., Oliveira, E. N., & Costa, A. G. M. (2009). Cuidado de enfermagem na promoção do diálogo mãe e filha adolescente: estudo descritivo. *Online brazilian journal of nursing*, 8(3).
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em revista*, 10(15), 124-136.

- Levisky, D. L. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Monteiro, L. P., & Cardoso, N. A. (2001). Família e criação de filhos. In S. M. G. Sousa, & I. Rizzini (Eds.), *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (pp. 95-115). Goiânia, Brasil: Cãnone editorial.
- Moreira, M. I. C. (2003). Laços familiares e laços geracionais: uma reflexão sobre a gravidez entre mulheres adolescentes. In S. M. G. Sousa. (Ed.), *Infância e adolescência: múltiplos olhares* (pp. 113-143). Goiânia, Brasil: Editora da UCG.
- Petrini, J. C. (2003). *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru, Brasil: EDUSC.
- Pichon-Riviére, E. (2005). *O processo grupal*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Pick, S., & Palos, P. A. (1995). Impact of the family on the sex lives of adolescents. *Adolescence*, 30(119), 667-675.
- Ressel, L. B., Junges, C. F., Sehnem, G. D., Sanfelice, C. (2011). A influência da família na vivência da sexualidade. *Escola Anna Nery (impr.)*, 15(2), p. 245-250.
- Rodrigues, J. L., Brino, R. de F., & Williams, L. C. A. (2006). Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual. *Paidéia*, 16(34), 229-240.
- Romanelli, G. (2002). Autoridade e poder na família. In M. C. B. Carvalho (Ed.), *A família contemporânea em debate* (pp. 73-88). São Paulo, Brasil: EDUC / Cortez.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Sarat, M. (2008). A “conspiração do silêncio”: infância, educação e sexualidade no processo civilizador. In Universidad de Buenos Aires (Ed.) *Anais do XI Simposio internacional proceso civilizador: civilización, cultura e instituciones* (pp. 522-529). Buenos Aires, Argentina: UBA.
- Sarti, C. A. (2002). Família e individualidade: um problema moderno. In M. C. B. Carvalho

(Ed.), *A família contemporânea em debate* (pp. 39-49). São Paulo, Brasil: EDUC / Cortez.

Sarti, C. A. (2004). O jovem na família: o outro necessário. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 115-129). São Paulo, Brasil: Editora Fundação Perseu Abramo.

Savegnago, S. D. O. (2011). *Conversando sobre sexualidade na família: o olhar de meninas de grupos populares*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil.

Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (*in press.*). Conversando sobre sexualidade da família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*.

Seron, C., & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 154-164.

Siqueira, A. C., Arpini, D. M., & Savegnago, S. D. O. (2011). Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Aletheia*, 34, 109-122.

Sousa, L. B., Fernandes, J. F. P., & Barroso, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19(4), 408-13.

Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (C. M. C. Vieira, Trans.). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tavares, E. (1996). Mãe menininha. In A. I. Corrêa (Ed.), *Mais tarde é agora! ensaios sobre a adolescência* (pp. 101-115). Salvador, Brasil: Álgama. (Coleção psicanálise da criança, v. 1, n. 8).

Uziel, A. P., & Santana, L. S. (2008). Maternidade, adolescência e abrigo: compondo equações possíveis. *Polêm!ca*, 7(3), 25-38.

- Valdés, T. (2005). Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In M. L. Heilborn, L. F. D. Duarte, C. Peixoto, & M. L. de Barros (Eds.), *Sexualidade, família e ethos religioso* (pp. 315-342). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond.
- Vilelas Janeiro J. M. S. (2008). Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 29(3), 382-390.

ARTIGO 3

O QUE SE ESPERA DA FAMÍLIA QUANDO O TEMA É SEXUALIDADE ³

³ O artigo encontra-se nas normas da *American Psychological Association* (APA), considerando-se que a maioria dos periódicos científicos em Psicologia aceita para publicação manuscritos formatados de acordo com estas normas.

O QUE SE ESPERA DA FAMÍLIA QUANDO O TEMA É SEXUALIDADE

Resumo

Considerando-se que a adolescência é um período caracterizado por muitas dúvidas, especialmente em relação à sexualidade, é imprescindível que estas sejam escutadas sem preconceitos pelos pais, apresentadas com liberdade pelo adolescente e discutidas por ambos. Nesse sentido, o objetivo deste estudo consiste em refletir sobre alguns aspectos referentes ao diálogo sobre sexualidade entre pais e adolescentes, a partir do ponto de vista de mulheres que possuem filhos adolescentes. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais com mães que frequentavam um Centro de Referência em Assistência Social de uma cidade do interior do RS. Os resultados, após análise de conteúdo, indicam que os assuntos relacionados à sexualidade mais abordados pelas mães com os filhos adolescentes foram a prevenção de doenças e gravidez, com destaque para o uso do preservativo. A maioria das participantes referiu ter mais facilidade para conversar com as filhas adolescentes do que com os filhos. Algumas relataram sentimentos de despreparo e vergonha para falar sobre certos assuntos relacionados à sexualidade com os filhos, os quais teriam mais abertura com outros familiares do sexo masculino. As participantes apresentaram tanto a percepção de que os adolescentes já teriam informações suficientes sobre o assunto quanto a ideia de que eles esperam esclarecimentos e abertura para o diálogo por parte dos pais. As considerações finais apontam para a importância de que as conversas sobre sexualidade não se reduza às questões preventivas, e destacam a necessidade de que ambos os genitores assumam ativamente seus papéis com relação ao diálogo sobre o tema com filhos e filhas adolescentes.

Palavras-chave: adolescente; família; sexualidade.

WHAT'S EXPECTED FROM FAMILY WHEN THE ISSUE IS SEXUALITY

Abstract

Considering that adolescence is a period characterized by many doubts, especially regarding to the sexuality, it is essential that these doubts must be listened without prejudice by the parents, as well as freely presented and discussed for these teenagers, allowing a discussion by both, parents and children. In this sense, the aim of this study was reflect about some aspects related to the dialogue of sexuality between parents and teenagers, from the point of view of women with teenage children. Semi-structured interviews and focal groups were performed with mothers, which attend a reference center for social assistance from a country town in RS State. Semi-structured interviews and focal groups were performed with mothers, which attend a reference center for social assistance from a country town in RS State. The results, after the analysis of content, indicated that the sexuality issues most discussed by mothers with their teenage children were the prevention of disease and pregnancy, particularly the use of condom. Most of the participant mothers reported to be easier to talk with their daughters than with their sons. Most of the participants reported to have more easiness to talk with the teenage daughters than with sons. Some of the mothers reported the feeling of to be unprepared and embarrassed when it is need to talk about certain issues related to sexuality with their children, which would be more comfortable to address this subject with other male relatives. It was observed, from the participant's reports, both, the perception that teenagers already have enough information on this subject, as well as the idea that they would expect clarification and openness to dialogue from their parents. The conclusions point out to the importance that the dialogues about sexuality cannot be reduced to preventive issues, highlighting the need of both parents actively take on their roles regarding to the dialogue on this issue with their teenage children.

Keywords: teenagers; family; sexuality.

INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser um período marcado por muitas dúvidas, contradições, ambivalências e por atritos com a família e o meio social. Esta situação muitas vezes é confundida com crises e estados patológicos (Aberastury, 1981/2007). Nesse sentido, Knobel (1981/2007) fala da síndrome normal da adolescência, que, resumidamente, é marcada pelas seguintes características: busca da identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, deslocalização temporal (o pensamento adquire as características de pensamento primário), evolução sexual (indo do autoerotismo até a sexualidade genital adulta), atitude social reivindicatória, contradições excessivas no comportamento, separação progressiva dos pais e frequentes flutuações de humor.

De acordo com Cardoso (2008), a adolescência configura-se em uma vivência de ruptura e transformação. Neste período, ocorre um retorno de conflitos infantis inconscientes, além da revivência de um desamparo primário e do Complexo de Édipo. A autora afirma ainda que as experiências da puberdade não permitem que o sujeito possa passar pelas transformações corporais e organizar o seu mundo da mesma forma como o fazia na infância. Ou seja, neste período, o adolescente passa por uma reorganização completa de si no que se refere à identidade corporal, psicológica e sexual, que muitas vezes pode escapar da possibilidade de determinação e elaboração do próprio sujeito (Cardoso, 2008).

Em geral, a adolescência é considerada uma fase da vida na qual ocorre uma intensificação do processo de construção da autonomia do adolescente perante a família e da busca de elementos que o tornem singular. Neste período, ocorre uma consolidação de representações, valores e comportamentos relacionados à sexualidade e aos papéis de gênero, ao passo que meninos e meninas começam a experimentar relações afetivas que aumentam seu universo de vínculos para além da família e do grupo de pares (Heilborn, 2012).

As mudanças que caracterizam a crise normal da adolescência repercutem diretamente na vida relacional do adolescente, principalmente no que se refere aos pais, ocorrendo, por vezes, confrontos com estes (Levisky, 1995). Pode-se presumir que há uma projeção do mundo adulto no adolescente, no sentido que este se constitui num objeto de expectativas familiares. Assim, os pais podem traçar um rumo a partir do qual o adolescente deve seguir. Desse modo, podem configurar-se conflitos em decorrência da resistência do adolescente em corresponder às expectativas dos pais, no sentido de perpetuação da herança familiar (Sarti, 2004).

Os conflitos entre o adolescente e seus pais podem ser ampliados devido às ansiedades provenientes das transformações que os pais também estão sofrendo, por estarem passando pela meia idade, a qual pode ser uma fase difícil, permeada pela necessidade de redefinições de natureza existencial, que os coloca em questionamento (Levisky, 1995). Dessa forma, por vezes, as dificuldades dos adultos em lidar com as questões do adolescente, principalmente àquelas ligadas à sexualidade, a decisões ou dúvidas existenciais, relacionam-se ao fato de que estas remetem às questões de suas próprias vidas, as quais lhes angustiam (Sarti, 2004).

Considerando-se que a adolescência é um período caracterizado por muitas dúvidas, especialmente em relação à sexualidade, é imprescindível que estas sejam escutadas sem preconceitos pelos pais, apresentadas com liberdade pelo adolescente e discutidas por ambos. O adolescente necessita dialogar, ouvir e expor suas dúvidas, opiniões, críticas e ideias em um espaço onde estejam presentes compreensão, afeto e respeito. Na ausência destes aspectos, o mesmo pode vivenciar sentimentos de desamparo, ansiedade, angústia e frustração, contribuindo assim para aumentar as chances de que o adolescente se torne mais vulnerável aos problemas atuais (Takiuti, 1997). Em concordância com as ideias de Takiuti (1997), Brandão (2004) ressalta a importância de que as relações familiares estejam baseadas nos

princípios do diálogo, da negociação e argumentação. Para a autora, atualmente não seria mais possível educar os filhos sem considerar o tema da sexualidade.

No entanto, pesquisa realizada por Heilborn (2012) verificou que em muitos grupos sociais existe a concepção de que sexualidade não seria assunto para se conversar abertamente entre pais e filhos, pois comprometeria o respeito entre as gerações. Outros estudos também têm apontado o pouco diálogo familiar sobre este tema, a partir da perspectiva de adolescentes (Borges, Latorre, & Schor, 2007; Borges, Nichiata, & Shor, 2006; Brandão, 2004; Duque-Arrazola, 1997; Guimarães, Vieira, & Palmeira, 2003; Macedo, Miranda, Pessoa Junior, & Nobrega, 2013; Savegnago, 2011; Siqueira, Arpini & Savegnago, 2011). Pesquisas realizadas com pais e/ou mães de adolescentes referem dificuldades relatadas por muitos deles para abordar este tema junto aos filhos (Almeida, Centa, 2009; Barbosa, Costa, & Vieira, 2008; Cano & Ferriani, 2000; Dias & Gomes, 1999; Gubert *et al.*, 2009; Predebon, 2002; Sousa, Fernandes, & Barroso, 2006). Este cenário indica que ainda que ainda existe um longo caminho a ser trilhado no que se refere à busca por relacionamentos entre pais e filhos baseados no diálogo franco sobre o tema e pela confiança mútua (Borges, Nichiata, & Shor, 2008).

A abertura dos pais para o diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes pode possibilitar a discussão e a aquisição de orientações que esclareçam dúvidas importantes dos adolescentes, além de apoiá-los no sentido da promoção de vivências saudáveis, seguras e livres de temores em relação à sexualidade (Ressel, Junges, Sehnem, & Sanfelice 2011). É fundamental que os pais exponham de forma clara e autêntica seus pontos de vista e princípios, o que por vezes pode ser difícil devido aos seus conflitos conscientes e inconscientes relacionados à sexualidade. Além disso, é necessário que eles tenham disposição para escutar e refletir acerca do ponto de vista dos filhos, a fim de que todos tenham a oportunidade de crescer na relação. Quando os pais conseguem assumir sua

autoridade manifestando seus valores e ideias, estão fornecendo um referencial ao adolescente, a partir do qual ele poderá refletir e fazer suas próprias escolhas de forma segura (Levisky, 1995).

Dialogar sobre sexualidade é algo que deveria ir além da simples transmissão de informações, uma vez que demanda que os pais ultrapassem várias barreiras para alcançarem uma proximidade das experiências do adolescente e uma sintonia com o momento existencial pelo qual este está passando. Ademais, é um desafio para os pais encontrarem um equilíbrio na transmissão de informações e valores sobre sexo/sexualidade aos filhos, no sentido de que estas não sejam tão restritivas, nem permissivas em excesso (Dias & Gomes, 1999).

A realização deste estudo com mães leva em conta o fato de que, no que se refere ao diálogo sobre sexualidade na família, a mãe é a figura mais referida pelos adolescentes. Estudos já realizados constataram que, quando há algum grau de diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar, este se dá majoritariamente com a mãe (Aquino, Almeida, Araújo, & Menezes, 2006; Borges, Latorre, & Schor, 2007; Borges, Nichiata, & Schor, 2006; Bozon, & Heilborn, 2006; Brandão, 2004; Gubert, & Madureira, 2008; Pick, & Palos, 1995; Predebon, 2002; Savegnago, 2011). Desse modo, apesar das dificuldades e limitações existentes para se abordar a temática da sexualidade, geralmente são as mães que se esforçam para fazê-lo. Enquanto isso, os pais parecem ter pouca habilidade para o diálogo, muitos são distantes do dia-a-dia dos filhos, possuem um distanciamento relacional ou não são disponíveis para negociações familiares (Brandão, 2004).

Assim, considerando-se todos os aspectos apresentados, o objetivo deste estudo consiste em refletir sobre alguns aspectos referentes ao diálogo sobre sexualidade entre pais e adolescentes, a partir do ponto de vista de mulheres que possuem filhos adolescentes.

MÉTODOS

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto e de compreender de forma ampla e profunda a reflexão de mães no que se refere ao diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes, realizou-se um estudo qualitativo. A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS). A escolha do local relaciona-se à identificação de que, dentre os usuários desta instituição, encontravam-se mães de adolescentes oriundas de grupos populares. O CRAS é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social do Município. Trata-se de um serviço que propicia o acesso de um grande número de famílias à rede de proteção social de Assistência Social (Brasil, 2005).

Participaram 17 mães de adolescentes, pertencentes a grupos populares de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Destas, nove foram entrevistadas individualmente e oito participaram de grupos focais. Foram realizados dois grupos focais, com a presença de cinco mães no primeiro e três mães no segundo grupo.

Os grupos focais complementaram as entrevistas, visto que nestes, devido à interação de seus membros, foi possível esclarecer temáticas surgidas nas entrevistas individuais. O uso da técnica de grupo focal foi apropriado, pois por meio dos grupos as participantes puderam manifestar-se de forma espontânea, estabelecendo uma discussão sobre a temática, apontando criticamente suas opiniões e tendo uma participação ativa. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes para que exponham suas ideias e reajam ao que os outros membros do grupo falam. Segundo Gaskell (2005), trata-se de uma “unidade social mínima em operação” (p.75). Dessa forma, as ideias e representações que surgem no grupo são mais

influenciadas pela natureza social da interação grupal ao invés de se basearem no ponto de vista de individual, como seria em uma entrevista individual (Gaskell, 2005).

Os eixos que nortearam as entrevistas foram os seguintes: 1- Abordagem do tema sexualidade na família; 2- Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente; 3- Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados; 4- Diferenças entre conversar com meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são; 5- Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam; 6- Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos; 7- O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento.

Foram utilizadas como disparadores para a discussão grupal falas de meninas que participaram de uma pesquisa da autora, que teve como tema o diálogo sobre sexualidade na família (Savegnago, 2011). As vinhetas utilizadas foram as seguintes: **1.** *“Eles acham que a gente não tá preparada pra sabê daquilo. Mas a gente tá preparada. Tá chegando a idade, a gente tem que sabê disso. A gente tá na idade de sabê essas coisas”* (E, 13 anos); **2.** *“A minha mãe me contava: Se tu beijava tu ia engravidá e daí se tu beijava assim, o homem tinha que comprá uma sementinha e pôr no teu umbigo pra ti ter um nenê, porque senão tu era condenada”* (T, 13 anos); **3.** *“É, tipo quando a gente quer conversar e tipo, “ah não quero conversá sobre isso”, daí... tipo eu, quero conversar sobre sexualidade com a minha mãe, mas a minha mãe não fala isso comigo”* (R, 13 anos); **4.** *“O máximo que a mãe me fala é: ‘Se tu for fazê alguma coisa, tu usa camisinha’ (...) A senhora camisinha... [risos]. É, o que eles mais falam... se previni...”* (K, 14 anos).

Este estudo foi submetido e aprovado, em seus aspectos éticos e metodológicos, pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Instituição de Ensino onde os pesquisadores atuam, sob o parecer nº 54850 e o Certificado de Apresentação para Apreciação

Ética nº 05022712.8.0000.5346. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelas participantes após terem sido esclarecidos os procedimentos a serem realizados, os objetivos e a justificativa da pesquisa.

As entrevistas e os grupos foram gravados e posteriormente transcritos. As informações foram analisadas através do método de Análise de Conteúdo, como proposto por Bardin (1977). Neste artigo, serão apresentados e discutidos os resultados das seguintes categorias: (1) Assuntos mais abordados com os adolescentes em relação à sexualidade; (2) Diferenças de gênero no diálogo sobre sexualidade com os filhos adolescentes; e (3) O que os adolescentes esperam dos pais. Estas categorias relacionam-se com os eixos norteadores 3, 4 e 7, conforme apresentados anteriormente.

RESULTADOS

1. “*Explicava pra eles que tem que se protegê, que tem que se cuidá*”: assuntos mais abordados com os adolescentes em relação à sexualidade

As mães participantes deram ênfase à prevenção de doenças e gravidez, com destaque para o uso da camisinha, como os assuntos relacionados à sexualidade mais tratados com os filhos adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do feminino. Esta questão pode ser visualizada nas falas a seguir.

M7: E a gente é bem aberta, sabe, até com o W, esse mais novo, a gente é bem aberto... A gente faz rancho... todo mês a gente faz rancho, a gente compra preservativo, a gente dá pra ele... Ele tá com 16 anos já, né. Então a gente previne bastante de doenças, essas coisas... M11: Eu peço pra elas usá camisinha, né. Pro guri também, né. M5: O que eu bato mais na... o que eu falo mais é sobre isso né, sobre a gravidez. (...) E falo muito sobre filho também, muito sobre filho, né. Eu

explico pra eles, eu mostro pra eles o trabalho que eu passei pra criá eles, né, e que filho não é bem assim... É isso mais que eu falo. E se elas me perguntam sobre uma doença também, eu esclareço, que é bem, né... M13: Eu acho que isso é o que os pais mais falam, se cuidá, se prevení...

Esta preocupação por parte das mães com relação às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez também se fez presente no estudo de Ressel *et al.* (2011). Tratou-se de uma pesquisa realizada com adolescentes do sexo feminino da cidade de Santa Maria, RS. As participantes relataram a preocupação de seus pais em protegê-las de possíveis riscos relacionados a relações sexuais sem proteção. Estudo da autora (Savegnago & Arpini, *in press.*), com adolescentes da mesma cidade, apresentou resultados semelhantes. As meninas participantes referiram que o assunto referente à sexualidade mais abordado na família era a questão preventiva, com ênfase especial para o uso da camisinha. Pesquisa de Macedo *et al.* (2013) junto a adolescentes apresentou um contexto marcado pela ausência de diálogo familiar sobre sexualidade. Nos raros relatos que indicavam que este diálogo acontecia, este se relacionava especificamente às questões reprodutivas, em especial aos cuidados para evitar-se uma gravidez indesejada.

Em contraponto a isso, um estudo realizado por Barbosa, Costa e Vieira (2008) constatou que a maioria dos pais relatou não conversar com os filhos sobre medidas preventivas para DST/HIV/AIDS ou sobre a prevenção à gravidez na adolescência. Eles afirmaram não saber falar sobre tais assuntos ou acreditavam que ainda não havia a necessidade de abordar esta temática junto aos adolescentes.

Segundo Ressel *et al.* (2011), é possível observar nas falas dos pais que ressaltam sobremaneira o uso dos métodos contraceptivos a utilização de uma abordagem familiar da sexualidade limitada ao ato sexual e voltada prioritariamente às questões preventivas. Para estes autores, a argumentação preventiva presente na fala dos pais, especialmente na da mãe,

pode representar sinais de uma sexualidade velada, pouco falada e que, quando trazida à tona, é tratada como uma questão perigosa, evidenciando-se seus possíveis riscos e prejuízos.

Cabe ressaltar que, nos dias atuais, além das preocupações gerais dos pais com a questão de como lidar com a adolescência dos filhos, um dos grandes problemas que vêm angustiando os adultos que têm filhos adolescentes é a iniciação sexual precoce. Esta questão traz consigo a preocupação com a possibilidade de contágio pelo vírus HIV, pois o número de adolescentes contaminados por este vírus vem crescendo. Esta questão se destaca no conjunto de preocupações dos genitores, pois as influências do contexto social no qual o adolescente está inserido, somadas às características de impulsividade e comportamento desafiador que com frequência manifestam-se neste período, podem resultar no envolvimento do mesmo em comportamentos considerados de risco, como a prática de relações sexuais sem proteção (Pratta & Santos, 2007).

A maioria das mães do presente estudo demonstrou estar consciente de que o exercício da sexualidade genital é uma realidade inegável na vida de seus filhos adolescentes. Desse modo, elas procuram orientá-los desde cedo com relação aos cuidados, pois parece ser esperado que a vida sexual dos mesmos se inicie bem cedo e esta iniciação parece não sofrer interdição por parte das mães, como demonstra a fala da participante M12: *A gente sabe que dizê que não é pra fazê não vai adiantá. Aí tem que dizê que eles têm que se previni, né*". De forma semelhante, o estudo de Ressel *et al.* (2011) mostra que, no discurso dos pais participantes, não havia indicação de proibição ou negação para a vivência da sexualidade, mas houve destaque para a prevenção da gravidez.

Ressalta-se a importância da preocupação dos pais com os cuidados a serem tomados pelo adolescente para a prevenção às doenças e à gravidez durante este período. Essa preocupação parece servir como motivação aos pais para a transmissão de importantes informações aos filhos, no sentido de assegurar uma vivência saudável da sexualidade genital.

M7: Às vez tá uma doença no filho lá e a gente não sabe. Aí eu digo “Qualquer coisa, se tu sentí uma cocerinha ou uma coisa estranha em ti, né, e tu não quisé falá pra mãe, e precisá ir no médico, tu só pede que a mãe te leva. Ou pede dinheiro pra mãe e vai no médico”. “Ah mãe, eu sei me cuidá”, ele diz assim. Mas a gente, dessa parte ali a gente tá sempre... eu mesma digo “Ah filho, tem dinheiro pra comprá preservativo? Te cuida, meu filho”. Às vez eu digo “Meu filho, esses preservativo não é só pra evitá doença, é pra evitá criança, evitá filho, evitá doença também...” E aí... isso aí eu sempre falo pra ele. Mas é aí e deu.

O depoimento da participante M7 sugere que ela se mostra aberta para conversar com o filho sobre o risco do contágio por doenças sexualmente transmissíveis e a prevenção das mesmas e da gravidez, dando um suporte importante ao adolescente. Vários estudos verificaram que o diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos tem forte influência sobre questões como gravidez na adolescência, iniciação sexual precoce e utilização ou não de métodos contraceptivos (Aquino *et al.*, 2006; Bozon & Heilborn, 2006; Dias & Gomes, 2000; Pick & Palos, 1995). Pesquisa realizada por Pick e Palos (1995) no México constatou que as adolescentes que conversavam com frequência sobre sexo com suas mães tinham menor probabilidade de iniciar a vida sexual precocemente e de engravidar durante a adolescência e mais chances de utilizar algum método contraceptivo. De forma semelhante, um estudo desenvolvido por Bozon e Heilborn (2006) mostrou que as adolescentes que receberam das mães informações sobre contracepção apresentaram mais probabilidade de utilizar proteção em sua primeira relação sexual, quando comparadas às adolescentes que não tiveram isto de suas mães.

No entanto, cabe ressaltar que o diálogo sobre sexualidade não poderia resumir-se às questões preventivas. A fala anterior da participante M7 parece indicar que o diálogo que ela estabelece com seu filho estaria focado exclusivamente em orientações sobre como evitar o

contágio por doenças sexualmente transmissíveis e/ou a ocorrência de gravidez. A própria mãe afirma que “é isso aí e deu”, ou seja, o diálogo sobre sexualidade parece não ir para além destas questões. Este discurso voltado apenas aos “cuidados” sugere que as mães parecem reduzir a questão da sexualidade ao ato sexual. No entanto, a sexualidade inclui o ato sexual como um de seus componentes, mas não é seu sinônimo.

Nesse sentido, Ferrari e Vecina (2002) salientam que a sexualidade, enquanto característica inerente ao ser humano, se manifesta e é construída desde o nascimento até a morte, envolvendo questões do relacionamento humano em suas diferentes formas. Segundo Oliveira (2012), a sexualidade pode ser compreendida como um conjunto de ações que geram prazer, o qual não é necessariamente alcançado pela via genital, conforme muitas vezes é considerado pelo senso comum. Assim, “ao contrário do conceito de sexo, a sexualidade humana constitui parte integral da personalidade humana, integrando experiências afetivas exclusivamente pessoais, aprendizados socioculturais de convivência, crenças e valores construídos ao longo da história” (Ferrari & Vecina, 2002, p. 114).

Estudo de Dias e Gomes (2000) mostra que os pais participantes não conseguiam transmitir aos filhos adolescentes informações sobre sexualidade de forma adequada, o que ocorria geralmente de forma fragmentada, reduzindo-se a recomendações como "te cuida" e "avise quando chegar a hora". Jones (2010) chama atenção para os casos em que o diálogo sobre sexualidade entre pais e adolescentes fica centrado em recomendações acerca dos cuidados para se evitar gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, enquanto as vivências afetivas e sexuais dos filhos recebem pouca atenção. No ponto de vista de Brandão (2004), as conversas sobre o tema no espaço familiar ocorrem ainda de forma pouco explícita. A autora aponta que são raras as famílias que conseguem tratar deste assunto com os filhos de forma direta, voltada para as experiências dos mesmos.

O aconselhamento das filhas adolescentes com relação ao uso da pílula anticoncepcional também se fez presente no discurso de algumas mães, as quais relataram que procuravam salientar a ideia de que a pílula não previne DST's e que essa prevenção só seria possível com o uso do preservativo. Isto pode ser visualizado nas falas que seguem.

M2: Porque eu sempre né... digo "Olha, a camisinha não é pra evitá uma gravidez. A camisinha é pra evitá uma DST. Tem que cuidá nessa parte de doença, por isso tem que usá camisinha. Tem sempre que usá a camisinha. Tu tem que tomá o remédio também pra evitá a gravidez". Então eu sempre conversei com ela sobre isso. Sempre pegava no posto aqui ou comprava, sempre... logo que elas começaram a ter relação. Eu digo que elas têm que tê junto no bolso e dá pro cara colocá. E dizê: "Se tu não qué te cuidá, eu me protejo". Eu digo: "Seja bem direta". Porque não é feio uma mulher querê se protegê. M15: Tem uma polêmica bem discutida lá em casa. A M é mais fechada, eu puxo mais assunto com ela. A gente cuida muito a gravidez precoce. Só que a pílula resolve a gravidez, mas não resolve as doença (...). Olha quantas doença que têm hoje em dia... é nisso que eu oriento muito ela. Digo pra ela, nós vamo te levá no médico, te ensiná a usá preservativo, porque nos dia de hoje, como dizem, tá naquela fogueira toda e quando vê... Tu não pode esquecê. Porque tomando remédio ela não vai engravidá, mas remédio não previne doenças.

Também chama atenção nas falas de algumas mães que possuem filhos adolescentes do sexo masculino a responsabilidade colocada sobre os mesmos com relação à prevenção da gravidez. Desse modo, a responsabilidade sobre esta questão parece ser cobrada pelas mães tanto dos rapazes quanto das moças, mas a preocupação parece ser maior com o fato de um filho engravidar uma menina do que uma filha vir a engravidar. As falas seguintes são ilustrativas destes aspectos.

M15: Eu digo pra ela que isso aí tem que cuidá muito. Porque um filho a gente passa trabalho, mas a gente cria. Agora têm umas doença aí que se tu pegá vai pro resto da tua vida. M9: Eu falo sobre os cuidados que se deve tê, sobre o comportamento, né. (...) e ele [filho] andô matando aula pra se

encontrá com uma menina. Daí chamei ele, “X, vem cá! Vamo conversá! O que que é isso? O que que tá acontecendo?”. E daí eu falei, né, eles não aceitam muito que a gente fale, né, é verdade, eles não aceitam que tu fale. Eu digo “Não, eu vô falá, porque as doenças tão aí, os riscos tão aí, tu tá te colocando em risco e às vez de outra pessoa, daqui a pouco tu tem um filho, né, daqui a pouco tu vai engravidá uma menina aí... E se tu engravidá uma menina, quem é que vai sofrê? A menina, em primeiro lugar, depois a criança e tu que vai tê que largá os teus objetivos pra criá teu filho”. Então, acredito que os meus são esclarecidos, assim.

O relato da mãe M9 salienta possíveis consequências negativas derivadas de uma situação de gravidez durante a adolescência. Pode-se pensar que não é à toa que uma das maiores preocupações das mães participantes resida na prevenção à gravidez, uma vez que muitas delas relataram ter engravidado durante a adolescência. A falta de informação e diálogo familiar sobre sexualidade foi apontada por elas como um dos principais fatores responsáveis pela ocorrência da gravidez em suas trajetórias.

2. “Pras guria tu sabe porque tu é mulher, mas pra guri é bem mais difícil”: diferenças entre meninos e meninas em relação ao diálogo sobre sexualidade

Apesar de uma das mães entrevistadas ter relatado não identificar diferenças na abordagem do tema da sexualidade com meninos e meninas, “M5: *Eu falo com os dois [meninos e meninas] da mesma maneira*”, a maioria das participantes referiu ter mais dificuldade para conversar com os filhos adolescentes do que com as filhas. O trecho a seguir ilustra tal constatação.

M7: Porque muitas vez temo eu e minha filha conversando, a gente tá numa boa conversando. Falando disso, daquilo... a gente conversa e tal. Daí os guri entram, acabô o assunto. A gente já fica... quieta, né. Eu acho que tem diferença sim. (...) Não é fácil pra mim conversá com os guri.

Algumas mães relataram sentimentos de despreparo e vergonha para falar sobre certos assuntos relacionados à sexualidade com os filhos de sexo masculino. Esse aspecto evidenciou-se nas falas abaixo.

M12: O meu de 15 anos fala, ele pergunta, mas eu, como eu sô mãe eu fico com vergonha. Eu fico com vergonha de respondê as coisas. Às vez ele fala declarado “Mãe, como é assim aquilo? Como é que é, mãe?”. E eu já fico com vergonha de respondê. Mas eu tenho que respondê. Daí eu sento com ele, respondo. M4: Ele pegô o aparelho e chegô bem faceiro “Ó mãe, nasceu uns pelinho e eu tirei”. “Mas meu filho, não pode tirá. E o teu pai não te explicô?”. “Não, não me explicô nada”. É umas coisa que tu fica mais... às vez tu fica perdida, né. Porque guri tu não sabe como vai fazê essa parte. Eu fico meia... Que como... tu é mãe, mas tu é mãe como pai. E tu tem duas função. Mas tu é só mãe, mas tu tem que fazê essas coisa, aí é difícil.

Para algumas mães, os filhos por vezes também parecem sentir vergonha e evitar falar sobre assuntos relacionados à sexualidade com as mesmas. Elas relatam que eles teriam mais abertura com outros familiares do sexo masculino, como pai, padrasto e/ou irmão, o que pode ser visualizado nos depoimentos a seguir.

M6: Acho que com guri é mais difícil, né. Com menino acho que é mais difícil a gente tê coragem de explicá, né. (...) Eles são mais acanhados, eu acho, né. Quando tu começa a explicá e eles já tão saindo de perto dizendo “Mãe, não precisa explicá coisa que eu já sei”, e já vão saindo, né. Quando eu tentava falá eles não escutavam, daí me escutavam às vez de longe, lá do quarto, iam lá pra sala aí eu tentava conversá. E eles diziam: “Lá vem a mãe com essas historinha de novo. A senhora não tem vergonha de conversá isso com nós”. Daí que eles me diziam... Eu acho que os guri são mais acanhado. (...) Eu tinha [vergonha], mas eu começava por longe... por longe, né, daí até que eu chegava onde eu queria chegá. Mas até que eu chegava no assunto com eles, eles já não tavam mais perto de mim. Já saiam... M7: Às vezes tu vai falá e eles não querem... principalmente os meninos, “Mãe, tu é mulher e é minha mãe”. Como é que eles vão falá comigo essas coisas?

Entendeu? (...) Acho que ele tem vergonha de conversá isso comigo. Eu acho que é isso que acontece... (...) Por eu ser a mãe, por eu ser mulher. (...) Então... eu acho que assim, comigo, em relação à mim ele se sente mais com vergonha. Mas com o pai dele e o irmão dele não.

Nestes trechos pode-se observar que, apesar das dificuldades relatadas para conversar sobre sexualidade com os meninos, as mães pareciam realizar tentativas para tanto. Porém, segundo as falas das mães, os filhos parecem fugir do assunto, dando a ideia de que já saberiam o suficiente, que teriam mais abertura com outros familiares (do sexo masculino), ou que sentiriam vergonha por falar sobre o assunto com as próprias mães.

Por outro lado, as mães relataram maior facilidade e abertura para conversar sobre a temática com as filhas adolescentes. “*M7: Com a filha é mais... mais prático. M10: Com as gurias eu era mais aberta, né, filha mulher, a gente é mais comunicativa. Até hoje, eu sô até hoje mais comunicativa com as minhas filhas, uma tem 27 e a outra tem 26*”. Neste sentido, destaca-se que, da mesma forma que as mães relataram uma maior facilidade para dialogar com as filhas sobre o tema, estudos realizados com adolescentes do sexo feminino mostraram a maior ocorrência do diálogo sobre o tema entre mães e filhas (Bozon & Heilborn, 2006; Ressel *et al.*, 2011; Savegnago, 2011.).

Pesquisa realizada por Bozon e Heilborn (2006) enfatiza as diferenças de gênero na socialização referente à sexualidade. Evidenciou-se que, para as adolescentes participantes do estudo, a mãe era considerada uma das principais fontes de informações referentes à gravidez e à contracepção. Por outro lado, o papel do pai diante destas questões foi considerado praticamente nulo. Os adolescentes do sexo masculino, por sua vez, referiram o pai como uma das fontes de informação sobre sexualidade. Esta questão também se fez presente do discurso de algumas mães participantes do presente estudo, como se pode observar no relato que segue.

M4: Eu acho um pouco difícil. Pra os guri é difícil. Pras guria tu sabe porque tu é mulher, mas pra guri é bem mais difícil. Porque pra homem tu não sabe muita coisa. Pra guria é mais... Pra guri não tem muita conversa com a mãe, é mais com o pai, né. Menina não. Menina chega mais perto da mãe e ela conversa, explica. Mas menino não... Aí que tu fica perdida né.

A fala de M4 coincide com um estudo realizado pela autora com adolescentes de grupos populares, que constatou esta diferenciação entre meninos e meninas em relação ao diálogo sobre sexualidade. As adolescentes relataram ser mais fácil conversar com a mãe do que com o pai, pois a mãe já teria passado pelas experiências que elas estavam passando, como a ocorrência da menstruação, e por isso saberia mais sobre assuntos relacionados ao sexo feminino. Por outro lado, o pai foi referenciado como alguém que estaria mais apto para falar com os meninos, uma vez que ele teria conhecimento das “*regras de guri*”, pois “*ele já foi guri um dia*” (Savegnago & Arpini, *in press.*).

No entanto, considerando-se os relatos das mães de que elas teriam mais facilidade e abertura para conversar sobre sexualidade com as filhas adolescentes e os pais com os filhos, como ficaria a situação dos meninos pertencentes a contextos de famílias monoparentais femininas ou onde o pai encontra-se pouco presente? Analisando-se os arranjos familiares no Brasil, destaca-se que, nas últimas décadas, houve um aumento considerável no número de famílias monoparentais, a maioria delas constituída pela presença da mãe com seus filhos (Berquó, 1998; Ferreira, 2001; Mello, 2002; Peres, 2001; Rizzini, 2001). Esta realidade evidenciou-se nos grupos focais e entrevistas do presente estudo, uma vez que, das 17 mães participantes, cinco constituíam famílias monoparentais. Segundo dados do IBGE, a proporção de mulheres sem cônjuges e com filhos subiu de 15,06%, em 1992, para 17,4%, em 2009. Observou-se ainda um crescimento significativo no índice de mulheres consideradas as pessoas de referências das famílias ou domicílios, passando de 16,99% em 1981 para 35,17% em 2009. Este aumento da proporção de famílias chefiadas por mulheres pode ser

consequência de vários fatores. Dentre eles, pode-se destacar a elevação do índice de separações e divórcios; o fato de a expectativa de vida feminina ser maior; o aumento do número de mulheres solteiras com filhos; a maior inserção da mulher no mercado de trabalho; e o surgimento de novas formas de união, como o casamento sem coabitação e a concepção de filhos sem que haja casamento (Berquó, 1998; Ferreira, 2001).

Dessa forma, nas famílias de grupos populares, as mulheres, em especial a mãe, vêm assumindo um papel fundamental na educação e cuidado dos filhos e na organização e sustento da casa (Amazonas, Damasceno, Terto, & Silva, 2003; Peres, 2001; Rizzini, 2001). Estudos têm apontado a mãe como a principal figura de referência nas famílias pertencentes a estes grupos, sendo vista muitas vezes como aquela que cuida, protege e se preocupa (Sarti, 2005). Desse modo, pode-se pensar que nestes casos a tarefa de dialogar sobre sexualidade com os filhos recai exclusivamente sobre a mãe.

A partir de estudo desenvolvido pela autora (Savegnago & Arpini, *in press.*), identificou-se que as meninas adolescentes apontavam que o pai geralmente não se mostrava aberto a elas para o diálogo sobre sexualidade. De forma semelhante, pesquisa realizada por Jones (2010) mostrou que dois terços das adolescentes entrevistadas nunca falaram sobre sexualidade com o pai.

Por outro lado, é possível que por vezes a mãe não se sinta preparada para dialogar com os filhos sobre este assunto, delegando ao pai esta tarefa, como fica evidente nas falas que seguem.

M4: Ah, eu disse pra ele “Tu explica coisa de homem pra ele, que essa parte eu não sei explicá... Que eu não sei muita coisa”. Tem alguma coisa aí que eu sei, mas... M10: E tem muitas coisas que eu digo pra ele “Conversa o teu pai”. Quando tem alguma coisa que ele vêm perguntá assim eu digo “Fala pro teu pai”. “Isso aí é com você, tu é homem, né. Por isso que o eu mando o J falá contigo”. Porque eu sô meia assim...

A participante M1 aborda a questão do diálogo sobre sexualidade com as filhas de forma diferente do que foi apontado pela maioria das mães participantes. Na perspectiva desta mãe, o pai teria melhores condições de abordar o tema com a filha adolescente.

M1: Não. Não, não, ele [marido] não falava nada, não comentava. Até eu falei que pra nossa filha tinha que comentá, falá bastante com ela, explicá bastante com ela. Como ele era pai, ele sabia o lado dele de homem, né. Que homem é diferente de mulher. Então ele tinha que explicá pra filha dele como é que era o jeito do homem, quando ela estivesse maior, mais grande, né, mais de idade. Que ele tinha que conversá com ela bastante sobre isso, como pai, né, explicá, falá com ela, né. Não tinha de não falá, porque a gente tem que explica pra ela: Ó, minha filha, é assim, assim, assim, né. O pai é homem, o pai sabe, o pai entende certas coisas. Eu disse pra ele que não precisava tê medo, tê vergonha, essas coisa assim, de falá com ela.

Este aspecto é concordante com a pesquisa de Castro, Abramovay e Silva (2004), na qual houve referência a situações em que havia uma melhor vinculação entre pai e filha no que se refere ao diálogo sobre sexualidade, em casos nos quais a mãe não apresentava abertura ou iniciativa para este tipo de conversa. Este aspecto também se fez presente na fala de M7: *“Porque... como tu vê... (risos). Eu sô... Eu se não fosse o F. [companheiro], muita coisa eu também não saberia conversá nada. É mais ele, né”*.

Neste sentido, destaca-se a existência de vários estudos que mostram pais mais participativos e presentes na vida familiar (Bustamante, 2005; Gomes & Resende, 2004; Silva & Piccinini, 2007; Souza & Benetti, 2008). Nas últimas décadas, surgiu o conceito do “novo pai”, o qual percebe a paternidade como uma oportunidade de expressar sentimentos, participando de maneira ativa no cuidado dos filhos e tendo uma relação igualitária com a parceira (Bustamante, 2005). Desse modo, a partir do reconhecimento deste pai mais presente,

nota-se que este ainda encontra-se em processo de transformação. Este pai transita ainda entre valores novos e tradicionais, mas mostra-se disposto a reconhecer seus sentimentos e suas ambivalências, na tentativa de exercer uma paternidade ligada ao afeto, ao cuidado e ao diálogo (Gomes & Resende, 2004).

3. “*Que adolescente acha que sabe tudo, né. (...) Mas acredito que eles buscam clareza*”: afinal, o que os adolescentes esperam dos pais?

Estudos vêm destacando que a sociedade atual encontra-se marcada pela presença intensa da temática sexo/sexualidade em diversos contextos. Assim, o adolescente está constantemente em contato com estímulos relacionados à sexualidade e pode acessar com facilidade uma ampla variedade de informações sobre o assunto (Cano & Ferriani, 2000; Predebon, 2002; Valdés, 2005). Esta realidade muitas vezes pode confundir os pais com relação ao saber dos filhos sobre a temática, levando-os a acreditar que o adolescente saberia o suficiente.

No entanto, evidencia-se que, apesar do amplo acesso a informações sobre sexualidade, não significa que as dúvidas dos adolescentes com relação ao tema tenham sido resolvidas. Desse modo, os pais não poderiam ser liberados de sua importante tarefa no tratamento do tema (Savegnago & Arpini, *in press.*).

Neste sentido, as mães participantes das entrevistas foram convidadas a falar sobre o que acreditavam que os adolescentes esperavam dos pais em relação às questões que envolvem a sexualidade. Algumas delas referiram que por vezes os filhos parecem acreditar que sabem mais que os próprios pais em relação ao assunto e, por isso, não esperariam dialogar com eles sobre o tema.

M2: Olha, o que os adolescentes de hoje esperam... não esperam nada. Os adolescentes não esperam nada. Os adolescentes de hoje eles pensam, eles agem e eles acham que sabem mais que os pais. E muitas vezes sabem. Que os pais nem conversam com eles sobre nada.

A participante M9, por sua vez, apresentou tanto a percepção de que os adolescentes já teriam informações suficientes sobre o assunto quanto a ideia de que, apesar disso, eles esperariam esclarecimentos e abertura para o diálogo por parte dos pais.

M9: Isso é muito relativo, né, isso vai muito assim em relação o que eles esperam... que os pais sejam companheiros, que quando eles vêm perguntá alguma coisa, que os pais deem uma resposta clara. Eu, pra mim é isso. Já outros não querem falá, né. Que nem os meus, às vezes eu vô falá alguma coisa e eles falam assim “Ai mãe, já vai começá?”. Isso é uma frase que se ouve muito dos adolescentes: “Já vai começa. Por que tu qué se metê na minha vida? Não sei por que fica falando essas coisas comigo, que eu sei...”. Que adolescente acha que sabe tudo né, eles acham que os pais não sabem nada. Eles não olham pelo lado que tu já viveu, que tu já teve experiência, que se tu vai abordá alguma coisa é porque tu já teve experiência naquilo ali. Mas acredito que eles buscam clareza, né, nas respostas daquilo ali que eles vêm buscá.

Em relação a este aspecto, Dias & Gomes (1999) sinalizam para situações em que os pais supõem que os filhos estejam bem informados em relação às questões que envolvem a sexualidade. No entanto, pode ocorrer que as percepções que os genitores possuem em relação ao adolescente no que se refere à sexualidade não correspondam à realidade vivenciada pelo mesmo e ao que ele realmente demanda dos pais. Um exemplo dessa disparidade entre a percepção dos pais e do adolescente encontra-se em um estudo de Pick e Palos (1995), realizado no México. Os autores apontam casos em que adolescentes relataram mais dificuldade na comunicação sobre sexo/sexualidade com seus pais do que estes pais afirmavam perceber. Além disso, os adolescentes consideraram o nível de comunicação com

seus pais sobre sexo menor do que o grau de comunicação que os pais afirmaram ter com seus filhos.

Dessa forma, cabe ressaltar que, por mais que os adolescentes tenham informações sobre sexualidade, ou se mostrem pouco receptivos as orientações familiares, isso não prescinde os pais de assumir sua tarefa. Neste sentido evidenciam-se falas de mães que acreditam que o adolescente espere abertura dos pais para o diálogo sobre o tema.

M1: Esperam que a gente vá explicá o que a gente sabe pra eles, né, uma coisa boa, não uma coisa ruim, né. Os pais nunca vão... como diz o ditado, botá o filho pro mato, levá o filho pras coisa errada, né, nunca, jamais, né. Sempre vai tentá o bom, o melhor pros filho. M5: De mim eu acho que eles esperam companheirismo assim... podê contá comigo... seria isso. Eu acho, né... podê falá também... eu acho que é isso...

Como retratam alguns dos estudos aqui utilizados, é difícil saber exatamente o que esperam os adolescentes de seus pais. Contudo, supor que os filhos esperam algo de seus pais em relação a esse tema parece ser uma tarefa que se mantém mesmo quando o volume de informações e estímulos parece ser por vezes excessivo. Assim, os pais precisariam estar sempre dispostos e preparados para lidar, através de um diálogo aberto, com as dúvidas, curiosidades e inquietações que vão surgindo (Predebon, 2002), pois o desejo de saber sobre o assunto estará sempre presente no adolescente (Savegnago, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, destaca-se a importância de se atentar para a necessidade de que os diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos não fiquem limitados às questões relativas à prevenção de doenças e gravidez. Cabe ressaltar que o diálogo sobre sexualidade não poderia

resumir-se às questões preventivas, uma vez que a sexualidade inclui o ato sexual como um de seus componentes, mas não pode ser considerada seu sinônimo.

Além disso, o diálogo sobre sexualidade deveria ir além da simples transmissão de informações, pois demanda que os pais ultrapassem várias barreiras para alcançarem proximidade e sintonia com o momento existencial e as experiências pelos quais o filho adolescente está passando. Tanto o pai quanto a mãe tem um papel fundamental na construção da sexualidade de seus filhos, sendo o diálogo sobre o tema uma tarefa que deveria ser assumida por ambos.

Apesar da temática da sexualidade encontrar-se bastante exposta na sociedade atual, os pais não estariam des-responsabilizados de assumir seu papel fundamental no tratamento deste tema com seus filhos, em especial os adolescentes. Estes podem ter acesso a informações através de outros meios, como internet, televisão e amigos, mas isso não substitui o diálogo familiar, o qual pode fornecer ao adolescente os valores e crenças próprios da família a qual pertence, além de ser, na maioria das vezes, o espaço mais seguro onde ele pode expor suas dúvidas, angústias e ideias sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (2007). O adolescente e a liberdade. (S. M. G. Ballve, Trans.). In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (pp. 13-23). Porto Alegre, Brasil: Artmed. (Original published in 1981)
- Almeida, A. C. C. H. & Centa, M. L. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a Enfermagem. *Acta Paul Enferm*, 22(1), 71-76.

- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(num. esp.), 11-20.
- Aquino, E. M. L., Almeida, M. da C., Araújo, M. J., & Menezes, G. (2006). Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, M. Bozon, & D. R. Knauth (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 309-360). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond e Fiocruz.
- Barbosa, S. M., Costa, P. N. P. e Vieira, N. F. C. (2008). Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 16(6), 1-7.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa, Portugal: Editora 70.
- Berquó, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In L. M. Schwarcz (Ed.), *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Borges, A. L. V., Latorre, M. do R. D. de O., & Schor, N. (2007). Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(7), 1583-1594.
- Borges, A. L. V., Nichiata, L. Y. I., & Schor, N. (2006). Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 14(3), 422-427.
- Bozon, M., & Heilborn, M. L. (2006). Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, M. Bozon, & D. R. Knauth (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 155-206). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond e Fiocruz.

- Brandão, E. R. (2004). Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In M. L. Heilborn (Ed.), *Família e sexualidade* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Brasil. (2005). *Política Nacional de Assistência Social – PNAS*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.
- Cano, M. A. T., & Ferriani, M. G. C. (2000). A família frente à sexualidade dos adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 13(1), 38-46.
- Cardoso, M. R. (2008). Transgressão pulsional e geracional: a perpetuação da adolescência. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Eds.), *Destinos da adolescência* (pp. 69-80). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106.
- Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (2000). Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 109-125.
- Duque-Arazola, L. S. (1997). O cotidiano sexuado de meninos e meninas e situação de pobreza. In F. R. Madeira (Ed.), *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (pp. 343-402). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- Ferrari, D. C. A., & Vecina, T. C. C. (2002). O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Ágora.

- Ferreira, F. P. M. (2001). A família brasileira hoje: estrutura, dinâmica, distribuição de papéis, demanda por serviços. In M. Stengel *et al* (Eds.), *Políticas públicas de apoio sociofamiliar* (pp. 71-84). Belo Horizonte, Brasil: PUC Minas.
- Gaskell, G. (2005). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gubert, D., & Madureira, V. S. F. (2008). Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(Sup 2), 2247-2256.
- Gubert, F. A., Vieira, N. F. C., Pinheiro, P. N. C., Oliveira, E. N., & Costa, A. G. M. (2009). Cuidado de enfermagem na promoção do diálogo mãe e filha adolescente: estudo descritivo. *Online brazilian journal of nursing*, 8(3).
- Guimarães, A. M. D. N., Vieira, M. J., & Palmeira, J. A. (2003). Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 11(3), 293-298.
- Heilborn, M. L. (2012). Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicologia Clínica*, 24(1), 57-68.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2009. Retrieved in Nov 1, 2012 from <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1981-1990. Retrieved in Nov 1, 2012 from <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>
- Jones, D. E. (2010). Diálogos entre padres y adolescentes sobre sexualidad: discursos morales y médicos en la reproducción de las desigualdades de género. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(32), 171-82.

- Knobel, M. (2007). O adolescente e a liberdade. (S. M. G. Ballve, Trans.). In A. Aberastury, & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (pp. 24-62). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1981)
- Levisky, D. L. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Macedo, S. R. H., Miranda, F. A. N., Pessoa Junior, J. M., & Nobrega, V. K. M. (2013). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(1), 103-109.
- Mello, S. L. (2002). Família: perspectiva teórica e observação factual. In M. C. B. Carvalho (Ed.), *A família contemporânea em debate* (pp. 51-60). São Paulo, Brasil: EDUC / Cortez.
- Oliveira, D. L. (2012). Sexo e saúde na escola: isso não é coisa de médico? In D. E. E. Meyer et al. (Eds.), *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens* (pp. 103-112). Porto Alegre, Brasil. Editora Mediação.
- Peres, V. L. A. (2001). Concepções de família em população de periferia urbana. In S. M. G. Sousa (Ed.), *Infância, adolescência e família* (pp. 217-230). Goiânia, Brasil: Cânone Editorial.
- Pick, S., & Palos, P. A. (1995). Impact of the family on the sex lives of adolescents. *Adolescence*, 30(119), 667-675.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.
- Predebon, J. C. (2002). Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In A. Wagner. (Ed.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 159-171). Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Ressel, L. B., Junges, C. F., Sehnem, G. D., Sanfelice, C. (2011). A influência da família na vivência da sexualidade. *Escola Anna Nery (impr.)*, 15(2), p. 245-250.
- Rizzini, I. (2001). Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais. In S. M. G. Sousa, & I. Rizzini (Eds.), *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (pp. 23-44). Goiânia, Brasil: Cãnone editorial.
- Sarti, C. A. (2004). O jovem na família: o outro necessário. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Eds.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 115-129). São Paulo, Brasil: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Sarti, C. A. (2005). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Savegnago, S. D. O. (2011). *Conversando sobre sexualidade na família: o olhar de meninas de grupos populares*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Brasil.
- Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (in press.). Diálogos sobre sexualidade na família: reflexões a partir do discurso de meninas. *Psicologia Argumento*.
- Siqueira, A. C., Arpini, D. M., & Savegnago, S. D. O. (2011). Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Aletheia*, 34, 109-122.
- Silva, M., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Sousa, L. B., Fernandes, J. F. P., & Barroso, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19(4), 408-13.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1(2), 61-71.

Takiuti, A. D. (1997). A saúde da mulher adolescente – 1993. In F. R. Madeira (Ed.), *Quem mandou nascer mulher? estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (pp. 213-290). Rio de Janeiro, Brasil: Record/Rosa dos Tempos.

Valdés, T. (2005). Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In M. L. Heilborn, L. F. D. Duarte, C. Peixoto, & M. L. de Barros (Eds.), *Sexualidade, família e ethos religioso* (pp. 315-342). Rio de Janeiro, Brasil: Garamond.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados e da discussão proposta, evidencia-se que grande parte dos relatos das mães sobre o diálogo sobre sexualidade com seus filhos vieram acompanhados de narrativas sobre suas próprias vivências durante a adolescência. Essas vivências têm uma estreita relação com a forma como essas mães lidam com seus filhos adolescentes no que se refere às questões que envolvem a sexualidade, seja pela repetição do que foi experienciado, seja pela busca por fazer diferente.

O retrato apresentado por essa pesquisa mostra que ainda há muitos desafios no que se refere ao estabelecimento de um diálogo aberto e saudável entre pais e filhos adolescentes. No entanto, se compararmos os relatos das mães referentes à sua própria adolescência com a forma como elas afirmam abordar o tema atualmente com seus filhos, pode-se dizer que houve muitos avanços nesse sentido.

Apesar de por vezes não sentirem-se preparadas para abordar o tema da sexualidade com os filhos, de acordo com seus relatos, a maioria das mães pareceu esforçar-se para conduzir isso de uma forma diferente da realizada por seus próprios pais. Elas afirmaram não querer que os filhos passem pelas mesmas dificuldades que elas vivenciaram por conta do silenciamento familiar. Trata-se assim de um movimento importante realizado por essas mulheres e que merece ser reconhecido.

Durante a elaboração do projeto desta pesquisa, a pesquisadora inicialmente questionou-se sobre como as mães reagiriam a uma proposta de estudo que envolvia o tema da sexualidade, por tratar-se de um tema delicado e por vezes difícil de ser falado. No entanto, as mães participantes foram bastante receptivas à proposta de pesquisa e pareciam confiantes e seguras para abordar o tema da sexualidade. Certamente esta receptividade à proposta não foi geral, uma vez que muitas mães convidadas não vieram a participar da pesquisa. É possível que para muitas dessas mães o tema tenha causado resistências. Poderia-se pensar que um dos motivos que levou as mães que aceitaram o convite e compareceram à entrevista ou ao grupo focal de fato pode ter sido desejo falar sobre esse tema e relatar suas histórias e vivências familiares por considerá-las importantes/significativas.

Foi possível constatar, a partir da realização deste estudo, que assim como há mães que relatam dificuldades no estabelecimento deste tipo de diálogo, há mães que afirmam ter facilidade nesse sentido. Além disso, é importante considerar o contexto no qual foi realizada esta pesquisa. O intuito deste estudo não foi generalizar os resultados aqui apresentados, mas

apresentar de forma ampla e profunda as concepções das mães de adolescentes participantes do estudo, pertencentes a um contexto específico, a respeito dos diálogos sobre sexualidade com seus filhos.

Quanto às possíveis contribuições da Psicologia em relação a esta questão, sugere-se que, em espaços de atenção à saúde pública onde haja inserção do psicólogo, como Centros de Referência em Assistência Social, Unidades Básicas de Saúde, escolas e projetos sociais, sejam criadas ações voltadas para a educação sexual. Estas ações poderiam ser desenvolvidas através de oficinas e grupos de discussão voltados para pais e mães de adolescentes, oferecendo aos mesmos estratégias para melhor lidar com as demandas dos adolescentes referentes a essa temática.

Por fim, destaca-se a importância da triangulação de métodos na realização desta pesquisa. Uma vez que, ao realizarem-se grupos focais e entrevistas semiestruturadas, foi possível apreender de forma mais profunda a realidade estudada, do que se fosse utilizado apenas um instrumento. Desse modo, salienta-se que os objetivos propostos por este trabalho foram alcançados. Muitos dos resultados foram ao encontro do que a literatura já apresentou sobre o tema. Além disso, através deste estudo pôde-se ampliar a visão sobre o assunto em questão.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981/2007. p. 13-23.

AMAZONAS, M. C. L. A.; DAMASCENO, P. R.; TERTO, L. M. S.; SILVA, R. R. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 11-20, 2003.

AQUINO, E. M. L. *et al.* Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In: HEILBORN, M. L. *et al.* (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. p. 309-360.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1975/1981.

ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M.; GONÇALVES, C. S. Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 28, n. 63, p. 325-336, out./dez. 2010.

BARBOSA, S. M.; COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 6, p. 1-7, nov./dez. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 1977.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 411 – 438.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1962/1998.

BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. do R. D. de O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da

zona leste do município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1583-1594, jul. 2007.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 422-427, jun. 2006.

BOZON, M.; HEILBORN, M. L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN M. L. *et al.* (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. p. 155-206.

BUSTAMANTE, V. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 393-402, set./dez. 2005.

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 63-86.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069/1990. Brasília, 1990.

BRASIL. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**. Brasília: Ministério da Saúde. Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2005.

BRASIL. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANO, M. A. T.; Ferriani, M. G. C. A família frente à sexualidade dos adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 38-46, 2000.

CARDOSO, L. R. D.; FIGUEIREDO, T. F. B.; PECORARI, E. P. D. N. Escolas do ensino fundamental estão desenvolvendo programa de orientação sexual? **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 25, n. 51, p. 385-391, out./dez. 2007.

CARVALHO, M. C. B. O lugar da família na política social. In: _____. **A família contemporânea em debate** São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. p. 15-22.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Parâmetros para atuação de assistentes sociais e psicólogos(as) na Política de Assistência Social**. Brasília: CFP/CFESS, 2007.

DELUZ, A. O campo da história e da antropologia. In: DELUZ, A. *et al.* (Org.). **A crise de adolescência: debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 130-139.

DESPRATS-PÉQUIGNOT, C. **A psicopatologia da vida sexual**. Campinas: Papyrus, 1992/1994.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 79-106, jan./jun. 1999.

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. O cotidiano sexuado de meninos e meninas e situação de pobreza. In: MADEIRA, F. R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERREIRA, F. P. M. A família brasileira hoje: estrutura, dinâmica, distribuição de papéis, demanda por serviços. In: STENGEL, M. *et al.* (Org.), **Políticas públicas de apoio sociofamiliar**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001. p. 71-84.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FONSECA, C. A outra família brasileira: antropologia, desigualdade e diferença. In: _____. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 13-23.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996. vol. VII. p. 117-231.

FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1940 [1938]/1996. vol. XXIII. p. 151-221.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996. vol. XIV. p. 115-144.

GARCIA, J. C. **Problemáticas da identidade sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 64-89.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, mai./ago. 2004.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 79-108.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, supl. 2, p. 2247-2256, 2008.

GUBERT, F. A.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. C.; OLIVEIRA, E. N.; COSTA, A. G. M. Cuidado de enfermagem na promoção do diálogo mãe e filha adolescente: estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 8, n. 3, dez. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2009**. Retrieved in Nov 1, 2012 from <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1981-1990**. Retrieved in Nov 1, 2012 from <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/>

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, Brasil: Vozes, 2000.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. (Org.). **Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163-176.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

KEHL, M. R. **A fratria órfã: conversas sobre a juventude**. São Paulo, Brasil: Olho D'Água, 2008.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

KNOBEL, M. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981/2007. p. 24-62.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LA ROBERTIE, L. O adolescente e a família. In: DELUZ, A. *et al.* (Org.). **A crise de adolescência: debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 58-60.

MANNONI, M. Apresentação. In: DELUZ, A. *et al.* (Org.). **A crise de adolescência: debates entre psicanalistas, antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 9-13.

MASOTTA, O. **O comprovante da falta**: lições de introdução à psicanálise. Campinas: Papirus, 1987.

MATOS, M. G. Psicologia da Saúde, saúde pública e saúde internacional. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 3, n. 22, p. 449-462, set. 2004.

MELLO, S. L. Classes populares, família e preconceito. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 123-130, 1992.

MELLO, S. L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. p. 51-60.

MONTEIRO, L. P.; CARDOSO, N. A. Família e criação de filhos. In: SOUSA, S. M. G.; RIZZINI, I. (Org.). **Desenhos de família**: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais. Goiânia: Cênone editorial, 2001. p. 95-115.

MOURA, A. F. M.; PACHECO, A. P.; DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 437-446, out./dez. 2011.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira**: a base de tudo. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1994. p. 26-46.

PERES, V. L. A. Concepções de família em população de periferia urbana. In: SOUSA, S. M. G. (Org.). **Infância, adolescência e família**. Goiânia: Cênone Editorial, 2001. p. 217-230.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

PICHON-RIVIÉRE, E. **O processo grupal**. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2005.

PICK, S.; PALOS, P. A. Impact of the family on the sex lives of adolescents. **Adolescence**, v. 30, n. 119, p. 667-675, 1995.

PREDEBON, J. C. Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena:** tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 159-171.

PRETO, N. G. Transformações do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 223-247.

RAPPAPORT, C. R. **Adolescência:** abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2010.

RIZZINI, I. Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais. In: SOUSA, S. M. G.; RIZZINI, I. (Org.). **Desenhos de família:** criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone editorial, 2001. p. 23-44.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. p. 73-88.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, B. R. **Estratégia de saúde da família e o atendimento aos adolescentes.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. p. 39-49.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 115-129.

SARTI, C. A. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo, Brasil: Cortez, 2005.

SAVEGNAGO, S. D. O. **Conversando sobre sexualidade na família:** o olhar de meninas de grupos populares. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. (no prelo). Diálogos sobre sexualidade na família: reflexões a partir do discurso de meninas. **Psicologia Argumento**, Curitiba.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. **Conversando sobre sexualidade na família**. Departamento de Psicologia, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, M.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 561-573, out./dez. 2007.

SIQUEIRA, A. C.; ARPINI, D. M.; SAVEGNAGO, S. D. O. Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Aletheia**, Canoas, n. 34, p. 109-122, abr. 2011.

SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. C. Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 61-71, dez. 2008.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

TAKIUTI, A. D. A saúde da mulher adolescente – 1993. In: MADEIRA, F. R. (Org). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 213-290.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, Vozes, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**: MDT. 8ª. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

VALDÉS, T. Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, M. L. *et al.* (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 315-342.

WAGNER, A. Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena:** tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23-38.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Entrevistas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Pesquisadora Responsável: Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini.

Contato: Rua Floriano Peixoto, 1750, 3º andar. Telefone: (55) 3220-9231

Mestranda: Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Contato: binasavegnago@yahoo.com.br Telefone: (55) 99063433

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto “Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares”.

Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo conhecer o entendimento de mães de grupos populares sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de diálogo sobre este tema com seus filhos adolescentes. Tal objetivo se fundamenta na necessidade de um aprofundamento sobre a temática, a fim de que se possa pensar em ações que possam repercutir na saúde e no bem estar dos adolescentes e suas famílias.

Participarão deste estudo mães de adolescentes, que estejam frequentando o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS- Oeste), de Santa Maria/RS. A percepção das mães sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de conversação do tema com os filhos adolescentes será coletada a partir da realização de entrevistas, com duração de cerca de uma hora, a serem realizadas por uma mestranda em Psicologia da UFSM que conduzirá cada entrevista. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas para análise qualitativa. As identidades das participantes serão mantidas em sigilo e as informações serão utilizadas para fins de pesquisa, sem identificação do nome das participantes. A participação na pesquisa não gerará custo nem recompensa financeira para as participantes.

As participantes poderão solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros

assuntos relacionados com a pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sem que isto lhes traga prejuízo. Considerando a técnica a ser utilizada para a realização desta pesquisa, bem como o fato de que esta não tem por objetivo testar nem experimentar nenhum procedimento novo, julga-se, portanto, a existência de riscos mínimos para as participantes. Contudo, caso sejam identificadas situações, durante a realização das entrevistas, de desconforto psicológico (em virtude de experiências pregressas das participantes), nesse momento a pesquisadora responsabilizar-se-á por avaliar a situação e, se houver necessidade de atendimento psicológico, encaminhará a participante a um serviço de atendimento psicológico. Os benefícios para as participantes poderão decorrer da disponibilidade de escuta oferecida pelas pesquisadoras. Além disso, os benefícios decorrentes dos resultados do estudo são a produção de conhecimentos importantes que possam servir de apoio, estímulo e orientação para ações de prevenção e promoção da saúde do adolescente.

Todo o material desta pesquisa será mantido em sigilo no Departamento de Psicologia/UFSM, sendo destruído após cinco anos da realização dessas entrevistas.

Agradecemos a colaboração das participantes e da instituição na realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora-orientadora do projeto, Prof^ª. Dr^ª. Dorian Mônica Arpini, que pode ser contatada pelo telefone: (55) 3220-9231 e com a mestranda em psicologia Sabrina Dal Ongaro Savegnago, pelo telefone (55) 99063433. Os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM são: Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – Sala 702 – Camobi – Santa Maria; telefone: (55) 3220-9362.

Data: ___/___/___

Participante.

Responsável pelo Projeto.

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Grupos Focais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Pesquisadora Responsável: Prof^ª. Dr^ª. Dorian Mônica Arpini.

Contato: Rua Floriano Peixoto, 1750, 3º andar. Telefone: (55) 3220-9231

Mestranda: Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Contato: binasavegnago@yahoo.com.br Telefone: (55) 99063433

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto “Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares”.

Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo conhecer o entendimento de mães de grupos populares sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de diálogo sobre este tema com seus filhos adolescentes. Tal objetivo se fundamenta na necessidade de um aprofundamento sobre a temática, a fim de que se possa pensar em ações que possam repercutir na saúde e no bem estar dos adolescentes e suas famílias.

Participarão deste estudo mães de adolescentes, que estejam frequentando o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS- Oeste), de Santa Maria/RS. A percepção das participantes sobre a relação entre sexualidade e a possibilidade de conversação do tema com os filhos adolescentes será coletada a partir da realização de grupos focais, com duração de cerca de uma hora, a serem realizados por uma mestranda em psicologia da UFSM que assumirá a coordenação dos grupos. Os grupos focais serão gravados e posteriormente transcritos para análise qualitativa. As identidades das participantes serão mantidas em sigilo e as informações serão utilizadas para fins de pesquisa, sem identificação do nome das participantes. A participação na pesquisa não gerará custo nem recompensa financeira para as participantes.

As participantes poderão solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sem que isto lhes traga prejuízo. Considerando a técnica a ser utilizada para a realização desta pesquisa, bem como o fato de que esta não tem por objetivo testar nem experimentar nenhum procedimento novo, julga-se, portanto, a existência de riscos mínimos para as participantes. Contudo, caso sejam identificadas situações, durante a realização dos grupos focais, de desconforto psicológico (em virtude de experiências pregressas das participantes), nesse momento a pesquisadora responsabilizar-se-á por avaliar a situação e, se houver necessidade de atendimento psicológico, encaminhará a participante a um serviço de atendimento psicológico. Os benefícios para as participantes poderão decorrer da disponibilidade de escuta oferecida pelas pesquisadoras e das possíveis mudanças qualitativas decorrentes do debate promovido nos grupos.

Todo o material desta pesquisa será mantido em sigilo no Departamento de Psicologia/UFSM, sendo destruído após cinco anos da realização desses grupos.

Agradecemos a colaboração das participantes e da instituição na realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora-orientadora do projeto, Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini, que pode ser contatada pelo telefone: (55) 3220-9231 e com a mestrandia em Psicologia Sabrina Dal Ongaro Savegnago, pelo telefone (55) 99063433. Os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM são: Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – Sala 702 – Camobi – Santa Maria; telefone: (55) 3220-9362.

Data: ___/___/___

Participante.

Responsável pelo Projeto.

Apêndice C: Termo de autorização institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa intitulado: **Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares.**

Dessa forma, como representante legal da Sociedade Assistencial e Educativa Mãe Admirável (SAEMA), gestora dos CRAS em Santa Maria, RS, autorizo a realização da pesquisa nas dependências do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Oeste), bem como autorizo a utilização dos dados coletados por essa em apresentações em eventos acadêmicos e/ou publicações em artigos e revistas científicas.

Entendo que o Departamento de Psicologia da UFSM manterá em sigilo a identidade dos participantes, sendo que os dados coletados serão arquivados na referida instituição, sob responsabilidade da pesquisadora-orientadora do projeto, Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini.

Santa Maria, 20 de junho de 2012.

Jacinta Webler
Diretora-Presente da SAEMA

Apêndice D: Termo de Confidencialidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Conversando sobre sexualidade com filhos adolescentes: o olhar de mães de grupos populares

Pesquisador responsável: Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini

Instituição/Departamento: UFSM/Departamento de Psicologia

Contato: Rua Floriano Peixoto, 1750, 3º andar. Telefone: (55) 3028-0936

Local da coleta de dados: Centro de Referência e Assistência Social (Oeste), Santa Maria, RS.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados a partir de entrevistas e grupos focais, através de gravação, no Centro de Referência e Assistência Social – Oeste. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no (a) sala número 320 do Dept^o. de Psicologia da UFSM por um período de 5 anos, sob a responsabilidade da Prof^a. Pesquisadora Dorian Mônica Arpini. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., com o número do CAAE

Santa Maria,.....dede 20.....

.....
Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini, CI: 1010251914
Professora Efetiva do Departamento de Psicologia da UFSM

Apêndice E: Ficha de Dados Sociodemográficos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ficha de dados sociodemográficos

Identificação da participante:

Nome: _____

Idade: _____

Ocupação: _____

Escolaridade: _____

Religião: _____ () Praticante () Não praticante

Número de filhos: _____

Idade e sexo do(s) filho(s): _____

Outros familiares que residem na casa: _____

Configuração familiar: _____

Apêndice F: Eixos norteadores das entrevistas

- 1- Abordagem do tema sexualidade na família;
- 2- Diálogos sobre sexualidade com o filho adolescente;
- 3- Assuntos relacionados à sexualidade que são abordados;
- 4- Diferenças entre conversar com meninos e conversar com meninas sobre este tema. Se existem, quais são;
- 5- Barreiras e dificuldades para que haja esse tipo de conversa com os filhos. Facilitadores para que estes diálogos aconteçam. Se existem, quais são e como funcionam;
- 6- Necessidade/importância de se tratar do tema da sexualidade com os filhos;
- 7- O que os adolescentes esperam dos pais em relação às questões envolvendo a sexualidade neste período do desenvolvimento.

Apêndice G: Vinhetas disparadoras dos grupos focais

1. *“Eles acham que a gente não tá preparada pra sabê daquilo. Mas a gente tá preparada. Tá chegando a idade, a gente tem que sabê disso. A gente tá na idade de sabê essas coisas” (E, 13 anos);*
2. *“É, tipo quando a gente quer conversar e tipo, “ah não quero conversá sobre isso”, daí... tipo eu, quero conversar sobre sexualidade com a minha mãe, mas a minha mãe não fala isso comigo” (R, 13 anos);*
3. *“A minha mãe me contava: Se tu beijava tu ia engravidá e daí se tu beijava assim, o homem tinha que comprá uma sementinha e pôr no teu umbigo pra ti ter um nenê, porque senão tu era condenada” (T, 13 anos);*
4. *“O máximo que a mãe me fala é: ‘Se tu for fazê alguma coisa, tu usa camisinha’ (...) A senhora camisinha... [risos]. É, o que eles mais falam... se previni...” (K, 14 anos).*